

Universidade de Lisboa



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada:

Leitura Extensiva - O papel das actividades e dos materiais  
na motivação dos alunos

Maria Adelaide Pereira Ferreira

Mestrado em Ensino de Inglês e Alemão  
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

2011

Universidade de Lisboa



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada:

Leitura Extensiva - O papel das actividades e dos materiais  
na motivação dos alunos

Maria Adelaide Pereira Ferreira

Professor Doutor Carlos Gouveia

Mestrado em Ensino de Inglês e Alemão  
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

2011

## RESUMO

O presente relatório descreve a Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Inglês e Alemão no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, pelo que reflecte o percurso da leccionação das aulas na turma E do 3º Ciclo do Ensino Básico da Escola Básica e Secundária Passos Manuel.

As unidades curriculares descritas tiveram como principais objectivos: 1) motivar os alunos para a leitura em Língua estrangeira através de materiais, actividades e tarefas apelativas; 2) desenvolver nos alunos hábitos de leitura; 3) incentivar os alunos a escrever pequenos textos, adequados ao objectivo e à situação. 4) promover mecanismos de compreensão e interpretação de textos.

Numa primeira fase, foi elaborado um Questionário intitulado *Reading and You* no qual os alunos deram conta das suas preferências literárias e da sua dificuldade/facilidade e interesse/desinteresse em ler em Inglês. Verificou-se que a maioria dos alunos não gosta de ler em Inglês, pelo que se tornou necessário proceder a uma intervenção didáctica e pedagógica relativas à leitura extensiva através da planificação e leccionação das aulas, no sentido de motivar os alunos para a leitura.

Ao longo das aulas foram desenvolvidas actividades sequenciadas que culminaram numa tarefa final de aula e, por fim, de unidade curricular. Os instrumentos de avaliação foram de natureza formativa e contínua, pela observação do envolvimento dos alunos na execução das actividades e tarefas.

Os resultados obtidos corroboram a importância dos materiais e actividades para um aumento da motivação dos alunos, na medida em que no final das unidades curriculares os alunos detinham uma atitude positiva e activa perante a leitura em Língua Estrangeira.

## **ABSTRACT**

This report describes the Supervised Teaching Practice within the scope of the Mestrado em Ensino de Inglês e Alemão no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário thus it portrays the English classes teaching path for the 9<sup>th</sup> grade from Passos Manuel E.B.S school.

The main objectives of the units were: 1) motivate students to read in foreign language using appealing materials and activities; 2) develop reading habits; 3) encourage students to write small texts appropriated to the objective and situation; 4) promote mechanisms of comprehension and interpretation of texts.

In a first phase one elaborated a Questionnaire named *Reading and You* in which students referred their literary preferences as well as their difficulties/facilities and interest/disinterest in reading in English. One verified that most of the students did not like reading in English due to their difficulty with vocabulary, therefore it was necessary to proceed in terms of a didactic and pedagogic intervention through planning and teaching, in order to motivate students to read.

Throughout the lessons sequenced activities were developed which ended in the final task of the lesson and of the unit. The evaluation was mainly formative and continuous, through the observation of the work of students concerning the activities and tasks.

The results confirm the importance of material and activities to increase the motivation of students towards reading, as at the end of the units the students had a positive and active attitude reading in English.

# ÍNDICE GERAL

	<b>Página</b>
<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – Caracterização da Escola Básica e Secundária Passos Manuel</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo II – Caracterização da turma – 9º E</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo III – Enquadramento das Unidades Curriculares no Currículo Nacional</b>	<b>23</b>
<b>Capítulo IV – Objectivos e Estratégias das Unidades Curriculares</b>	<b>37</b>
<b>Capítulo V – Descrição das aulas realizadas – Materiais e Tarefas, Métodos e Técnicas utilizadas</b>	<b>45</b>
<b>Capítulo VI – Explicitação das Estratégias de Ensino e de Avaliação concebidas</b>	<b>67</b>
<b>Capítulo VII – Reflexão Crítica</b>	<b>77</b>
<b>Conclusão</b>	<b>83</b>
<b>Apêndices</b>	<b>85</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>147</b>
<b>Anexos</b>	<b>150</b>

## INTRODUÇÃO

*Are students reluctant to read? Do they seem bored or under stress? Do they come to reading class with fear and trepidation?*

Day and Bamford (1998: 3)

Se é verdade que a maioria dos alunos não gosta de ler, mostrando desagrado por actividades de leitura, também é verdade que a escola nem sempre desempenha um papel activo e manifestamente importante na promoção de motivação para a leitura. Todavia, a leitura extensiva, objecto motivador da prática de ensino supervisionada descrita no presente relatório, contribui de forma significativa para o desenvolvimento linguístico, comunicativo e intercultural dos alunos, "possibilitando a aprendizagem de línguas estrangeiras como a construção de uma competência plurilingue e pluricultural", como referido no *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais* (CNEB: 39).

Efectivamente, a análise e compreensão de textos por meio da leitura extensiva promove uma consciencialização por parte do aluno da importância da leitura no desenvolvimento das suas competências comunicativas.

Todavia, para que a leitura extensiva seja eficaz, algumas questões devem ser colocadas previamente. No meu caso pessoal, considero importantes três questões, a que procurei responder aquando da planificação das unidades curriculares e leccionação das aulas: i) quais os benefícios da leitura extensiva? ii) Qual a motivação dos alunos para ler em língua estrangeira (LE)? iii) Quais as estratégias de motivação a implementar?

Tendo consciência do contributo da leitura para o desenvolvimento transversal das competências dos alunos, procurei traçar estratégias e técnicas de motivação através dos materiais e actividades, de forma a desenvolver nos alunos gosto pela leitura, sem contudo descurar a existência de diferentes alunos na sala de aula, para os quais foram desenvolvidas diferentes

abordagens de ensino, tendo uma vista uma forma de ensino diferenciada respeitadora das especificidades de cada aluno.

Para dar conta da descrição da prática de ensino supervisionada no presente relatório, optei por dividi-lo em sete capítulos, estruturados da forma que passo a enunciar. No primeiro capítulo, farei referência às características da Escola Básica e Secundária Passos Manuel, onde ocorreu a prática de ensino supervisionada, dando conta das especificidades da escola e do contexto económico, social e cultural em que está inserida.

No segundo capítulo, procederei a uma análise das características gerais e específicas da turma 9º E do Ensino Básico, dando conta da relação dos alunos com a escola e com a família. Desenvolverei ainda uma análise sumária relativamente ao historial de retenções dos alunos e actividades extra-curriculares. A análise das características da turma é ponto fulcral para o desenvolvimento de metodologias pedagógicas, uma vez que o professor deve saber adaptar a sua prática de ensino às especificidades dos alunos. No terceiro capítulo, procurarei enquadrar de forma pormenorizada as unidades curriculares leccionadas, tendo por base princípios motivadores de estratégias de leitura extensiva e o modo como esta é enquadrada no Currículo Nacional do Ensino Básico e no Programa de Inglês do 3º Ciclo.

Por sua vez, o quarto capítulo incidirá a sua importância na teorização das noções de objectivo e de estratégia, procurando responder às questões que se vieram a concretizar nas aulas leccionadas, e descritas no capítulo V: o que pretendo alcançar, para quê, para quem e de que forma?

No capítulo VI, explicitarei as estratégias de ensino, nomeadamente no que diz respeito à escolha dos textos *A Christmas Carol*, de Charles Dickens, e *The Hitchhiker*, de Roald Dahl, e no que diz respeito à construção das actividades e materiais usados ao longo da leccionação das duas unidades curriculares, tendo em vista a concretização do objectivo geral a que me propus: aquisição de hábitos de leitura pelos alunos. Explicitarei ainda as diferentes

formas de avaliação que ocorreram ao longo das aulas, nomeadamente no que diz respeito à avaliação contínua.

Por fim, o último capítulo constituirá uma reflexão crítica acerca das aprendizagens desenvolvidas e das dificuldades encontradas ao longo do processo referente à prática de ensino supervisionada. Na conclusão, darei conta dos resultados obtidos no que respeita ao cumprimento dos objectivos, realçando a importância da aplicação de diversas estratégias de acordo com as especificidades dos alunos.

Termino a introdução com uma citação de Katherine Paterson (data: pág.), para salientar a importância da leitura no desenvolvimento da imaginação dos alunos:

“It is not enough to simply teach children to read; we have to give them something worth reading. Something that will stretch their imaginations-something that will help them make sense of their own lives and encourage them to reach out toward people whose lives are quite different from their own.”

Esta citação demonstra, ainda, o carácter formativo da leitura enquanto potenciadora de uma tomada de consciência de si mesmo em oposição aos outros, que contribui para o alargamento das mundivivências do aluno. Cabe, assim, a cada professor desenvolver, em sala de aula, espaços propícios ao desenvolvimento global das competências do aluno, de forma a garantir uma maior eficácia do processo de ensino-aprendizagem.





## **CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA**

### **PASSOS MANUEL**

O presente capítulo pretende caracterizar, de forma genérica, a Escola Básica e Secundária Passos Manuel, dando conta de aspectos relativos à história do edifício em si, à constituição e oferta educativa, pessoal docente e não docente, bem como de aspectos relativos à comunidade escolar e meio envolvente, projecto educativo e projecto de intervenção.

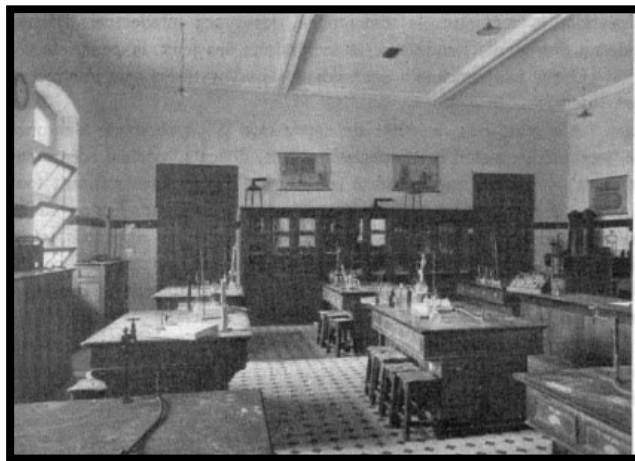
A história do edifício ocupado pela Escola Básica e Secundária Passos Manuel pode ser vista sob dois olhares, um de ontem e um de hoje, como escreveu Fernando Faria no texto "Passos Manuel: um projecto de reabilitação arquitectónica de um liceu histórico" No olhar de ontem, podemos começar por dizer que o Liceu Passos Manuel foi criado em 1836, com a designação de Liceu Nacional de Lisboa. Após longos anos de sucessivas mudanças, instalou-se definitivamente em 1911 num edifício situado na freguesia das Mercês, nos terrenos entre os Conventos de Jesus e dos Paulistas (*vd.* imagem 1.1). A nove de Janeiro desse mesmo ano foi leccionada a primeira aula.



**Imagem 1.1** – Antigo Liceu Nacional de Lisboa, 1911

A organização do edifício correspondia, na altura, aos novos objectivos e orientações pedagógicas viradas para o ensino científico-experimental, com a criação de espaços destinados unicamente ao ensino da física e da electricidade. Por questões de segurança, o laboratório de Química (*vd.* imagem 2) foi

construído num edifício exterior ao edifício central. O espaço escolar era ainda composto por espaços destinados a jogos e à prática de exercício físico, espaços para refeições, um jardim que viria a servir de suporte para as aulas de Botânica e também uma biblioteca.



**Imagem 1.2** – Antigo gabinete de Química

No olhar de hoje, será de destacar que o Liceu Passos Manuel, hoje designado de Escola Básica e Secundária Passos Manuel, integrada no Agrupamento Vertical de Escolas Baixa-Chiado, foi alvo de uma intervenção arquitectónica profunda, quer de preservação, quer de modernização, imposta pelas novas necessidades da comunidade escolar. A Escola de hoje é uma escola de massas, com uma comunidade escolar de mais de 1000 utilizadores diários; desta forma, quer o desgaste físico do edifício, quer a própria evolução dos processos de ensino/aprendizagem vieram acelerar a necessidade de uma remodelação estrutural. Veja-se a planta do edifício após a intervenção arquitectónica no Anexo 1.

O projecto de intervenção teve início em 2008. Na sua execução foram tidas em conta as características originais do edifício. No entanto, numa tentativa de responder às necessidades da comunidade educativa, foram criadas novas valências funcionais como a implantação de um elevador panorâmico que garante acessibilidade ao edifício principal, um campo de jogos exterior com

novas dimensões e ainda dois grandes ginásios para a prática desportiva interior.

O Agrupamento Vertical de Escolas Baixa-Chiado abrange escolas e alunos distribuídos por catorze freguesias (Mercês, Santa Catarina, São Paulo, Santos-o-Velho, Encarnação, São Mamede, São José, Mártires, Coração de Jesus, Pena, Sacramento, Santa Isabel, Santa Justa e São Nicolau), na zona envolvente da baixa lisboeta.

O Agrupamento é constituído por dez estabelecimentos de ensino, quatro Jardins de Infância, cinco Escolas Básicas do 1º Ciclo e uma Escola Básica e Secundária (Escola E.B.S. Passos Manuel – Sede).

No ano lectivo de 2008/2009, o agrupamento era composto por 1705 alunos, sendo que 1002 alunos pertenciam à Escola Secundária com 2º e 3º Ciclos Passos Manuel. Os 1002 alunos estavam distribuídos por doze turmas no 2º ciclo e vinte turmas no 3º ciclo do Ensino Básico, por nove turmas do Ensino Secundário relativas a cursos científico-humanísticos (Ciências e Tecnologia e Línguas e Humanidades), por sete turmas dos cursos profissionais (Artes do Espectáculo-Interpretação, Informática–Programação e Gestão de Sistemas Informáticos, Comércio–Marketing, Relações Públicas e Comunicação), e por três turmas de cursos de educação extra-escolar (Português para Estrangeiros e um curso de alfabetização em regime pós laboral).

Os horários dos alunos do 2º e 3º Ciclos e do Ensino Secundário estão distribuídos por dois turnos, entre as 8h20m e as 18h35m. No 2º e 3º Ciclos a maioria das turmas não atinge o limite máximo de alunos por turma (28). A elaboração e a constituição das turmas seguem critérios de ordem pedagógica, aprovados em Conselho Pedagógico.

A zona correspondente ao Agrupamento Vertical de Escolas Baixa-Chiado caracteriza-se por uma população envelhecida, embora tal fenómeno esteja a ser contrariado por recentes fluxos migratórios de estrangeiros. Trata-se de uma zona de grande incidência de desemprego e sub-emprego, em que a

maioria dos habitantes tem baixas qualificações académicas e profissionais. Por este motivo, as zonas envolventes estão classificadas como zonas de grande fragilidade social e identificadas pelas autoridades policiais nas imediações da escola como focos de marginalidade e de criminalidade. Segundo descrito no Projecto de Intervenção da Escola, trata-se, ainda, de uma zona classificada de intervenção prioritária pelo Instituto da Droga e Toxicodependência.

Uma vez que o contexto social, económico e cultural das zonas onde se insere o Agrupamento Vertical de Escolas Baixa-Chiado pode potenciar riscos de insucesso e exclusão, o Agrupamento faz hoje parte do Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), uma classificação da responsabilidade do Ministério da Educação. O Programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP2) foi relançado através do Despacho Normativo nº55/2008, de 23 de Outubro de 2008, e visa a territorialização de políticas educativas segundo critérios de prioridade e de discriminação positiva em contextos socioeducativos particulares<sup>1</sup>.

A partir da identificação dos problemas dentro e fora da comunidade escolar, é possível, através do projecto TEIP, criar e disponibilizar a todos os alunos, independentemente da sua condição socioeconómica, recursos materiais e humanos que respondam às necessidades dos mesmos, criando as condições necessárias à melhoria dos resultados escolares dos alunos, contribuindo, deste modo, para um aumento das suas expectativas e consequentemente, transformando-os em cidadão responsáveis e activos na comunidade.

A maioria dos agregados familiares dos alunos pertence a estratos sociais fragilizados e economicamente carenciados ou muito carenciados. O agrupamento agrega ainda alunos provenientes de nove diferentes instituições de acolhimento de crianças e jovens, tuteladas pelo Estado ou por instituições de solidariedade social. Fazem ainda parte do agrupamento alunos oriundos de

---

<sup>1</sup> [www.dgidc.min.pt/TEIP/Paginas/default.aspx](http://www.dgidc.min.pt/TEIP/Paginas/default.aspx)

outras culturas, sendo a maioria proveniente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), assim como de países asiáticos e da Europa de Leste.

Segundo o Projecto Educativo 2008-2010, no ano lectivo de 2008-2009, 842 alunos recebiam apoio dos Serviços de Acção Social. No que diz respeito à situação familiar, 530 alunos viviam em situação de monoparentalidade, 68 alunos eram provenientes de instituições de acolhimento e 45 alunos pertenciam a famílias sinalizadas pelas organizações de protecção de menores.

As taxas de sucesso escolar no Agrupamento são de 95% no 1º Ciclo, 85% no 2º Ciclo e de 74% no 3º Ciclo e Ensino Secundário. No ano lectivo acima referido, as taxas de abandono escolar foram consideravelmente baixas, situando-se entre 1%, no 1º Ciclo, e 8%, no 10º ano, destacando-se ainda a total ausência de abandono escolar no 12º ano.

Relativamente ao comportamento, é no 2º e 3º Ciclos que se regista o maior número de problemas de ordem disciplinar considerados graves e/ou muito graves, requerendo a intervenção dos órgãos de gestão.

O número de docentes do agrupamento é de 188, distribuídos da seguinte forma: cinco educadoras, 36 professores do 1º Ciclo, 34 professores do 2º Ciclo, 108 do 3º Ciclo e Ensino Secundário e cinco professores do ensino especial.

No que diz respeito ao grupo de não docentes, o agrupamento tem 64 funcionários, constituídos por um Psicólogo, 48 Auxiliares de Acção Educativa, doze Assistentes Administrativos, dois Técnicos de Acção social Escolar e um Guarda-nocturno.

A gestão da Escola Básica e Secundária Passos Manuel é garantida por um Director, por uma equipa de apoio ao director composta por cinco professoras, pelo conselho administrativo composto por um director, por uma subdirectora e por um chefe de serviços administrativos. Fazem ainda parte dos órgãos de gestão o conselho pedagógico e conselho geral. O conselho

pedagógico é composto pela Coordenação de Directores de Turma, composta por três elementos, que reúne duas vezes por período com todos os directores de turma, pelo Centro de Novas Oportunidades (CNO), pela Coordenação das Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC), que está a cargo de um professor que se reúne quatro vezes por ano com o Núcleo de Pilotagem das AEC, e pela Coordenação da Componente de Apoio à Família. Os serviços técnicos e técnico-pedagógicos são compostos pelo Núcleo de Ensino Especial, constituído por professores de ensino especial que dão apoio a alunos com necessidades educativas especiais, pelo Serviço de Psicologia e Orientação, constituído por um Psicólogo e por uma professora conselheira de orientação vocacional, pelo Serviço de Acção Social Escolar, que é constituído por dois técnicos de acção social, e pelo Centro de Documentação e Informação que inclui um conjunto de diversas unidades documentais do agrupamento.

Para a representação dos seus órgãos de gestão a escola produziu um organograma que apresento no Anexo 2.

No que diz respeito à intervenção junto dos alunos, o grande objectivo que se pretende atingir é a melhoria das aprendizagens, por meio de um maior envolvimento dos alunos no seu próprio processo de aprendizagem, e a melhoria das competências pessoais e sociais, com a diminuição da indisciplina. Para tal será necessário que os alunos, não só se envolvam na auto-avaliação das suas aprendizagens e comportamentos mas também nas reflexões e decisões sobre a vida escolar e os problemas que os afectam.

Ao nível da gestão e organização do processo educativo, os objectivos passam pela qualificação do pessoal docente, por meio do aprofundamento de competências de gestão pedagógica e da mudança de práticas, visando a melhoria das metodologias de ensino.

No que diz respeito à intervenção junto da comunidade, os objectivos concentram-se no aumento da participação dos Encarregados de Educação na vida escolar dos seus filhos, na melhoria das expectativas dos Encarregados de

Educação face à escola, bem como na integração das comunidades imigrantes na vida comunitária. As propostas de intervenção passam pela implementação de um gabinete de apoio ao aluno e à família, pela realização de eventos e encontros culturais abertos a toda a comunidade, pelo desenvolvimento de projectos com e na comunidade, e pela produção de eventos festivos e actividades que valorizem todas as culturas presentes na comunidade escolar e educativa.

De uma forma geral, a Escola Básica e Secundária Passos Manuel é uma escola que se distingue de muitas outras, na medida em que faz parte do seu projecto uma intervenção focada nas aprendizagens independentemente do estrato social a que os alunos pertencem. Por outro lado, trata-se de uma escola que aposta fortemente na formação do pessoal docente e não docente, com o objectivo de atingir todas as metas a que se propõe, quer a nível do ensino/aprendizagem quer a nível da integração da comunidade na vida da escola. Desta forma, posso afirmar que a Escola Básica e Secundária Passos Manuel é efectivamente de uma escola inclusiva, cujo principal objectivo é formar jovens conscientes e participativos na vida em sociedade.

Após ter dado conta das características da Escola Básica e Secundária Passos Manuel passo de seguida, no segundo capítulo, a descrever as características dos alunos da turma E do 3º Ciclo do Ensino Básico.



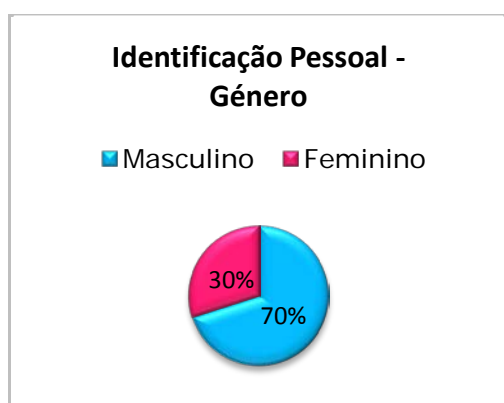


## CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO DA TURMA - 9º E

O principal objectivo deste capítulo é a caracterização da turma na qual ocorreu a prática de ensino supervisionada. Nele serão abordadas algumas questões relacionadas com a faixa etária, nacionalidade, agregado familiar e vida escolar dos alunos.

No presente capítulo serão analisadas as características gerais dos alunos, como a idade, nacionalidade e historial de retenções; a relação família/escola, o tempo dispendido pelos alunos na deslocação escola/casa; a vida escolar dos alunos e as actividades extra-curriculares, e por fim, a distribuição dos alunos na sala de aula e a sua consequência no aproveitamento escolar dos mesmos.

O 9ºE foi a turma observada e acompanhada aquando da prática de ensino supervisionada no decorrer do final do primeiro período e início do segundo período do ano lectivo 2010-2011. Esta turma é composta por vinte alunos, dos quais catorze são rapazes e seis são raparigas (ver gráfico 1).



**Gráfico 1 – Identificação pessoal – Género**

**Gráfico 2 – Idade dos alunos**

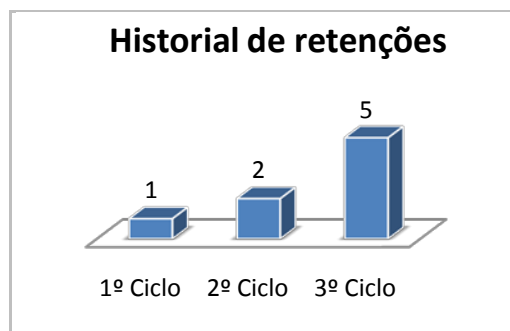
No início do ano lectivo, a idade dos alunos estava compreendida entre os treze e os dezassete anos, como indica o gráfico 2; porém, a maioria dos alunos tinha já completado mais um ano de idade aquando da prática de ensino supervisionada.

Por volta dos catorze anos, idade média dos alunos do 9º ano, os jovens entram numa nova fase: a adolescência - período de desenvolvimento entre a infância e a idade adulta. É um período caracterizado por muitas mudanças fisiológicas acompanhadas por mudanças emocionais, cognitivas e sociais, que muitas vezes determinam o comportamento do jovem e a sua aceitação no grupo.

“Quem sou eu?” é a pergunta característica desta fase, em que o adolescente se coloca muitas vezes numa posição de egocentrismo. Contudo, os amigos desempenham um papel importante na vida do jovem adolescente e o sucesso da relação de pares pode ser determinante para o seu auto-conceito e a sua auto-estima.

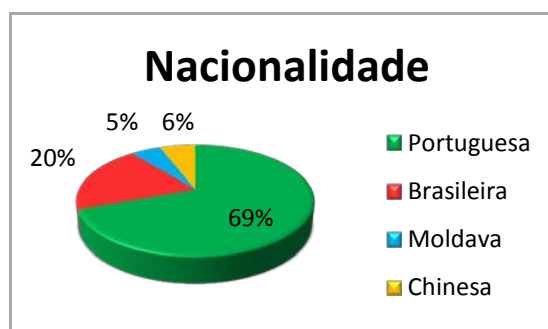
Esta fase caracteriza-se pela constante busca da identidade, o que cria um certo grau de tensão entre as suas tentativas para se tornarem independentes dos pais e a sua dependência real dos pais, dando origem a experiências de conflito emocional. Deste modo, a fase em que se encontram os alunos desta turma pode, por si só, desencadear momentos de alguma instabilidade. Contudo, no respeito a esta turma em particular, o facto de haver uma certa heterogeneidade relativa à idade pode ser considerado factor determinante no comportamento dos alunos na sala de aula, devido a um desajustamento de estratégias que envolvam todos os alunos, evitando que a linguagem, a metodologia e o conteúdo se tornem inalcançáveis para os mais novos ou desinteressantes para os mais velhos,

No que diz respeito ao seu passado escolar, alguns dos alunos têm um historial de retenções, como indica o gráfico 3, pelo que a sua idade não corresponde à idade habitual de frequência deste ano de escolaridade. A maioria das retenções ocorreu já neste 3º Ciclo do Ensino Básico, em que se destaca uma aluna que foi retida duas vezes. Apenas um aluno regista uma retenção no 1º Ciclo do Ensino Básico.



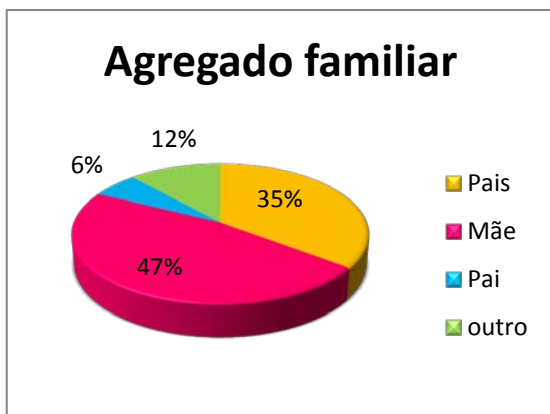
**Gráfico 3 – Historial de retenções**

Como se pode verificar pela leitura do gráfico 4, a maioria dos alunos é de nacionalidade portuguesa. É de realçar que existem seis alunos que nasceram no estrangeiro, nomeadamente no Brasil (três alunos), Moldávia (um aluno) e China (um aluno). No contexto escolar, esta turma não se destaca pela heterogeneidade, uma vez que existem outras turmas com uma população multicultural superior.

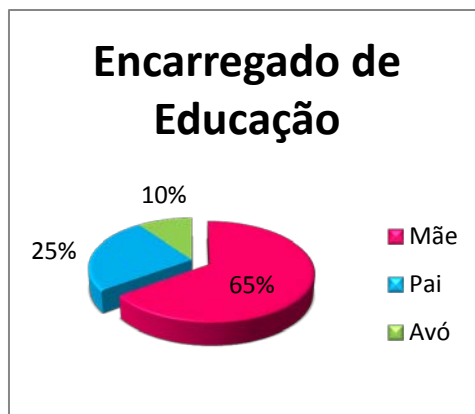


**Gráfico 4 – Nacionalidade**

Quanto ao agregado familiar, o gráfico 5 indica que a família da maioria dos alunos (doze) é monoparental. Dez alunos vivem com a mãe e dois alunos vivem com outros membros da família para além da mãe ou do pai. Apenas seis alunos vivem com ambos os pais (35 %). O papel de encarregado de educação é maioritariamente desempenhado pela mãe, como podemos verificar a partir da leitura do gráfico 6. Apenas em 25% dos casos é desempenhado pelo pai e em 10% pelo avô.



**Gráfico 5 – Agregado familiar**

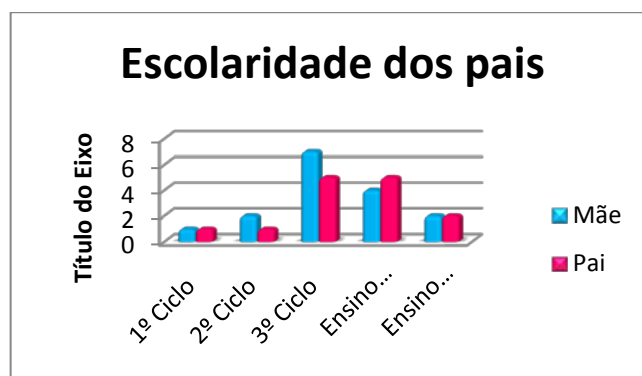


**Gráfico 6 – Encarregado de Educação**

No que diz respeito ao nível académico dos pais, foram considerados os seguintes parâmetros: 1º, 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico, Ensino Secundário e Ensino Superior.

Os dados de que dispomos relativos à escolaridades dos Encarregados de Educação e/ou pais dos elementos da turma, demonstram que mais de 80% dos pais cumpriram ou o Ensino Básico ou o Ensino Secundário e mais de 10% apenas completaram ou frequentaram o 1º ciclo do Ensino Básico. Apenas em dois casos temos a frequência do Ensino Superior. Da observação do gráfico 7, concluímos que existe uma grande percentagem de pais com 3º ciclo e uma pequena percentagem de pais com cursos superiores.

Considerando uma caracterização socioeconómica dos alunos da turma, registe-se que seis deles têm apoio socioeconómico: três alunos estão abrangidos pelo escalão A e três alunos pelo escalão B do sistema SASE (Serviços de Acção Social Escolar).

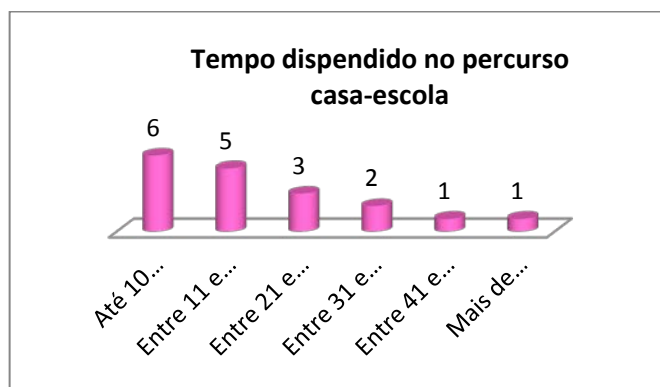


**Gráfico 7 – Escolaridade dos pais**

O tempo de deslocação para a escola é em média pouco elevado, uma vez que a maioria dos alunos (onze) demora entre 10 e 20 minutos de casa à escola. Cinco alunos

demoram entre vinte e quarenta minutos. Dois alunos demoram mais de quarenta minutos no seu percurso entre casa e a escola.

Observemos o gráfico 8, representativo do tempo de deslocação:

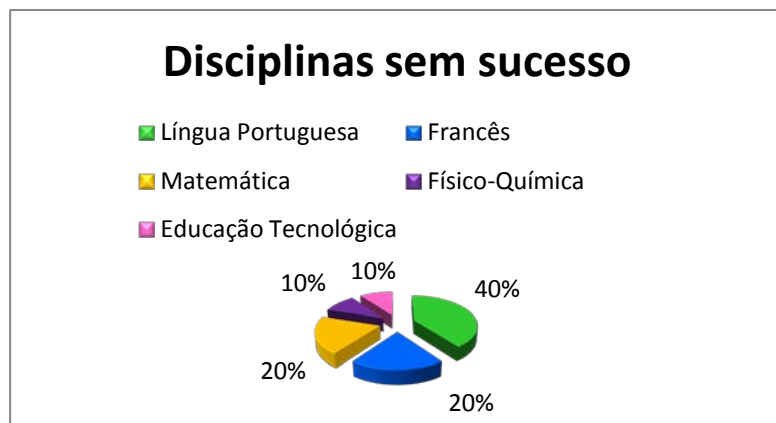


**Gráfico 8 – Tempo dispendido no percurso casa-escola**

Trata-se, portanto, de um conjunto de alunos cuja zona de residência é na área envolvente à escola, possibilitando-lhes de ir a casa e voltar, sempre que assim se justificar, como é o caso dos tempos mortos e horas de almoço.

Relativamente ao aproveitamento escolar, a maioria dos alunos tem aproveitamento em todas as disciplinas. Apenas quatro alunos registam insucesso em algumas disciplinas, tais como Língua Portuguesa, Francês, Matemática, Físico-Química e Educação Tecnológica. Contudo, a distribuição do insucesso pelas disciplinas acima referidas não é homogénea. Vejamos: a disciplina de Língua Portuguesa é comum aos quatro alunos, dois alunos apresentam insucesso a Matemática e a Francês, apenas um aluno tem insucesso a Físico-química e um outro a Educação Tecnológica. Apenas dois alunos têm insucesso a três disciplinas ao mesmo tempo.

Vejamos o seguinte gráfico ilustrativo das percentagens de insucesso nas disciplinas acima referidas:

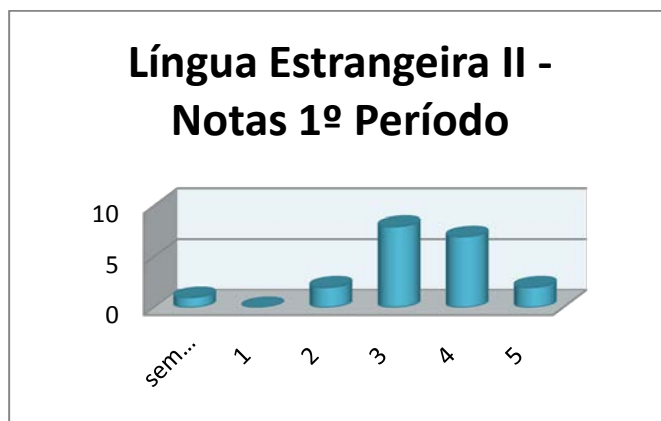


**Gráfico 9 – Disciplinas sem sucesso**

Quanto à disciplina de inglês, as notas foram na grande maioria dos alunos positivas, registrando-se apenas duas negativas, de alunos que demonstram muitas dificuldades a nível oral e escrito. Saliento ainda um outro aluno sem avaliação nas línguas - Língua Portuguesa, Língua Estrangeira I e Língua Estrangeira II -, por se tratar de um aluno recentemente imigrado da Moldávia.

A média das notas da turma é de 4 (3,47), na escala de 0-5. Sete alunos tiveram classificação de três e seis alunos classificação de quatro. Apenas dois alunos obtiveram uma classificação de 5. Qualitativamente, podemos classificar o nível de inglês desta turma de Bom.

No gráfico 10, é visível o descritivo das notas de Inglês do primeiro Período:



**Gráfico 10 – Língua Estrangeira II – Notas 1º Período**

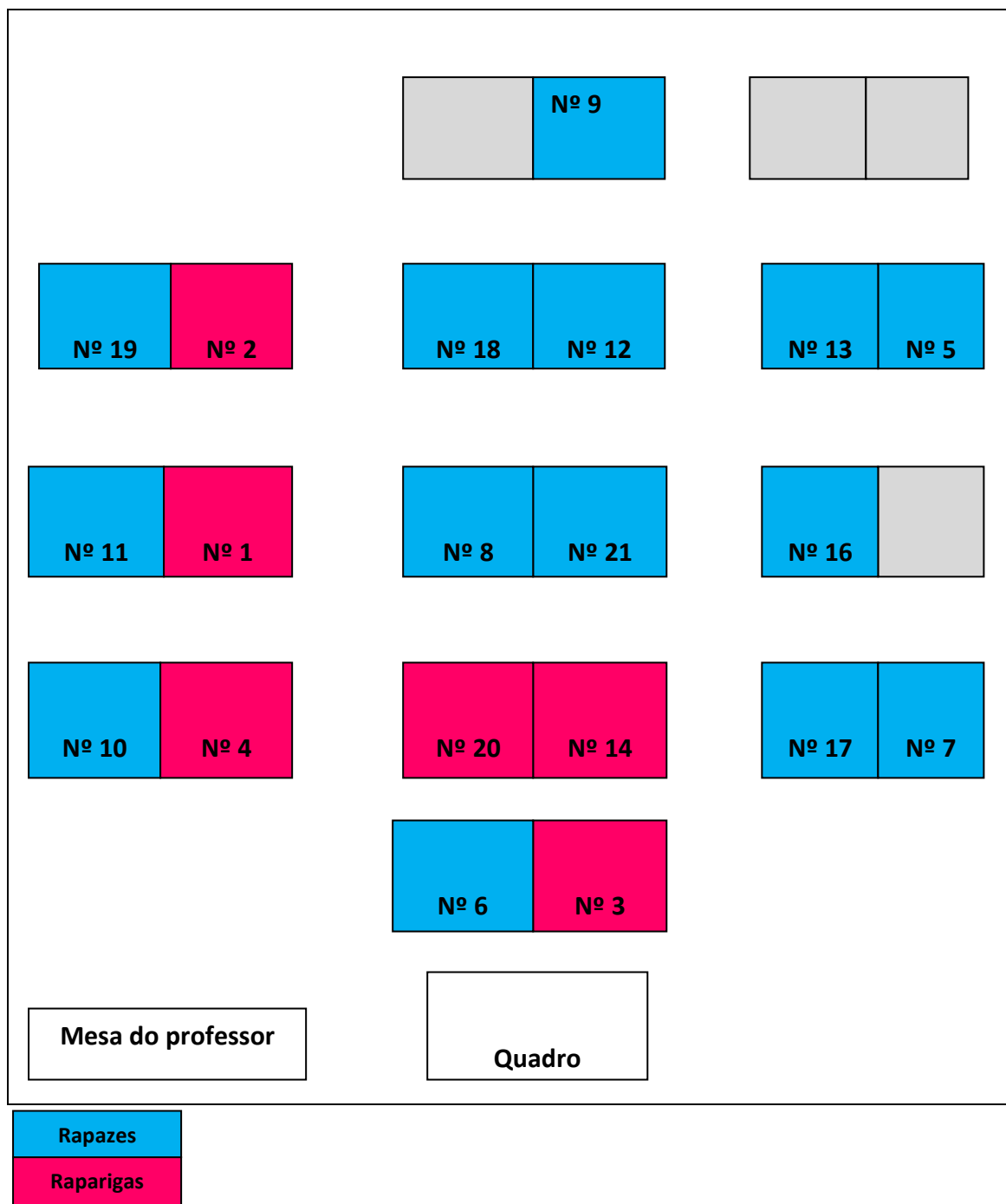
Analiseemos agora o gráfico 11, ilustrativo da frequência de actividades extra-curriculares. Apenas sete alunos frequentam actividades extra escola, sendo essas actividades Inglês, Informática, Natação e Karaté. Quatros alunos frequentam aulas de Inglês, dois alunos praticam Natação, um aluno prática Karaté e, por fim, um aluno frequenta aulas de Informática.



**Gráfico 10 – Actividades extra curriculares**

A turma 9ºE, nível 5 de inglês, da Escola Básica e Secundária Passos Manuel é uma turma com aproveitamento global de bom, embora os professores sintam que este poderia ser ainda melhorado, se os alunos fossem mais ambiciosos e trabalhassem mais. A conversa, que conduz bastantes vezes à dispersão, também impede alguns alunos de atingirem o seu potencial; tal facto pode ter a sua origem na disposição dos alunos dentro da sala de aula. Vejamos o seguinte esquema da planta da sala (sala de Música):





Os alunos estão dispostos, dois a dois, ao longo de três filas. É de salientar que a maioria dos rapazes se encontra na parte de trás da sala e a maioria das raparigas na parte da frente. Os alunos que ocupam a segunda fila a partir da parte de trás da sala constituem o núcleo de maior instabilidade, na medida em que se encontram regularmente distraídos, conversando uns com os outros, o que, conseqüentemente, perturba o bom funcionamento das aulas. À frente encontram-se os alunos com maior aproveitamento escolar (n° 10, n° 4 e

nº 6), mas também alunos com maiores dificuldades (nº 3, nº 17, nº 7). O aluno nº 13, apesar de se encontrar no núcleo dos alunos que criam maior instabilidade, é um dos melhores alunos da turma.

É ainda de salientar que alguns alunos não respeitam os seus lugares na sala de aula, tornando-se móveis: o aluno nº 9 raramente ocupa o seu lugar, escolhendo em cada aula o lugar que mais lhe convém. As mesas da segunda fila a partir da parte de trás da sala encontram-se na maioria das vezes juntas, criando um bloco único composto de seis mesas.

A organização da sala de aula é de extrema importância, pois pode ser criadora de um bom ou mau ambiente de trabalho. No caso desta turma, a disposição dos alunos na sala de aula prejudica o seu bom aproveitamento, na medida em que existe um núcleo desestabilizador, tornando difícil quer o desempenho do professor, quer a participação dos restantes alunos nas actividades lectivas.

Concluída a descrição das características da turma E do 3º Ciclo do Ensino Básico, passo agora ao enquadramento das unidades curriculares no Currículo Nacional, que será objecto de descrição no próximo capítulo.



### **CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO DAS UNIDADES CURRICULARES NO CURRÍCULO NACIONAL**

*Um currículo é um plano de acção pedagógica muito mais largo que um programa de ensino (...) que compreende, em geral, não somente programas, para as diferentes matérias, mas também uma definição das finalidades da educação pretendida.*

L. D'Hainaut (Pacheco, 2005: 31)

No presente capítulo, procuro dar conta do enquadramento das unidades curriculares no Currículo Nacional e no Programa de Inglês do 3º Ciclo.

É inquestionável o papel da Língua Inglesa hoje em dia enquanto meio de comunicação entre povos e culturas distintas, como é inegável o seu papel no quotidiano dos jovens de hoje. Assim sendo, qual o papel da escola enquanto principal meio de transmissão de conhecimento de uma língua que hoje se considera ser a língua universal? O domínio do inglês como língua de comunicação e interacção entre povos de diferentes culturas imprime um carácter de urgência ao ensino do inglês, até porque a sua aprendizagem é hoje mais do que um pré-requisito para a inserção no mundo do trabalho.

À luz destes pressupostos, o presente capítulo tem como objectivo principal proceder à contextualização das unidades didácticas leccionadas e ao seu enquadramento por referência no Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB), bem como ao Programa de Inglês do 3º Ciclo.

Segundo Maria do Céu Roldão (1999: 43-50), o Currículo corresponde ao "conjunto de aprendizagens consideradas necessárias num dado contexto e tempo e à organização e sequência adoptadas para o concretizar ou desenvolver." Contudo, este conjunto de aprendizagens não é o resultado de um somatório de várias partes; a coesão do Currículo provém das suas características de "finalidade, intencionalidade, estruturação coerente e sequência organizadora."

O Currículo, em sentido restrito, abrange um novo conceito, o conceito de Programa: “qualquer currículo ou projecto curricular requer programas e programação, no sentido de definição e previsão de campos de desenvolvimento, linhas de organização e métodos de aprendizagem” Roldão (2009: 33). O Programa é, portanto, a concretização do Currículo Nacional, ou seja, “o conjunto de aprendizagens e competências aprovadas pelo Ministério da Educação através de orientações curriculares para as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares.” Pacheco (2008: 16)

Deste modo, é no CNEB que se encontram descritas as competências gerais e as formas de operacionalização, bem como as competências específicas a desenvolver em cada um dos Ciclos (1º, 2º e 3º). No Currículo Nacional, estão descritas todas as áreas curriculares, incluindo a área de Línguas Estrangeiras, bem como a carga horária atribuída à sua leccionação. Como afirma Pacheco (s/d: 15), “É o Ministério da Educação quem decide o que se ensina, e quando se ensina, incluindo a duração dos tempos lectivos.”

O CNEB encontra-se organizado segundo um plano curricular, a partir do qual estão integradas diversas áreas vocacionais, desenvolvendo-se em regime de um professor por disciplina. Como estabelecido na Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), o CNEB “obedece a uma sequência progressiva, conferindo a cada ciclo a função de completar, aprofundar e alargar o ciclo anterior, numa perspectiva de unidade global do ensino básico” (LBEB, art. 8º, nº2). Embora seja resultado da LBSE, o actual quadro regulador do CNEB é também objecto de outras orientações explícitas no Decreto-Lei nº 6/2001<sup>2</sup>, através do qual se procedeu à reorganização curricular do Ensino Básico. Este Decreto-Lei introduz,

---

<sup>2</sup> **Decreto-Lei 6/2001** – “O programa do Governo assume como objectivo estratégico a garantia de uma educação de base para todos, entendendo-a como início de um processo de educação e formação ao longo da vida (...).

**Artigo 2º** - Para efeitos do disposto no presente diploma, entende-se por currículo nacional o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos ao longo do ensino básico, de acordo com os objectivos consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo para este nível de ensino, expresso em orientações aprovadas pelo Ministro da Educação.

**Artigo 3º** - As orientações a que se refere o número anterior definem ainda o conjunto de competências consideradas essenciais e estruturantes no âmbito do desenvolvimento do currículo nacional, para cada um dos ciclos do ensino básico, o perfil de competências terminais deste nível de ensino, bem como os tipos de experiências educativas que devem ser proporcionadas a todos os alunos.

pela primeira vez, no Sistema Escolar, a noção de competência, noção base de toda a estruturação do actual currículo nacional, associada ao conceito de formação ao longo da vida.

O termo competência, tal como está descrito no CNEB, “pode assumir diferentes significados”; no entanto, o conceito de competência é explicitado no documento como “saber em acção”. Roldão (2003: 20-21) define competência como um “saber que se traduz na capacidade efectiva de utilização e manejo – intelectual, verbal ou prático – e não a conteúdos acumulados com os quais não sabemos nem agir no concreto, nem fazer qualquer operação mental ou resolver qualquer situação, nem pensar com eles”. Ou seja, a competência não é a aplicação de um saber, mas um saber que é colocado em uso, um saber activo. Desta forma, e como refere Roldão (*ibidem*), “existe competência/s quando, perante um determinado problema, se é capaz de mobilizar adequadamente diversos conhecimentos que se possui, seleccioná-los e integrá-los, de forma adequada”.

No Currículo Nacional do Ensino Básico (p. 10), a noção de competência surge associada a dois níveis distintos: competências gerais e competências específicas, sendo que “o conjunto das competências gerais constitui um elemento de trabalho central no processo de desenvolvimento do currículo”. O perfil de competências que no final da educação básica o aluno deve obter compreende as seguintes competências gerais, de acordo com CNEB:

- Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano.
- Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar.
- Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e estruturar o pensamento próprio.

- Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para a apropriação de informação.
- Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem, adequadas a objectivos visados.
- Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável.
- Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões.
- Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa.
- Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns.
- Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.

Para cada uma das competências gerais acima explicitadas são definidas diferentes competências específicas, a explorar nas diferentes áreas curriculares, bem como competências transversais, definidas por Pacheco (s/d: 18) como fazendo parte “da cultura escolar, no sentido da busca de um denominador comum presente quer nos saberes adquiridos para lá das disciplinas e áreas, quer nas actividades cognitivas de aprendizagem.”

Uma das competências gerais que os alunos devem desenvolver no decorrer do Ensino Básico diz respeito às línguas estrangeiras, advogando-se o princípio de “Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para a apropriação de informação” (CNEB: 43).

A aprendizagem das línguas estrangeira área curricular correspondente às línguas estrangeiras, encontra-se associada à “construção de uma competência plurilingue e pluricultural” (CNEB: 39), definida no *Quadro Comum de Referência para as Línguas* (QECRL) como a competência de um actor social “para comunicar pela linguagem e para interagir culturalmente”. Tal actor social “possui, em graus diversos, o domínio de várias línguas e a experiência de várias

culturas. A opção essencial é que não se trata de sobreposição ou justaposição de competências distintas, mas antes da existência de uma competência complexa (...).” (QECRL: 231)

Quer isto dizer que, pela sua complexidade, decorrente de saberes e experiência de várias línguas e culturas, a competência plurilingue e pluricultural requer uma gestão articulada dos programas dessas várias línguas, levando à criação de uma perspectiva integradora da sua aprendizagem. A perspectiva integradora das línguas é descrita no Currículo Nacional do Ensino básico em função de três parâmetros.

O primeiro parâmetro refere-se ao uso e aprendizagem das línguas e evidencia que ser competente em línguas implica aprender e apreender um conjunto de conhecimentos relacionados quer com a língua em si, quer com as culturas a ela associadas. Refere-se que o aluno deve ser capaz de fazer uso das suas competências linguísticas em situações reais de comunicação com outros. Para tal, é importante que o aluno desenvolva estratégias de auto-avaliação e auto-regulação da aprendizagem, tornando-se, deste modo, consciente do todo o seu processo de aprendizagem, garantindo, assim, uma constante melhoria das suas competências.

O segundo parâmetro diz respeito aos perfis de saída, desempenhos esperados, e processos de aprendizagem, ou seja, pressupõe uma organização dos processos de aprendizagem, tornando claro o que se espera que o aluno seja capaz de fazer no final de cada um dos ciclos de aprendizagens (metas finais), que estratégias e meios são utilizados para os atingir (desempenhos esperados), e por fim, os processos necessários para realizar as metas finais.

O último e terceiro parâmetro refere-se aos percursos de aprendizagem, que devem ser integradores das aprendizagens essenciais, previstos para cada um dos ciclos. É de salientar que devem ser criadas situações de aprendizagem, de modo a que os alunos possam desenvolver a suas competências.



De acordo com o estabelecido no capítulo dedicado às Línguas Estrangeiras no CNEB, o desenvolvimento das competências associadas à aprendizagem de línguas estrangeiras exige que ao aprendente sejam garantidas oportunidades:

- De participar em projectos comunicativos que impliquem um uso vivo da língua.
- De tomar consciência do sistema da língua, que ele poderá ir descobrindo a partir da reflexão sobre os usos.
- De utilizar, nas actividades de recepção, interacção e produção de textos, estratégias que lhe permitam satisfazer exigências comunicativas.
- De estabelecer e desenvolver uma relação afectiva com a língua estrangeira, dispondo-se a reagir de forma construtiva face aos problemas inerentes à aprendizagem.
- De regular a qualidade dos seus desempenhos e de utilizar recursos para superação de dificuldades.

Uma vez que a divisão presente no CNEB se operacionaliza numa separação entre dois ciclos de estudo, o 2º e o 3º, e tendo a prática de ensino supervisionada decorrido numa turma integrante do 3º ciclo (9º ano), a análise mais pormenorizada das competências a adquirir pelos alunos será também feita tendo em consideração os dois ciclos em questão.

À competência geral – competência de comunicação – estão associadas quatro competências específicas: ouvir, falar, ler e escrever. Cada uma destas competências é desenvolvida a partir de três noções: compreender, interagir e produzir. Por compreender entende-se a capacidade que o aluno tem para identificar informações, tipos de texto, acções e tarefas que tem que realizar, mas também a sua capacidade para reconhecer semelhanças/diferenças entre a cultura de origem e a cultura estrangeira. Por interagir entende-se a forma como o aluno participa na aula, a partir dos estímulos que lhe são apresentados.

Por fim, por produzir entende-se o que o aluno apresenta como produto final da sua aprendizagem. Note-se que a produção só é possível se as anteriores noções (compreender e interagir) tiverem sido integradas no processo de ensino/aprendizagem. Vejamos o seguinte quadro ilustrativo das diferentes competências específicas associadas à competência geral de comunicação.

<b>COMPETÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO (COMPETÊNCIA GERAL)</b>		
<b>COMPREENDER</b>	<b>OUVIR/VER</b> (textos orais e audiovisuais)	<b>LER</b> (textos escritos)
<b>INTERAGIR</b>	<b>OUVIR/FALAR</b> (em situações de comunicação diversificadas)	<b>LER/ESCREVER</b> (em situações de comunicação diversificadas)
<b>PRODUZIR</b>	<b>FALAR/PRODUZIR</b> (textos orais correspondendo a necessidades específicas de comunicação)	<b>ESCREVER/PRODUZIR</b> (textos escritos correspondendo a necessidades específicas de comunicação)

À noção de compreender estão associadas competências de recepção, enquanto às noções de interagir e produzir estão associadas competências de acção ou produção.

Como referi anteriormente “qualquer currículo ou projecto curricular requer programas e programação, no sentido de definição e previsão de campos de desenvolvimento, linhas de organização e métodos de aprendizagem” Roldão, (2009:43-50). A partir de tal consideração, serão desenvolvidos no ponto seguinte as principais linhas orientadoras do programa de inglês referente ao 3º Ciclo.

Segundo Roldão (2009: 33), “qualquer currículo ou projecto curricular requer programas e programação, no sentido de definição de campos de desenvolvimento, linhas de organização e métodos de aprendizagem”. Pacheco

(2008: 16), por sua vez, define programa como a concretização do Currículo Nacional, “o conjunto de aprendizagens e competências aprovadas pelo Ministério da Educação através de orientações para as áreas disciplinares e não disciplinares.”

O presente subcapítulo pretende descrever e analisar a forma como o Programa de Inglês do 3º Ciclo do Ensino Básico explora o ensino da língua estrangeira com vista à formação dos alunos em futuros cidadãos capazes de comunicar e interagir em inglês, mas também de serem eles mesmos profissionais competitivos, capazes de fazer face a uma competição globalizada.

O programa de inglês do 3º Ciclo engloba dois objectivos: o primeiro objectivo diz respeito aos *Domínios de Conteúdos*, que englobam conhecimentos, atitudes, valores e competências. O segundo objectivo refere-se às competências específicas que interagem na aquisição de uma competência comunicativa (competência linguística, discursiva, estratégica, sociolinguística, intercultural e de processo).

Os conteúdos programáticos são uma forma de organização, através da qual os objectivos são implementados. De acordo com o programa, “ Os conteúdos são todas as matérias em que se constroem aprendizagens” (PIEB: 10). No programa, os conteúdos são explorados sob três níveis de leitura.

O primeiro nível de leitura diz respeito ao *Plano dos Princípios*, que é determinado pelo valor educativo da aprendizagem de uma LE, e pelo papel da sala de aula como potenciadora de uma interacção facilitadora de apropriações diversificadas. São três as dimensões dessa interacção. A primeira, a *Dimensão Temática*, engloba “o conjunto de assuntos que mediatizam a comunicação na sala de aula: o mundo dos alunos. O mundo das culturas-alvo, os sentidos que resultam da relação destes dois mundos, a língua das culturas-alvo, o processo de ensino-aprendizagem e os produtos que dele resultam”. A segunda dimensão corresponde à *Dimensão do EU*, e refere-se “aos contributos implícitos e explícitos para o processo de ensino-aprendizagem de cada

indivíduo, na singularidade das suas personalidades, e valores”. Por fim, a *Dimensão do NÓS*, que “resulta da gestão/exploração dos processos vividos pelo grupo ao nível das suas percepções, energias, tensões, limitações, aquisições, etc.”

O segundo nível de leitura diz respeito ao *Enquadramento dos Processos*, partindo do princípio de que o processo deve ser “mobilizador do Eu”, valorizando o indivíduo, o conhecimento dos outros e ainda o respeito pelos outros. O Programa está organizado a partir de um *Tema Organizador*, ilustrado em cada ciclo por uma *Área de Experiência* específica, sendo esta área o centro pelo qual passam todos as áreas de conteúdo.

Vejamos a seguinte ilustração exemplificativa do segundo nível de leitura:



No centro encontra-se o Tema Organizador, transversal a todos os conteúdos. Note-se ainda que cada um destes conteúdos não se encontra isolado, cada um deles funciona integrado nos outros, criando assim uma unidade coesa.

Por fim, o terceiro nível de leitura dos conteúdos programáticos refere-se à *Especificação dos Processos*. “Neste nível, enquadrado pelos objectivos de ciclo, especificam-se os processos de operacionalização a desenvolver em cada

área de conteúdo”, ou seja, torna-se claro de que forma o professor pode explorar cada conteúdo, de modo a atingir os seus objetivos.

Assim, no final do 3º Ciclo do ensino Básico, o aluno deverá ser capaz de:

- usar a Língua Inglesa em apropriação progressiva das regras do sistema e do seu funcionamento, num crescendo de adequação e fluência;
- interpretar e produzir diferentes tipos de texto usando competências discursiva e estratégica com crescente autonomia;
- relacionar-se com a cultura anglo-americana questionando padrões de comportamento diversificado;
- manifestar, pela partilha de informação, ideias e opiniões, atitudes positivas perante universos culturais e sociais diferenciados;
- integrar e desenvolver na sua prática atitudes de responsabilidade, cooperação e solidariedade;
- desenvolver estratégias de superação de dificuldades e resolução de problemas aceitando o risco como forma natural de aprender;
- assumir a sua individualidade/singularidade pelo confronto de ideias e pelo exercício do espírito crítico;
- desenvolver o gosto pela leitura extensiva em Língua Inglesa.

Tal como referi no início do capítulo, segundo Roldão (2009: 33), o programa é “apenas instrumento do currículo”; existe, no entanto, “uma modelação permanente dos programas, que se melhoram, se alteram, se constroem, para chegar mais adequadamente às metas pretendidas”.

Mas qual o papel do professor no processo? Será o de mero executor? Roldão afirma que “Os professores, face aos programas, teriam essencialmente de os passar à prática, de os cumprir com correcção pedagógica. Trata-se, portanto de uma relação de execução, com escassa construção ou decisão.” (2009: 36). No entanto, cada vez mais o professor tem que saber agir perante diversas situações, fazendo uso do seu conhecimento científico e educativo; e

mesmo restringido pelas “balizas curriculares” do CNEB e programas nacionais, o professor deve ser capaz de gerir o currículo, passando de mero executor a gestor e decisor. (Roldão, 1995; 1998).

Deste modo, é na planificação das unidades didácticas e das aulas que o professor pode gerir e decidir o que melhor se adequa aos alunos, tendo em conta as suas especificidades, exactamente como fiz com as unidades didácticas por mim leccionadas aquando da prática profissional, em que elegi a leitura extensiva como base estruturante da sua concretização.

Efectivamente, a leitura extensiva<sup>3</sup>, que tal como a palavra indica, é realizada em extensão, foi desenvolvida de forma transversal aos conteúdos programáticos propostos pelo CNEB ao longo das unidades curriculares. As duas unidades didácticas leccionadas correspondem a duas obras de leitura extensiva. A primeira, *A Christmas Carol*, de Charles Dickens, e a segunda, *The Hitchhiker*, de Roald Dahl.

Porquê a leitura extensiva? Se atendermos à afirmação de Heilbrun de que vivemos as nossas vidas através dos textos “We live our lives through texts”, facilmente percebemos o quanto é importante a leitura, pois ela nos transporta enquanto leitores para realidades e mundos muitas vezes semelhantes, mas muitas vezes diferentes dos nossos. É esse confronto com outras realidades e culturas (ao tratar-se de leitura em LE) que imprime ao acto de ler uma experiência enriquecedora no processo de ensino aprendizagem de uma LE.

Por outro lado, o aluno, por meio da leitura enriquece o seu vocabulário e as suas estruturas linguísticas na língua alvo, e toma consciência de expressões características da LE. As palavras vão surgindo nos textos em diferentes contextos, obrigando o aluno a assimilar as suas propriedades

---

<sup>3</sup> A propósito da definição e finalidades da leitura extensiva: “Extensive reading means reading in quantity and in order to gain a general understanding of what is read. It is intended to develop good reading habits, to build up knowledge of vocabulary and structure and to encourage a liking for reading.” Richards, J. C. e Schmidt, R. (2002). Longman Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics. Essex: Longman.

semânticas e sintácticas. Contar, narrar são processos fundamentais na sala de aula.

"Why tell stories in the classroom? Because storytelling engages the imagination, promotes language development, encourages reading, teaches people about other cultures, and helps them to understand themselves and others." (Berman 2006: 26-27).

O grande objectivo na leccionação de leitura extensiva foi promover hábitos e gostos pela leitura em LE. Mas qual a verdadeira dimensão da leitura? Segundo Cadório (2001), podemos identificar quatro dimensões associadas à leitura: a dimensão informativa, a dimensão formativa, a dimensão socializadora e a dimensão lúdica

A *dimensão informativa*, de carácter funcional, está associada não só à Escola como também ao quotidiano, pois só por meio da leitura é possível realizar tarefas quer escolares quer do dia-a-dia. A *dimensão formativa* tem como grande objectivo formar e aperfeiçoar o leitor, ajudando-o a construir-se, no sentido de se tornar um cidadão activo e participativo. Esta dimensão encontra-se, na maioria das vezes, explorada nas obras de leitura extensiva, uma vez que por meio delas o professor ajuda o aluno a construir o seu eu, ajudando-o a confrontar-se consigo mesmo através do encontro com outras culturas. Contudo, esta dimensão é de difícil abordagem por parte do professor, pois muitas vezes os alunos sentem dificuldade em interpretar a linguagem simbólica que é utilizada nos textos literários. A *dimensão socializadora* constitui a terceira dimensão, cujo objectivo é reflectir sobre o que nos rodeia, apelando à memória colectiva. É através desta dimensão que os alunos alargam as suas perspectivas relativamente aos outros e ao mundo que os rodeia. Por fim, a *dimensão lúdica* tem como objectivo único a obtenção de prazer através da leitura. Segundo Cadório (2001: 41) "a leitura lúdica pode estar ao dispor dos

leitores, como forma de evasão e de alienação de uma ambiência fervorosa, movimentada, dominada pela rapidez dos acontecimentos.

A leitura permite uma sensação de liberdade, de evasão e distanciamento dos constrangimentos do quotidiano. Mergulhando noutras experiências, a consciência fica liberta para se unir a outra realidade num universo fictício.” É precisamente a partir da dimensão lúdica, e aproveitando a capacidade criativa e imaginativa dos alunos que é possível desenvolver hábitos de leitura.

Para a elaboração das planificações e concretização das actividades, procedi à elaboração de um questionário (ver apêndice 3.1), intitulado *Reading and You*, adaptado de alguns questionários de Day e Bamford (2008: 12, 17, 19). O objectivo do questionário não se cingiu apenas à recolha de informação sobre os hábitos de leitura dos alunos, mas também à recolha de informação sobre as suas preferências quanto ao género literário e língua em que gostam de ler, a qual a língua em que têm mais dificuldade e de qual tiram mais prazer (materna ou LE)<sup>4</sup>.

A planificação das unidades obedeceu, assim, a parâmetros descritos no CNEB e no Programa de Inglês do Ensino Básico, sem contudo deixar de ter em conta os interesses e expectativas dos alunos.

Efectuado o enquadramento das unidades curriculares no Currículo Nacional do Ensino Básico e no Programa de Inglês do 3º Ciclo, no capítulo seguinte definirei os objectivos gerais das unidades curriculares e descreverei as estratégias implementadas nas aulas, tendo em vista a concretização dos objectivos.

---

<sup>4</sup> Para consultar o resultado do questionário ver apêndice 3.2.





## **CAPÍTULO IV – OBJECTIVOS E ESTRATÉGIAS DAS UNIDADES CURRICULARES**

*Ever tried. Ever failed. No matter. Try again. Fail again. Fail better*

Samuel Beckett

O propósito principal deste capítulo consiste em definir os objectivos gerais das unidades curriculares desenvolvidas aquando da prática de ensino supervisionada, bem como a descrição das estratégias por mim implementadas nas aulas, tendo como objectivo a motivação dos alunos quer a nível macro (aquisição de hábitos de leitura), quer a nível micro (envolvimento nas actividades).

A definição de objectivos de unidades curriculares deve primeiramente responder à questão: o que se quer alcançar? No entanto, a própria definição de objectivos obedece a um plano estratégico; segundo Roldão (2009: 29), "Uma estratégia justifica-se sempre no plano da concepção, pela resposta às questões: como vou organizar a acção e porquê, tendo em conta o para quê e o para quem?" Assim, o professor aquando da definição dos objectivos relativos às unidades curriculares deve ter em conta o público-alvo, ou seja, o ano e nível dos alunos, mas também as finalidades que quer alcançar com tais objectivos. Somente após a definição dos objectivos é possível responder às questões: "Com que meios, actividades, tarefas, em que ordem e porquê?" Roldão (2009: 29).

À luz destes considerando, e tal como já referi no capítulo anterior, o grande objectivo da implementação da leitura extensiva nas unidades curriculares leccionadas esteve relacionado com: i) a aquisição de hábitos de leitura pelos alunos, ajudando-os a desenvolver o gosto pela leitura em LE; ii) dar a conhecer aos alunos o mundo das culturas alvo; iii) aquisição de um vocabulário mais vasto em LE que irá permitir uma maior fluência do aluno.

Como na definição dos objectivos o professor deve ter em conta que aprendizagens os alunos irão adquirir e manifestar ao longo do processo de ensino/aprendizagem, procurei com os objectivos destas unidades dar resposta a uma visível falta de interesse pela leitura, em geral, manifestada pelos alunos aquando do preenchimento do questionário "Reading and You". Procurei, através da construção das actividades e materiais suscitar o interesse pela leitura em LE, estando consciente de que o interesse e a motivação assumem um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem.

Uma vez tornado claro o objectivo geral das duas unidades curriculares leccionadas, parece-me agora pertinente introduzir e definir a noção de estratégia, uma vez que a elaboração de estratégias ao longo das aulas foi ao encontro, também ela, de objectivos específicos por mim estabelecidos no decorrer das duas unidades, de forma a dar resposta ao objectivo geral atrás mencionado.

Roldão (2009: 57) diz que a definição de estratégia diz respeito "ao seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto de acções para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem." Assim, para que o professor consiga atingir os seus objectivos, é necessário que o seu ensino seja estratégico, de forma a "conceber um percurso orientado para a melhor forma de atingir uma finalidade pretendida." Roldão (2009: 58). No entanto, não devemos entender uma estratégia como uma actividade ou tarefa, apesar de as mesmas se desenvolverem a partir de uma acção estratégica. Roldão afirma ainda que "estratégia (...) pressupõe (...) a ideia global de concepção finalizada da acção", na medida em que é por meio das estratégias de ensino que o professor atinge os seus objectivos relativos ao processo de ensino/aprendizagem.

Por muitas motivações, objectivos e estratégias que haja, nada se consegue sem os alunos e sobretudo sem a sua motivação; no entanto, a motivação dos alunos pode ser trabalhada na sala de aula através da exposição

destes a actividades e materiais do seu interesse. Assim, tendo em conta o título do presente relatório – *Leitura Extensiva - O papel das Actividades e dos Materiais na motivação dos alunos* – e ainda a ideia de que as actividades e tarefas e até mesmo a escolha dos materiais se desenvolvem a partir de uma acção estratégica, será pertinente questionarmo-nos sobre qual a motivação que impulsiona os alunos e professores no processo de ensino e aprendizagem e qual o papel desempenhado pela motivação no sucesso dos alunos e, consequentemente, na concretização dos objectivos de ensino.

No sentido de responder a questões relacionadas com a motivação têm-se desenvolvido estudos de motivação que consistem em identificar as razões pelas quais as pessoas fazem aquilo que fazem; dentro da motivação escolar em particular, procurarei concentrar-me em três grandes abordagens e/ou perspectivas: i) a abordagem comportamentalista, cuja teoria se centra na questão “nascer para estar motivado”; ii) a abordagem das teorias humanistas, centradas na ordenação das necessidades motivacionais; e iii) a abordagem cognitivista, segundo a qual o indivíduo escolhe os seus objectivos e procura a melhor forma de os alcançar.

A abordagem comportamentalista explica a motivação a partir dos estímulos, utilizando princípios descritos nas teorias do condicionamento clássico, através da célebre experiência de Pavlov<sup>5</sup>. O professor, tal como o fisiólogo russo, ao criar determinadas situações em sala de aula poderá determinar uma resposta condicionada (RC) dos seus alunos, ou seja, determinadas estratégias de motivação podem ser da parte do professor um estímulo condicionado (EC), quer se tratem de reforços positivos ou negativos.

---

<sup>5</sup> Um cão com fome segrega saliva quando vê um alimento de que gosta, como a carne. Ao alimento chama-se estímulo incondicionado (EI), porque faz ocorrer uma resposta que não depende da experiência ou aprendizagem anterior; a salivação é uma resposta incondicionada (RI). Se, quando se dá o alimento ao cão, se faz tocar uma campainha, o cão segregará saliva; quando se repete este acto várias vezes, o toque da campainha desencadeia segregação salivar, mesmo que não receba alimento. O som é um estímulo condicionado (EC) — pois a resposta a que dá origem precisa de ser aprendida — e a salivação é a resposta condicionada (RC)

Por fim, dentro ainda desta abordagem podemos salientar a motivação extrínseca (modelagem), em que, tal como o nome indica, o aluno procurará nos pais, professores e pares um modelo, determinando a sua conduta de acordo com esse mesmo modelo.

Ao contrário da abordagem comportamentalista, a abordagem humanista destaca a motivação intrínseca. Para explicar esta abordagem irei apoiar-me na teoria das necessidades de Maslow, em cujo quadro uma necessidade é entendida como a ausência de algo, de natureza quer psicológica quer biológica, de que a pessoa precisa para o seu bem-estar. Deste modo, segundo Maslow, as pessoas são motivadas por tensões desencadeadas por necessidades, procurando a obtenção de situações satisfatórias.

O professor tem um papel maior na motivação extrínseca, pois é ele quem deve produzir em sala de aula momentos que despertem interesse nos alunos. Contudo, a motivação intrínseca é fundamental porque dela depende todo o processo de aprendizagem. O aluno precisa de estar motivado a aprender, embora nem sempre os motivos sejam o aprender em si.

O modelo de Maslow está conceptualizado numa pirâmide e considera a ordenação das diferentes necessidades motivacionais numa hierarquia e sugere que antes da realização das mais elevadas, de ordem superior, é necessário satisfazer determinadas necessidades primárias. Só quando as necessidades de ordem inferior estiverem realizadas/satisfeitas é que se podem considerar as necessidades de ordem superior como o amor, a estima e a realização pessoal.



**Pirâmide de necessidades de Maslow**

Segundo Maslow, a auto-estima relaciona-se com a necessidade de desenvolver um sentido de valor próprio, pelo facto de sabermos que os outros têm consciência da nossa competência e do nosso valor. Muitos alunos atribuem os seus fracassos a causas internas, como a falta de confiança nas suas capacidades para aprender, mostrando-se apáticos e resignados no decorrer do processo de aprendizagem. Cabe ao professor procurar utilizar estratégias de motivação e de ensino, levando-os a acreditar que têm capacidades de sucesso na escola.

Por fim, temos a abordagem cognitivista, também oposta à perspectiva behaviorista, que defende que o indivíduo é activo, não reagindo única e automaticamente a estímulos; deste modo, o indivíduo desenha objectivos e procura a melhor forma de os alcançar. Assim, a abordagem cognitiva da motivação salienta o papel dos pensamentos, das expectativas e da compreensão do mundo de cada indivíduo. De acordo com esta abordagem, o indivíduo não reage a estímulos externos (ambiente) ou internos (como por exemplo a fome), mas sim à percepção que tem deles; assim, o indivíduo escolhe os seus próprios objectivos, e para os alcançar tenta vencer todos os obstáculos. Nesta abordagem, as expectativas assumem um papel importante, pois ajudam o indivíduo a delinear estratégias para alcançar as metas que desenhou. No que diz respeito aos alunos, a motivação que estes têm, por exemplo para estudar para um teste tem por base o conjunto da expectativa do aluno sobre o resultado do estudo (que se verificará na nota do teste) e do valor que o aluno atribui na obtenção de uma boa nota. Se a expectativa e o valor que o aluno atribui forem elevados, o aluno sentir-se-á motivado; no entanto, se forem baixos, a motivação para estudar será consideravelmente mais baixa.

Numa situação em que nos alunos a motivação para obter o sucesso é maior do que a motivação para evitar o fracasso, tanto poderão ocorrer preferências, nos alunos, por colegas de trabalho competentes nas tarefas a realizar, como atracção por um sistema de ensino/aprendizagem que

proporcione tarefas desafiantes. Em oposição, nos alunos em que a motivação para evitar o fracasso é maior do que a motivação para o êxito, podem ocorrer efeitos opostos aos descritos anteriormente.

Esta abordagem em muito pode ajudar os professores, pois a partir do conhecimento que têm dos seus alunos podem adaptar os seus objectivos, estratégias e planificação de aulas, no sentido de melhor os motivar para a aprendizagem.

Em suma, os quadros teóricos acima apresentados conceptualizam a motivação como dual, ou seja, como intrínseca ou extrínseca. São várias as razões que explicam a motivação escolar, mas é de salientar que a motivação depende de todos os agentes envolvidos no processo ensino/aprendizagem. Uma vez expostas as diferentes teorias de motivação, é importante questionarmo-nos sobre qual a que proporciona uma compreensão mais abrangente do fenómeno motivacional. Na verdade, todas as abordagens conceptuais são complementares, só assim se torna possível compreender melhor a motivação.

Concluimos, assim, que, a motivação é um dos factores que determina se um aluno irá, ou não, adquirir o conhecimento, a compreensão ou habilidade em desempenhar uma determinada tarefa. Um aluno motivado para a aprendizagem esforça-se por vencer as dificuldades, mantém-se concentrado na realização das actividades, manifesta interesse e entusiasmo e toma a iniciativa quando lhe é dada a oportunidade. Já um aluno desinteressado pela aprendizagem, dificilmente se mantém concentrado nas actividades, desiste facilmente, face aos desafios ou problemas que lhe são apresentados, e manifesta aborrecimento e irritação em realizar as tarefas propostas.

Ao longo das aulas leccionadas procurei por em prática diversas estratégias de ensino, tendo, para isso, recorrido a diferentes formas de motivação, quer a através das actividades e tarefas, quer através dos materiais que elaborei. A minha principal preocupação consistiu em fazer de todos os

alunos participantes do processo de aprendizagem; para isso, as actividades levadas a cabo ao longo das duas unidades consistiram maioritariamente em actividades de pares ou de grupo, nas quais foram desenvolvidos debates, Role-play, especulação e discussão de ideias sobre o assunto e sentidos do texto e das personagens.

No entanto, e apesar do esforço, alguns dos alunos que no início não demonstraram interesse pela leitura, quer na língua materna, quer em LE, no final das unidades, não parecem ter adquirido o gosto pela leitura, que neles me propus desenvolver. Os alunos a que me refiro inserem-se no perfil acima descrito como desvinculados do processo de aprendizagem. Deste modo, parece-me pertinente concluir que nenhuma estratégia é mais eficaz que outra e que umas estão interligadas a outras, fazendo variar a eficiência das estratégias de indivíduo para indivíduo e de situação para situação.

Ao longo deste capítulo procurei explicitar as definições de objectivo e estratégia. No próximo capítulo, farei a descrição e a análise das aulas leccionadas ao longo das unidades curriculares.





## **CAPÍTULO V – DESCRIÇÃO DAS AULAS REALIZADAS – MATERIAIS E TAREFAS, MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS**

O presente capítulo apresenta, de forma pormenorizada, a descrição e análise do processo referente à prática de ensino supervisionada, nomeadamente no que se refere a planificações, tarefas e métodos utilizados, bem como aos materiais e técnicas de que me servi no decurso dos mesmos.

No final do primeiro período do ano lectivo de 2010/2011, iniciei a minha prática de ensino supervisionada na turma E do 3º Ciclo do Ensino Básico na Escola Básica e Secundária Passos Manuel. Antes, porém, de falar dessa minha experiência, penso ser pertinente salientar dois momentos importantes anteriores à leccionação das unidades curriculares. O primeiro momento reporta-se ao modo como tomei contacto com os alunos. Uma vez que não conhecia a turma, foi-me possível assistir a uma aula da professora cooperante, Dr.<sup>a</sup> Célia Almeida, como forma de tomar conhecimento da dinâmica do grupo, dos alunos e até mesmo das suas dificuldades. A presença de pessoas estranhas à turma parece ter influenciado negativamente o seu comportamento, uma vez que se mostraram bastante agitados. Para além disso, o conteúdo leccionado nessa mesma aula correspondeu a um ponto gramatical (grau dos adjectivos), factor que parece ter provocado, automaticamente, desmotivação nos alunos.

Ao longo dos dois anos correspondentes ao Mestrado em Ensino, nomeadamente na observação de aulas prevista em *Introdução à Prática Profissional* (IPP), pude constatar que na maioria das turmas, quer de Ensino Básico, quer de Secundário, a gramática é um ponto sensível e de desinteresse por parte dos alunos, e nesta turma não foi excepção.

O segundo dos dois momentos importantes anteriores à leccionação das unidades curriculares correspondeu à observação das aulas de uma colega de estágio. Tal observação tornou a experiência da prática de ensino ainda mais enriquecedora, pois pude entrar em contacto com diferentes estratégias e

abordagens de ensino. Foi para mim interessante verificar que perante os mesmos alunos pusemos em prática diferentes estratégias, tendo sempre em vista os objectivos que pretendíamos alcançar. Por outro lado, tive a oportunidade de observar os próprios alunos, o que me permitiu aprender os seus nomes próprios, mas também observar o seu comportamento, permitindo-me melhorar previamente as estratégias de ensino que tencionava pôr em prática na leccionação das unidades curriculares.

Os dois momentos acima descritos permitiram-me agir com mais confiança e segurança, garantindo consequentemente uma maior eficácia na leccionação das unidades.

No decorrer da prática de ensino supervisionada foram leccionadas oito aulas, divididas por duas unidades curriculares: à primeira unidade correspondeu a leitura extensiva a partir do conto de Charles Dickens, *A Christmas Carol*, cujas aulas se vieram a concretizar-se nos dias 6, 9, 13 e 15 de Dezembro. À segunda unidade correspondeu a segunda obra de leitura extensiva, *The Hitchhiker*, de Roald Dahl, realizada nos dias 17, 19, 24, e 27 de Janeiro.

Para cada uma das unidades foi elaborada uma planificação (ver apêndice 5.1) que serviu de base à elaboração dos planos de aula. Pode verificar-se pela leitura das duas planificações de unidade que os principais objectivos de ambas se relacionam com a importância da aquisição de hábitos de leitura como veículo de aquisição de vocabulário e de estruturas gramaticais. Assim, no sentido de concretizar os objectivos foram traçadas estratégias de motivação, de forma a cativar os alunos para a leitura em língua estrangeira.

### **Aula 1 (45m) – descrição e análise**

Uma vez que a primeira aula (ver apêndice 5.2) seria apenas de 45 minutos, o objectivo geral da aula foi o de criar empatia por parte dos alunos

relativamente ao conto que iriam começar a ler. Assim, iniciei a aula com a projecção de uma imagem alusiva ao conto *A Christmas Carol*, de Charles Dickens, que aqui reproduzo, embora a mesma conste também do apêndice 5.3.



**Imagem 5.1 – Imagem alusiva a *A Christmas Carol* de Charles Dickens**

O uso da imagem no início da aula permitiu uma contextualização da história a nível dos espaços onde a acção decorre mas também das personagens. Após alguns minutos de projecção da imagem perguntei aos alunos, incitando-os a especular sobre a imagem: "What do you see in the picture?", "Where may this scene take place?", "When?", "What are these people doing?". A escolha de uma imagem e a colocação de questões aos alunos está intimamente relacionada com a criação de motivação, pois ao especularem sobre a imagem os alunos mostraram-se automaticamente interessados na história. Por intermédio da imagem, eles próprios criaram um enredo, o que os motivou assim a verificar como a história que eles mesmos inventaram se aproximava ou não da história da obra literária em questão. É de salientar ainda que, num total de 22 alunos, apenas um aluno estava familiarizado com o conto.

Na segunda fase da aula, projectei a imagem da face de três homens (ver apêndice 5.4), pedindo seguidamente aos alunos que descrevessem em voz alta as imagens. Seguidamente e ainda junto da imagem das faces, projectei alguns adjectivos distribuídos ao acaso: *mean, happy, kind, unhappy, lonely, old, cold hearted*. Esta projecção foi complementada com a distribuição aos alunos de uma folha de apoio (1) (ver apêndice 5.5) contendo as mesmas imagens e

adjectivos, sendo-lhes pedido que relacionassem um ou mais adjectivos com cada uma das faces. Seguidamente, os alunos tiveram que ler as suas opções de relacionamento de adjectivos a faces e justificar porque razão tinham atribuído um determinado adjectivo a uma face e não a outra. Este exercício permitiu aos alunos especular não só sobre o aspecto físico das personagens, mas também sobre determinados traços de personalidade das mesmas.

Na terceira fase da aula, de actividade de leitura, os alunos receberam a segunda folha de apoio (ver apêndice 5.6), com o primeiro capítulo de *A Christmas Carol*, de Charles Dickens. Primeiramente, os alunos leram em voz baixa e só depois pedi a alguns voluntários para lerem em voz alta. É de salientar a motivação dos alunos para actividades de leitura em voz alta; apesar de alguns alunos se terem mostrado sempre renitentes em realizar estas acções, como no próximo capítulo referirei, justiça deve ser feita e referir que a maioria da turma sempre manifestou grande entusiasmo pela leitura em voz alta.

No final da leitura questionei os alunos acerca do vocabulário, com vista a perceber se tinham surgido dificuldades relativamente a alguns vocábulos que não conhecessem. No sentido de responder às questões dos alunos, algumas das palavras desconhecidas foram esclarecidas em voz alta com a ajuda de outros alunos. Seguidamente foi distribuída a terceira folha de apoio (ver apêndice 5.7), com três exercícios de compreensão de texto. No primeiro exercício, os alunos tiveram que identificar que frases seriam verdadeiras ou falsas, sendo necessário corrigir as falsas. No segundo exercício, os alunos tiveram que completar um pequeno resumo do capítulo com palavras desordenadas. Por fim, no último exercício, tendo como referência o último parágrafo do capítulo I do conto de Charles Dickens, que passo a citar, os alunos tiveram que especular sobre a razão da visita de uma das personagens ao protagonista do conto: "It was Marley. The chain was wound around him – a chain loaded with money-boxes, keys, locks, business papers and money bags." O objectivo deste último exercício foi o de criar uma ponte com a aula seguinte, permitindo

uma melhor compreensão do texto. Este último exercício foi estipulado para trabalho de casa. Nos primeiros dois exercícios acima referidos, os alunos puderam trabalhar em pares, facilitando assim a consecução dos mesmos, e permitindo-lhes também que pudessem falar em inglês uns com os outros. Este ponto foi particularmente difícil de concretizar, nomeadamente no início das aulas; no entanto, com o decorrer do tempo, os alunos foram-se mostrando mais receptivos em comunicar entre si em inglês.

A quarta fase da aula (tarefa final) centrou-se numa passagem específica do texto, que passo a citar:

*"Scrooge and Marley's, I believe?" said one of the gentleman, looking at the list. "I am speaking to Mr Scrooge or to Mr Marley?"*

*"Mr. Marley is dead," answered Scrooge. "He died seven years ago this very night."*

*"Oh! - At this happy season of the year, Mr Scrooge," said the gentleman, taking up his pen, "we usually try to do something for the poor. Many thousands are cold and have no food, and many have no home to go to"*

*"Are there no prisons?" asked Scrooge.*

*"There are plenty of prisons," said the gentleman.*

*"Are there no workhouses for the poor?"*

*"There are," said the gentleman.*

*"I am glad to hear that there are still prisons and workhouses." said Scrooge.*

*"Prisons and workhouses can't really make people merry at Christmas time," said the gentleman. (...) "How much will you give us?"*

*"Nothing!" said Scrooge. "I won't give money to make lazy people merry. Good afternoon, gentlemen!"*

A turma foi dividida em quatro grupos diferentes (três grupos de cinco e um grupo de seis), e a cada grupo foi entregue um cartão (ver apêndice 5.8), no qual constava o nome de uma Organização Não Governamental (ONG): Ajuda de Berço, Unicef, Fundação do Gil e Abraço. Cada grupo, supostamente representante de cada uma das instituições acima referidas, escreveu uma pequena carta ao protagonista de *A Christmas Carol*, Mr Scrooge, propondo ajuda financeira à ONG que representavam e justificando as razões pelas quais o protagonista deveria proporcionar essa ajuda. Nesta tarefa, os alunos puderam não só trabalhar em grupo, o que é já em si um factor motivador, como também, mais uma vez, comunicar em inglês entre si. No final da actividade, o representante de cada grupo leu a carta da sua organização ao

resto da turma. A maioria dos grupos mostrou grande originalidade na elaboração das suas cartas, bem como o seu envolvimento no assunto do texto. Pude ainda verificar que alguns alunos não conheciam as ONG, originando interesse sobre o trabalho das mesmas. Pareceu-me importante fazer a ligação entre a realidade inglesa do século XIX, quanto à existência de casas de trabalho e internatos responsáveis pelos órfãos e indivíduos marginalizados, e a realidade portuguesa do século XXI, através das várias organizações governamentais responsáveis pelos mais indefesos.

## **Aula 2 (90m) – descrição e análise**

Na segunda aula (ver apêndice 5.9), de 90 minutos, os alunos continuaram a leitura do conto de Charles Dickens. No entanto, uma vez que se tratava de uma aula maior, os alunos puderam ler um excerto maior do que na aula anterior.

Na primeira fase da aula, foi projectada uma imagem alusiva ao espírito de Jakob Marley (ver apêndice 5.10).



**Imagem 5.2- Espírito de Jakob Marley**

Os alunos observaram a imagem por uns minutos e seguidamente foram-lhes colocadas as seguintes questões: "Who do you think this man is?", "What might the chains represent?", "What was Marley's purpose?", "Do you believe in ghosts?", levando, mais uma vez os alunos a especular sobre o que viria a ser o segundo capítulo.

Após a actividade de especulação os alunos receberam a folha de apoio 1 (ver apêndice 5.11), com o segundo capítulo do conto de Charles Dickens, iniciando assim a segunda fase da aula, de actividade de leitura. Mais uma vez, os alunos leram o texto em voz baixa e, seguidamente, alguns voluntários leram-no em voz alta. Após a leitura do texto, o vocabulário foi esclarecido com a ajuda de alguns alunos.

Apesar de questionar os alunos acerca de dificuldades relativas ao vocabulário, isso não significa que considere importante que se conheçam todas as palavras do texto; pelo contrário, penso que os alunos devem adquirir estratégias de compreensão das palavras que desconhecem através do contexto em que estas se encontram inseridas. No entanto, uma turma nunca é homogénea quanto às suas competências, e a turma em questão não é excepção, sendo composta por alunos que demonstram muitas dificuldades em inglês, mas também por alunos médios e muito bons. A razão pela qual questionei os alunos quanto às dificuldades relativas ao vocabulário prende-se com a necessidade de criar em sala de aula espaços para que os alunos médios e bons possam, de forma mais ou menos espontânea, ajudar os alunos com maiores dificuldades.

Seguidamente os alunos receberam uma segunda folha de apoio (ver apêndice 5.12), com um exercício de escolha múltipla que incidia sobre o extracto do conto que haviam lido, e ainda duas perguntas de interpretação. Os alunos nesta fase da aula trabalharam em pares. O exercício de escolha múltipla foi corrigido no quadro, enquanto algumas das respostas às perguntas de interpretação foram lidas em voz alta, motivando assim a discussão de ideias sobre o capítulo.

Seguidamente, guiando os alunos para o terceiro capítulo, foi-lhes colocada a seguinte questão: "Do you feel sorry about Mr. Scrooge?". Nesta fase, os alunos puderam manifestar os seus sentimentos relativamente à personagem principal. A pergunta colocada prende-se com a criação de



expectativas por parte dos alunos quanto ao final trágico ou feliz da personagem.

Uma vez que o principal objectivo da planificação das unidades curriculares era a motivação para a leitura extensiva em língua estrangeira através dos materiais e actividades, os alunos tiveram contacto com o terceiro capítulo através de um material áudio visual: um excerto do filme de animação *A Christmas Carol*, da produtora Walt Disney (2009).

Antes do visionamento do filme, os alunos receberam a terceira folha de apoio (ver apêndice 5.13), com uma actividade de verdadeiro ou falso, que executaram enquanto viam o excerto do filme. Como neste tipo de actividades alguns alunos aproveitam o facto de as luzes estarem apagadas para destabilizar a turma, fiz coincidir a actividade de resposta às questões de verdadeiro ou falso com o visionamento do filme, assim impedindo que os alunos se distraíssem. No fundo, foi uma opção estratégica, no sentido de me certificar que todos os alunos estavam atentos ao filme. No final da projecção do filme, o exercício foi corrigido oralmente.

A adesão dos alunos a esta actividade foi significativamente maior do que à das actividades de leitura, o que não foi de todo surpreendente dado o resultado do questionário relativo aos seus hábitos de leitura (ver apêndice 3.2).

O visionamento de uma parte do filme foi um momento importante, pois os alunos puderam ver materializados os contextos e personagens, as suas vozes e expressões, aprofundando assim a sua imaginação relativamente à história. Por outro lado, o uso de materiais diversificados gera nos alunos um maior envolvimento nas actividades, tornando a aprendizagem um processo mais enriquecedor.

No final da projecção do filme foram colocadas as seguintes questões aos alunos: "Will Scrooge be a different man after the visit of the two spirits?", "Do you think that Scrooge should be given a second chance?". Os alunos puderam nesta fase dar a sua opinião e fazer os seus juízos de valor

relativamente à personagem, assim sendo guiados até à fase final da aula (tarefa final) – o debate.

A expressão “Scrooge should be given a second chance” remete-nos para a passiva idiomática; contudo, não achei pertinente consolidar este ponto gramatical, uma vez que os alunos haviam já aprendido a estrutura no ano anterior, o que permitiu que facilmente identificassem a estrutura gramatical, usando-a no decorrer do debate. Apesar de considerar que o ensino da gramática deve ocorrer de forma integrada, a partir de materiais autênticos, como é o exemplo do texto literário, não incorporei em nenhuma das aulas pontos gramaticais, uma vez que me centrei unicamente na compreensão e interpretação de texto, tendo em vista uma abordagem motivadora da leitura.

Neste seguimento, foram projectadas duas afirmações (ver apêndice 5.14): “Scrooge should be given a second chance” versus “Scrooge shouldn’t be given a second chance”. A turma foi dividida em dois grupos, sendo que a cada grupo correspondia uma afirmação. A cada grupo foram dados alguns minutos para escrever um pequeno texto/frases onde tinham que defender a sua afirmação. No final, os dois grupos defenderam oralmente as suas posições.

Nesta fase, o meu papel foi muito pequeno, pois só intervim para esclarecimento de dúvidas, e para manter a ordem no decorrer do debate. O debate em si manifestou-se muito positivo, pois os alunos puderam dar a sua opinião ouvindo e respeitando a opinião dos outros. O uso da língua inglesa foi uma constante; no entanto, nem todos os alunos fizeram o esforço de falar em inglês, principalmente os alunos com mais dificuldades.

O facto de os alunos discutirem entre si o destino da personagem principal (*should be given a second chance vs shouldn’t be given a second chance*) torna os alunos mais participativos no enredo do conto, criando-lhes a ilusão de que podem mudar o rumo da história.

### **Aula 3 (45m) – descrição e análise**

Uma vez que um dos objectivos da planificação da aula (ver apêndice 5.15) incidia na descrição de imagens, mais uma vez a aula teve início com uma imagem (ver apêndice 5.16), desta vez alusiva ao terceiro espírito do conto de Dickens.



**Imagem 5.3 – Terceiro espírito de Natal**

Seguidamente, foram colocadas as seguintes questões aos alunos: “What do you see in the picture?”, “What is the spirit wearing?”, “Where is he pointing to?”, “What is the ghost going to show to Scrooge?”, “Do you think Scrooge is afraid?”. Mais uma vez, os alunos foram confrontados com a imagem de uma personagem, tendo que especular sobre o seu papel na trama, levando-os a imaginar o seguimento da história.

Ainda com a imagem como pano de fundo, os alunos receberam uma folha de apoio (ver apêndice 5.17) com algumas palavras, para escolheram, de entre as mesmas, as que, segundo a sua opinião, mais se adequavam à imagem, e assim a descreverem usando essas mesmas palavras. Saliento ainda que alguns alunos usaram todas as palavras, tentando com elas, construir uma história. Alguns dos textos foram lidos por alunos que se voluntariaram para o fazer. Ao longo das aulas pude verificar que os alunos manifestaram uma

grande criatividade quer na construção de pequenos textos, quer nas actividades de especulação.

Na segunda fase da aula, de actividade de leitura, os alunos receberam a segunda folha de apoio com um excerto do quarto capítulo do conto *A Christmas Carol* (ver apêndice 5.18). Mais uma vez, os alunos leram o texto em voz baixa e, seguidamente, alguns alunos voluntários leram-no em voz alta.

Na terceira fase da aula, após a actividade de leitura, foi distribuída a terceira folha de apoio (ver apêndice 5.19), com um exercício de vocabulário e um outro de referentes. No primeiro exercício, os alunos fizeram corresponder as palavras à sua possível definição. A maioria dos alunos não apresentou dificuldades de execução das actividades; aliás, gostaria de salientar que a maioria dos alunos respondeu correctamente ao exercício, porque conseguiu extrair o significado das palavras pelo contexto. Apenas alguns alunos demonstraram ter mais dificuldade. O segundo exercício (referentes) foi igualmente de execução fácil. Os dois exercícios tiveram como objectivo passar do entendimento global do texto (apenas por meio da leitura), para um entendimento específico ao nível dos significados dos vocábulos. Ambos os exercícios foram corrigidos no quadro. Para a realização destes exercícios, os alunos, trabalharam sozinhos, pois tratava-se de exercícios que exigiam uma maior concentração.

Seguidamente a turma foi dividida em pequenos grupos de trabalho (2 ou três alunos), tendo sido distribuídos papéis com frases relativas ao capítulo IV da obra em análise a cada um (ver apêndice 5.20). Cada grupo organizou as frases de forma a criar um pequeno texto com um resumo do capítulo que os elementos do grupo haviam lido. O exercício foi corrigido no quadro por um membro de cada grupo.

Na fase final da aula, de actividade de produção escrita (tarefa final), foi distribuído a cada aluno a folha de apoio 4 (ver apêndice 5.21), na qual os alunos escreveram um final para o conto *A Christmas Carol*, de Charles Dickens.

Uma vez que não acabaram a tarefa em sala de aula, devido um atraso originado pelo trabalho de grupo, os alunos entregaram na aula seguinte a sua produção escrita. Esta actividade assumiu uma importância extrema no desenvolvimento da criatividade dos alunos, pois cada aluno teve a oportunidade de concluir a história, tendo sido, mais tarde, confrontado com o verdadeiro final.

No final da aula, pedi a alguns alunos que se voluntariassem para teatralizar o final do conto na aula seguinte. O envolvimento dos alunos foi extraordinário, na medida em que todos os alunos se voluntariaram para participar.

#### **Aula 4 (90m) – descrição e análise**

A última aula da unidade (ver apêndice 5.22) foi leccionada em parceria com uma colega de estágio. Uma vez que a aula coincidia com a última aula antes das férias do Natal, o grande objectivo foi planificar e elaborar uma aula diferente, mais descontraída. Para esta aula foram convidadas todas as colegas do Mestrado em Ensino Inglês–Alemão/Francês/Espanhol, e ainda o professor Tom Grigg. A presença do professor Tom foi muito apreciada pelos alunos, que se mostraram interessados em interagir com um falante nativo de língua inglesa.

No início da aula, alguns alunos (voluntários) teatralizaram (*Role Play*) o último capítulo do conto *A Christmas Carol*, a partir de um guião (ver apêndice 5.23). A maioria dos alunos demonstrou um grande à vontade em actuar perante o público, embora dois alunos se tenham sentido um pouco menos à vontade. Todos os alunos e visitantes receberam o guião, para desta forma poderem acompanhar a encenação do capítulo. No final da encenação, foi distribuído a cada aluno uma cópia do conto de natal de Charles Dickens (ver apêndice 5. 24). Uma vez que o principal objectivo das unidades foi o de

incentivar os alunos para a leitura, foi para mim importante dar aos alunos uma cópia do conto apesar de ter distribuído excertos do texto ao longo das aulas. A razão não se prende com nenhuma estratégia pedagógica, mas sim com a vontade de dar aos alunos um livro, ainda que de aspecto um pouco artesanal. No livro, coloquei ainda uma pequena biografia do autor e uma pequena curiosidade sobre a primeira publicação do conto *A Christmas Carol*.

Na segunda parte da aula, foram projectadas diversas imagens alusivas quer ao vocabulário natalício, quer ao conto de Dickens (ver apêndice 5.25). Sempre que era projectada uma imagem, os alunos tinham que adivinhar de que se tratava. Os vencedores receberam como prémio um doce típico de Natal (*Christmas candy cane*).

Seguidamente, foram colocadas num gorro de natal algumas questões relacionadas com o Natal em países de língua inglesa e com o conto *A Christmas Carol* (ver apêndice 5.26); cada aluno tirava, à vez, uma questão a que teria de responder; se acertasse, recebia um pequeno prémio.

No final da aula, foi distribuída a letra da canção de Natal - *Jingle Bells* (ver apêndice 5.27) e projectado um pequeno filme de animação com a música. No final, foi oferecido, a cada aluno, um pequeno presente com um cartão de boas festas.

A última aula da unidade foi, sem dúvida, uma aula diferente, sem no entanto descurar o que os alunos haviam aprendido ao longo da unidade curricular. Os alunos demonstraram sempre grande entusiasmo desde o início ao final, tendo pedido para cantar a música de natal várias vezes. É, ainda, importante verificar que uma aula diferente não implica necessariamente que os alunos não aprendam, implica, sim, que os alunos aprendam de forma diferente.

A segunda unidade curricular, correspondente à leitura extensiva associada a *The Hitchhiker*, de Roald Dahl, teve início em Janeiro, logo após a pausa das férias de Natal, e foi dividida em quatro aulas (duas de 45 minutos e duas de noventa)

## **Aula 5 (45m) – Descrição e análise**

A primeira aula da unidade curricular (ver apêndice 5.28) incidiu na criação de um contexto que de alguma forma servisse de antevisão do contexto em que a história se iria desenvolver; mais uma vez, uma das estratégias utilizadas foi a da especulação a partir de uma imagem, pelo que, logo na primeira fase da aula, os alunos observaram uma primeira imagem (ver apêndice 5.29) durante alguns minutos, para, seguidamente, lhes serem colocadas algumas questões, tais como: “What can you see in the picture?”, “What may be this man’s job?”, “Where is he going?”.



**Imagem 5.4 – O condutor baseado na mini-ficção *The Hitchhiker*, de Roald Dahl**

De seguida, os alunos observaram uma outra imagem (ver apêndice 5.30), relativamente à qual tiveram que responder às seguintes questões: “Who is this man?”, “What is he doing?”, “Why is he hitchhiking?”, “Do you think the driver will stop?”



**Imagem 5.5 – The Hitchhiker baseado na mini-ficção *The Hitchhiker*, de Roald Dahl**

A partir das imagens e das perguntas, foi criado o contexto necessário, em função do qual os alunos entraram em contacto com as personagens. Uma vez preparado o contexto, os alunos receberam uma folha de apoio (ver apêndice 5.31) com algumas palavras distribuídas ao acaso. Os alunos leram, em primeiro lugar, as palavras em voz alta, de modo a familiarizarem-se com elas e, seguidamente, foi-lhes solicitado que escrevessem um texto com essas mesmas palavras. Os alunos demonstraram muito interesse nesta actividade, pois puderam escrever uma história, usando a sua própria imaginação. No final da actividade, alguns alunos leram a sua história em voz alta, apesar de, no entanto, todas as produções escritas terem sido levadas para casa, de modo a serem corrigidas.

Na fase seguinte, de leitura, foi distribuída a segunda folha de apoio (ver apêndice 5.32) com um excerto do texto *The Hitchhiker*, de Roald Dahl. Os alunos leram o texto em voz baixa durante alguns minutos, após o que alguns deles leram-no em voz alta. Seguidamente, foi distribuída uma outra folha de apoio (ver apêndice 5.33) com alguns exercícios: um exercício de vocabulário (palavras cruzadas) e dois exercícios de compreensão de texto. O primeiro exercício foi elaborado em pares e posteriormente corrigido no quadro pelos alunos. Os dois últimos exercícios foram lidos e discutidos em sala de aula; no



entanto, foi solicitado aos alunos que respondessem às questões em casa, para que fossem posteriormente corrigidos.

Posteriormente, foi distribuída uma última folha de apoio (ver apêndice 5.34) com um exercício de produção escrita, na qual os alunos teriam que imaginar que eram o autor e descrever a viagem de carro. Primeiramente, foi esclarecido o exercício, para que o mesmo não suscitasse dúvidas. No sentido de apoiar os alunos na actividade, foi-lhes dado um mapa, para lhes facilitar a descrição da viagem. Nesta actividade, os alunos trabalharam individualmente, uma vez que se tratava de uma actividade de produção escrita. O meu objectivo foi o de avaliar em cada produção escrita o conteúdo e a forma. No que diz respeito ao conteúdo, pude avaliar a criatividade dos alunos e a sua fluência; contudo, no que diz respeito à forma, pude verificar que os alunos davam muitos erros ao empregar expressões de carácter coloquial como “I wanna”, “cause” em vez de “because”, “he is gonna”, entre outras.

### **Aula 6 (90m) – Descrição e análise**

O principal objectivo da aula (ver apêndice 5.35) foi dar a conhecer aos alunos os diferentes tipos de registo, focando a atenção para os usos formais e informais da língua, bem como trabalhar com os alunos as características principais das personagens (personalidade, aparência, acções, e tipo de linguagem).

Assim, na primeira fase da aula os alunos foram divididos em grupos de três e a cada um deles foi distribuído um recorte de um *cartoon* alusivo ao tema excesso de velocidade.

Seguidamente, a imagem de vários *cartoons* foi projectada (ver apêndice 5.36), e foi solicitado aos alunos que descrevessem e discutissem em grupo as características do *cartoon* que lhes fora distribuído. Depois desta tarefa, um aluno de cada grupo teve que descrever (colocado à frente de toda a turma) o

*cartoon* do seu grupo, de modo a que os outros grupos conseguissem identificar o *cartoon* em causa, sabendo de antemão que o grupo que ganhava era o grupo que apresentava de seguida o seu *cartoon*, e assim sucessivamente. No final da actividade, os alunos foram questionados sobre o tema comum a todos os *cartoons*. Facilmente os alunos chegaram à conclusão de que se tratava de excesso de velocidade vs limite de velocidade; contudo, todas as palavras ditas pelos alunos foram registadas no quadro.

Mais uma vez, o uso de imagens, desta vez, através de uma actividade lúdica, permitiu-me criar o contexto correspondente ao texto que os alunos iriam ler posteriormente.

Na continuação da aula foi distribuída uma folha de apoio (ver apêndice 5.37), com um excerto do texto de Roald Dahl. Por se tratar de uma aula de noventa minutos, o excerto foi visivelmente maior do que os das aulas de quarenta e cinco minutos. O método de leitura foi o mesmo: primeiro, em silêncio, e só depois em voz alta. No final da actividade de leitura, foi distribuída nova folha de apoio (ver apêndice 5.38), com um exercício de vocabulário referente ao texto e quatro exercícios de compreensão e interpretação de texto. No primeiro exercício, os alunos trabalharam em pares e, posteriormente, o exercício foi corrigido oralmente.

No primeiro exercício de compreensão de texto (verdadeiro/falso), os alunos trabalharam também em pares, permitindo-lhes assim desenvolver a competência da oralidade. Nos restantes exercícios, os alunos trabalharam sozinhos, pois o enfoque estava no desenvolvimento das competências de leitura e de escrita.

Para resolverem o último exercício, que consistia em encontrar nos textos expressões coloquiais e de calão, e melhor compreenderem o texto, foi distribuída aos alunos uma folha de apoio (ver apêndice 5.39) referente ao registo, com uma pequena definição de registo e com um esquema dos diferentes tipos de registo. Antes da execução da tarefa, e uma vez que os

alunos haviam já estudado o registo em anos transactos, foi-lhes, então, solicitado que dessem alguns exemplos dos diferentes registos que conheciam.

Posteriormente, os alunos receberam nova folha de apoio (ver apêndice 5.40) com um exercício no qual tiveram que preencher uma grelha sobre as personagens. O exercício foi lido e explicado oralmente. A partir da informação do texto, os alunos caracterizaram cada uma das personagens (*driver*, *hitchhiker*, *policeman*), de acordo com as variáveis presentes na grelha (*appearance*, *personality*, *actions*, *speech/register*). O preenchimento da grelha foi ainda solicitado na aula seguinte, uma vez que através da leitura do excerto final, os alunos puderam completar a caracterização das personagens. O uso da grelha teve como objectivo verificar de que forma os alunos transformavam com eficácia a informação escrita, seleccionando e registando informação em função de objectivos definidos.

Estas fases da aula, de leitura e de pós-leitura, tiveram uma longa duração, permitindo aos alunos, tanto individualmente como em pares, entrar em contacto com o texto, quer por meio da leitura, quer através das actividades de compreensão.

### **Aula 7 (45m) – Análise e descrição**

No início da aula (ver apêndice 5.41), foi projectada a imagem (ver apêndice 5.42) de um ilusionista.



**Imagem 5.6 – Ilusionista, baseada na mini-ficção *The Hitchhiker*, de Roald Dahl**

Os alunos observaram a imagem por alguns momentos e, seguidamente, alguns voluntários procederam à descrição da imagem. Posteriormente, os alunos foram questionados acerca da pertinência da imagem e de que forma esta poderia estar relacionada com o texto de Roald Dahl. Nesta fase da aula, os alunos expressaram a sua opinião apoiados nos excertos do texto já lidos.

De seguida, foi distribuída uma folha de apoio (ver apêndice 5.43) com um excerto do texto. Os alunos leram o texto em voz baixa durante alguns minutos e, seguidamente, alguns alunos foram solicitados para ler em voz alta.

Depois da actividade de leitura, foi distribuída nova folha de apoio (ver apêndice 5.44) com um exercício de vocabulário (palavras cruzadas) e três perguntas de interpretação. Nas perguntas de compreensão e análise do texto os alunos puderam dar a sua opinião relativamente ao curso da acção, justificando as atitudes de determinadas personagens. Ao solicitar a opinião do aluno quanto à atitude das personagens, este desenvolve um maior envolvimento com a história.

No primeiro exercício, os alunos trabalharam em pares, enquanto nos exercícios seguintes os alunos trabalharam individualmente. O primeiro exercício foi corrigido no quadro e os restantes oralmente.

Na continuação da aula, os alunos terminaram de completar a grelha que haviam iniciado na aula anterior. No sentido de consolidar a informação da grelha, a correcção foi acompanhada pela projecção desta (ver apêndice 5.45), com diferentes propostas de resposta. No final da aula, foi distribuída uma outra folha de apoio (ver apêndice 5.46), na qual os alunos teriam que escrever, em casa, um possível final para a história.

## **Aula 8 (90m) – Descrição e análise**

Um dos objectivos da aula (ver apêndice 5.47), a par dos objectivos gerais das unidades, foi o de incorporar as novas tecnologias na sala de aula, e verificar de que forma estas são responsáveis pela motivação dos alunos.

Uma vez que se tratava da última aula da unidade, a primeira fase da aula teve início com uma projecção em que constavam várias imagens que haviam sido usadas ao longo da unidade (ver apêndice 5.48). Assim, a partir dessas mesmas imagens, os alunos puderam descrever e resumir o que já haviam lido.

De seguida, foi distribuída a primeira folha de apoio (ver apêndice 5.49), com o último excerto de *The Hitchhiker*. Mais uma vez, os alunos leram primeiro em voz baixa e, por fim, em voz alta. Uma vez completada a actividade de leitura, os alunos receberam a segunda folha de apoio (ver apêndice 5.50), com um exercício de vocabulário, que completaram logo de seguida (em pares) e foi corrigido no quadro por alguns deles, e ainda duas perguntas de interpretação, a que responderam individualmente. Após a correcção dos exercícios de compreensão de texto, foi-lhes distribuído um questionário sobre *The Hitchhiker*, de Roald Dahl (ver apêndice 5.51). Nesta fase da aula, os alunos trabalharam em pares. Seguidamente, o questionário foi corrigido através do quadro interactivo (ver apêndice 5.52), em que cada aluno teria que marcar a resposta correcta com a caneta interactiva.

Antes de iniciar a fase seguinte, os alunos foram questionados acerca da definição de *recensão* (*book review*). As diversas respostas dos alunos foram escritas no quadro. Seguidamente foi distribuída uma nova folha de apoio (ver apêndice 5.53), para os alunos completarem o texto (definição de *book review*) com as palavras que faltavam. Mais uma vez, o exercício foi corrigido pelos alunos no quadro interactivo (ver apêndice 5.54), com os alunos a fazerem deslizar as palavras certas para o local certo no texto.

Uma vez introduzida a definição e enunciadas as características de uma recensão, os alunos estavam assim preparados para a tarefa final: escrever uma recensão sobre *The Hitchhiker*, de Roald Dahl (ver apêndice 5.55). Os textos produzidos foram levados para casa, corrigidos e posteriormente foram-lhes devolvidos.

No final da leccionação das aulas, e após ter reflectido sobre as mesmas, pude constatar que consegui concretizar os objectivos a que me tinha proposto, nomeadamente no que diz respeito à motivação dos alunos para ler em língua estrangeira. Uma das grandes preocupações que me acompanhou no decorrer das aulas foi a de criar espaço para que os alunos, por intermédio das actividades e materiais, de modo a que estes pudessem construir o sentido, levando-os à compreensão dos textos. Para isso, procurei desenvolver em sala de aula estratégias de ensino que concretizassem todos os objectivos propostos.

Concluída a descrição e análise das aulas leccionadas, farei no capítulo que se segue a explicitação das estratégias de ensino e de avaliação concebidas, e aplicadas ao longo das aulas.



## **CAPÍTULO VI – EXPLICITAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO E DE AVALIAÇÃO CONCEBIDAS**

O presente capítulo tem como objectivo principal justificar e explicitar as estratégias de ensino e de avaliação usadas no decorrer da prática de ensino supervisionada.

Tomando como referência a citação de Roldão (2009: 29) relativamente à definição de objectivo – “como vou organizar a acção e porquê, tendo em conta o para quê e o para quem?” –, procurarei justificar de que forma o uso de determinadas estratégias contribuiu para a consecução das aprendizagens. Assim, procurarei, em primeiro lugar, justificar a escolha das obras literárias *A Christmas Carol*, de Charles Dickens, e *The Hitchhiker*, de Roald Dahl, e a sua pertinência na motivação para a leitura em língua estrangeira, bem como as estratégias relacionadas com as formas de leitura: individual e de grupo; procurarei ainda justificar a importância do uso de materiais diversificados, quer visuais, quer audiovisuais. Por fim, justificarei as actividades e tarefas finais de aula.

Paralelamente, quanto à avaliação, explicitarei as diferentes formas de avaliação que ocorreram durante as aulas, nomeadamente no que respeita à avaliação contínua.

A principal dificuldade com que me deparei aquando da planificação das unidades curriculares resultou da igual dificuldade em fazer cumprir os objectivos de aprendizagem pretendidos. É neste contexto que as estratégias assumem importância, pois é por intermédio delas que atingimos as finalidades pretendidas. Como refere Roldão (2009: 29), “É no interior da planificação que se faz uso, mesmo quando só formal, do conceito de estratégia”.

Assim, do ponto de vista operacional, procurei responder às questões levantadas por Roldão (2009: 29): “com que meios, actividades, tarefas, em que ordem e porquê?”



O passo anterior à planificação correspondeu à escolha dos textos literários que iriam servir de análise no decorrer das unidades curriculares. Em primeiro lugar, a escolha incidiu sobre textos que se adequassem convenientemente ao ano e nível dos alunos. Uma vez que se tratava de uma turma do 9º ano, os textos não poderiam ser demasiado complexos quer a nível da semântica discursiva quer a nível da própria sintaxe; ainda assim, procurei escolher textos que criassem desafios aos alunos, sem serem demasiado complexos. Por outro lado, procurei escolher textos literários que se adequassem a uma certa didactização e que permitissem um encadeamento de actividades lógicas, culminando para a tarefa final. Por fim, e tendo em conta que o tema do presente relatório está ligado à criação de motivação para a leitura em língua estrangeira, procurei, também, que os textos fossem tematicamente atraentes e inovadores para os alunos.

Os textos literários escolhidos, *A Christmas Carol*, de Charles Dickens, e *The Hitchhiker*, de Roald Dahl, correspondem a dois tipos de género literário diferente: o primeiro, um conto, e o segundo uma mini ficção, também designado de nano ficção ou micro ficção<sup>6</sup>. Apesar de ambos se caracterizarem pela narrativa curta e pela existência de poucas personagens, o conto de Dickens caracteriza-se, essencialmente, por ser mais longo e dividido por capítulos, enquanto a mini ficção se caracteriza por ser um texto mais curto, com apenas duas ou três personagens.

O uso de textos diferentes quanto ao género permitiu-me confrontar os alunos com géneros literários diferentes e suas características, apesar de não ter sido abordada em sala de aula, de forma explícita, as características de cada um dos géneros literários. A escolha do conto de Dickens esteve relacionada com o tema que pretendi abordar, o Natal, por se tratar de uma época festiva que suscita grande interesse nos alunos, mas também com o autor, Charles Dickens,

---

<sup>6</sup> Relativamente à definição deste tipo de texto e sua funcionalidade em sala de aula, veja-se: <http://www.teachingenglish.org.uk/blogs/georginahudson/minifiction-or-short-short-story-classroom>

tendo em vista que a aprendizagem de uma língua implica não só a aprendizagem da cultura, através da qual os alunos desenvolvem a sua mentalidade, alargando horizontes culturais e comportamentais, mas também de estruturas de língua e variação linguística. A escolha de Dickens foi para mim uma escolha obrigatória, pela forma como faz uso das palavras na descrição de espaços, personagens e acontecimentos, assim me permitindo dar a conhecer aos alunos a particularidade linguística de Dickens.

O segundo texto, de Roald Dahl, visivelmente mais curto, obedeceu aos mesmos critérios de escolha do primeiro: tema e autor. Bastante diferente do texto de Dickens, e tendo como principal característica o seu carácter lúdico, o texto permitiu-me trabalhar com os alunos a questão do registo formal e informal. A aproximação do espaço e tempo em que ocorre a narrativa ao espaço e tempo em que se encontram os alunos foi um factor decisivo na escolha do texto, a que se aliou o facto de se tratar de um texto de um autor contemporâneo, cujas características literárias contrastam com as do primeiro autor.

Por fim, gostaria ainda de salientar que o principal critério usado na escolha dos dois textos literários esteve relacionado com a dimensão formativa. O contacto com realidades linguísticas e culturais diversas desenvolve a competência comunicativa, alicerçando atitudes e valores que promovem a educação para a cidadania. Apesar dos textos usados conterem características diferentes, ambos me permitiram diferentes possibilidades de utilização, de análise e de discussão.

Após uma selecção estratégica dos textos, o passo seguinte correspondeu à elaboração da planificação em si. Para isso, tracei dois momentos diferentes: um primeiro, relativo à elaboração das actividades e tarefas; e um outro, relativo à elaboração dos materiais. Procurei, assim, seleccionar, de forma estratégica, actividades que tivessem um seguimento lógico, e que se complementassem uma às outras, estabelecendo um equilíbrio

entre elas, e culminando para a tarefa final, tendo em vista a “maximização da aprendizagem” do aluno (Roldão: 29).

Para isso, desenvolvi em todas as aulas actividades de *lead in*<sup>7</sup>, de leitura, de pós leitura, tendo em vista a execução da tarefa final. Na actividade de *lead in*, uma das actividades mais importantes da aula, uma vez que é nesta fase que se procura envolver os alunos no contexto em que a aula irá decorrer, recorri à utilização de materiais visuais. O uso das imagens no início facilitou o enquadramento dos alunos no assunto da aula, propiciando a participação activa, por meio de actividades de especulação, na construção do contexto da aula, conduzindo-os, de forma lógica para as fases seguintes.

Porém, o uso de imagens na fase inicial de aula, não está apenas relacionado com o estabelecimento de elos temáticos com o texto, está também relacionado com a criação de motivação nos alunos, pois é a partir do estabelecimento de hipóteses que os alunos vão construindo expectativas perante a leitura.

Nas actividades de leitura, procurei, também, desenvolver algumas estratégias, nomeadamente no que diz respeito a duas diferentes formas de leitura – individual ou silenciosa e em grupo ou em voz alta –, e no que refere aos materiais textuais.

Ao falarmos da leitura é importante falarmos também da forma como lemos, uma vez que são várias as formas como lemos, seja em voz alta, em voz baixa, sozinho ou em grupo. Todas estas diferentes formas de ler interagem com a leitura de diferentes formas. Por esta razão, procurei ao longo das aulas desenvolver quer a leitura em silêncio (sozinho), quer a leitura em voz alta (em grupo). A leitura em voz baixa ou silenciosa é, tal como o nome indica, aquela que é feita individualmente; é sobretudo por meio deste tipo de leitura que mais se toma consciência do que se está a ler. Por outro lado, a leitura em voz alta é uma leitura que se dirige aos outros, assumindo várias funções, assim

---

<sup>7</sup> Parte de aula correspondente ao início, no qual se procura cativar a atenção dos alunos para o assunto da aula.

descritas por Morais (1997: 164): "A audição da leitura por outra pessoa tem uma tripla função, cognitiva, linguística e afectiva. Esta forma de ler deve ser audível e expressiva, quando for caso disso." O uso estratégico das duas formas de leitura teve como objectivo criar em sala de aula dois momentos distintos: um primeiro momento, no qual os alunos, individualmente e de forma silenciosa contactaram com o texto; e em grupo, no qual os alunos, após uma primeira leitura, leram em voz alta para os restantes alunos, e durante a qual foi possível corrigir eventuais erros fonológicos. Contudo, a maioria dos alunos quando lê está mais preocupado em não dar erros do que com a compreensão do texto em si. A veracidade desta afirmação é comprovada pelo facto de, no decorrer das aulas, e uma vez que solicitei sempre a leitura em voz alta, alguns dos alunos por mim indicados para a execução da actividade de leitura se terem negado várias vezes a concretizá-la, pois, segundo eles, sentiam-se envergonhados e tinham medo que os restantes colegas parodiassem o modo como liam. No entanto, penso que o professor não deve entregar o aluno ao medo e muito menos ao fracasso, pelo que, sempre que me vi perante tal situação, tentei convencer os alunos de que a sua leitura em voz alta poderia melhorar, caso praticassem. Assim, alguns dos alunos que no início se mostraram renitentes em ler em voz alta, no final demonstraram já alguma confiança em ler para toda a turma.

Também a relação com o texto literário em cada aula foi alvo de uma opção estratégica, na medida em que me preocupei em suspender a história em momentos cruciais, de modo a criar, de aula para aula, uma maior expectativa relativamente ao seguimento do enredo.

Nas actividades de pós leitura procurei seguir uma estratégia metodológica e uniforme ao longo das duas unidades curriculares, partindo da compreensão geral do texto para uma compreensão mais específica e centrada na interpretação textual. Assim, após a actividade de leitura, elaborei, em primeiro lugar, actividades de vocabulário, possibilitando aos alunos uma maior

compreensão do texto, tendo em vista a sua preparação para as questões de compreensão e de interpretação, estabelecendo uma ponte com a aula seguinte.

A elaboração e aplicação estratégica das actividades de *lead in*, actividade de leitura e pós leitura tiveram como objectivo a preparação do aluno para a tarefa final. Assim, na primeira unidade curricular, a tarefa final consistiu em teatralizar o último capítulo de *A Christmas Carol*, de Charles Dickens, através de um *Role Play*<sup>8</sup>; na segunda unidade curricular, a tarefa final consistiu em escrever uma recensão crítica sobre *The Hitchhiker*, de Roald Dahl.

Uma outra estratégia por mim implementada diz respeito à forma social de trabalho, uma vez que foi através dela que procurei atingir alguns propósitos que mencionarei posteriormente. Mais uma vez destaco a definição de estratégia no sentido de corroborar a importância da forma social para a concretização dos objectivos. Uma vez que o “elemento definidor de estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto organizado de acções para a melhor consecução de uma aprendizagem” (Roldão, 2009: 57), gostaria ainda de salientar a forma social de trabalho como uma forma estratégica.

Se é verdade que uma turma é composta por indivíduos com características próprias, é também verdade que devemos diferenciar a forma de ensino, de forma a responder às necessidades de cada aluno. Por muitos objectivos que tenhamos e estratégias que tracemos é, também, com o trabalho dos alunos que conseguimos a “consecução da aprendizagem”.

Assim, tendo em vista as características dos diferentes alunos, bem como a natureza das actividades, foi-me possível recorrer a diferentes formas sociais de trabalho como o trabalho individual, o trabalho de pares e ainda o trabalho em grupo. A cada uma das formas de trabalho correspondeu um objectivo que pretendi alcançar. O trabalho individual assumiu uma grande importância, na

---

<sup>8</sup> “A learning activity in which you behave in the way somebody else would behave in a particular situation: Role playing allows students to practise language in a safe situation.” Wehmeier, S. (2005). *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: Oxford University Press.

medida em que foi para mim importante que os alunos, individualmente, entrassem em contacto com o texto, com as personagens e com os contextos de acção das mesmas, podendo assim interpretar os textos de forma individual, criando uma certa cumplicidade com o texto.

Para além do trabalho desenvolvido individualmente, os alunos puderam também trabalhar em pares sempre que foi oportuno, e maioritariamente em actividades cujos exercícios se referiam ao vocabulário ou até mesmo em exercícios de compreensão de texto, como os de tipo verdadeiro e falso. Também tentei criar em sala de aula momentos em que os alunos pudessem trabalhar em grupo, como foi o exemplo do debate e do *Role Play*, procurando desenvolver a sua autonomia linguística. Apesar de a turma ser constituída por alguns elementos desestabilizadores, o trabalho de grupo assumiu um carácter formativo de grande relevo, na medida em que os alunos puderam comunicar entre si em inglês sem a interferência do professor, o que para a maioria dos alunos resultou num factor positivo.

Por fim, destaco a utilização das novas tecnologias como uma estratégia cuja finalidade foi a de criar motivação nos alunos. Já referi anteriormente que a diversificação dos materiais é importante na criação de motivação, impedindo que as aulas se tornem monótonas e repetitivas. Por isso, para além das imagens e dos materiais textuais, utilizei um vídeo, cujo propósito foi o de substituir o material textual. Assim, em vez de lerem o capítulo IV do conto *A Christmas Carol*, de Charles Dickens, os alunos puderam ver um excerto do filme *A Christmas Carol*, produzido em 2009 pela produtora Walt Disney, correspondente ao mesmo capítulo.

O objectivo geral a que me propus foi o de motivar os alunos para a leitura em língua estrangeira; no entanto, tenho consciência das diversas contrariedades relativamente à indisponibilidade que alguns alunos demonstram face à leitura. Deste modo, e de forma a motivar os alunos, selecionei de forma estratégica o excerto de um filme.

De um modo geral, o uso das novas tecnologias foi algo de transversal a todas as estratégias por mim usadas em sala de aula. Uma vez que as salas de aula estavam devidamente equipadas com projector de data-show e quadro interactivo foi para mim não só imperativo como crucial usar o material disponível, no sentido de enriquecer as aulas, tornando-as mais apelativas. O uso do quadro interactivo foi, sem dúvida, uma mais-valia, na medida em que na aula em que foi utilizado os alunos mostraram um ainda maior envolvimento e participação nas actividades.

Cabe ao professor desenhar estratégias que lhe permitam uma maior eficácia na sala de aula; contudo, para isso não basta planificar e construir materiais, é também importante perceber que os alunos de hoje não são os alunos de ontem. Deste modo, as nossas estratégias devem corresponder às necessidades dos alunos de hoje. E como as necessidades, as expectativas e realidade quotidiana destes alunos é grandemente determinada pelo acesso e uso das tecnologias de informação e comunicação, o recurso a essas tecnologias na sala de aula assume muita importância, permitindo que os alunos, a partir do que lhes é mais familiar, aprendam e utilizem a língua inglesa.

A avaliação dos alunos ocorreu de forma paralela à execução das actividades e tarefas. Foi a partir do trabalho dos alunos, através das suas intervenções, interesse nas actividades e tarefas e comportamento em sala de aula que me foi possível reunir as informações necessárias quanto ao seu desempenho. Contudo, o professor deve recorrer a formas múltiplas de recolha de informação, nomeadamente através da avaliação diagnóstica, que deve ocorrer no início de cada ano lectivo. Apesar de não ser um teste, o questionário por mim elaborado e implementado antes da leccionação das unidades curriculares permitiu-me recolher informações sobre os hábitos de leitura dos alunos, assumindo um papel crucial aquando da elaboração das planificações de unidade e de aula.

Apesar da avaliação ao longo das aulas por mim leccionadas ter centrado a sua importância na avaliação formativa por meio da participação dos alunos nas diversas actividades e na execução de tarefas, elaborei, também um teste sumativo (ver apêndice 6.1) para a primeira unidade curricular, correspondente ao conto *A Christmas Carol*, que, por motivos de calendarização e organização escolar, não foi posto em prática.

O acto de avaliar não abrange apenas os alunos, mas todo o processo de ensino aprendizagem. Durante a prática lectiva, o professor deve observar de que forma todo o processo se desenvolve, procedendo a uma posterior avaliação do seu desempenho, de forma a identificar os aspectos positivos e negativos que lhe permitam fazer ajustamentos nas planificações, actividades e estratégias. No seguimento deste pressuposto, procurarei no capítulo seguinte, abordar aspectos do meu desempenho ao longo do processo da prática de ensino supervisionada.





## **CAPÍTULO VII – REFLEXÃO CRÍTICA**

“ ensina quem sabe ensinar, porque sabe o que ensina, e sabe como ensinar, a quem e para  
quê”

Roldão (2009: 42)

No presente capítulo, pretendo efectuar uma reflexão crítica acerca da forma como decorreu a prática de ensino supervisionada na turma 9ºE da Escola Básica e Secundária Passos Manuel.

Reflectir sobre a prática de ensino supervisionada implica, igualmente, reflectir acerca das aprendizagens pedagógicas e profissionais que ocorreram ao longo do Mestrado em Ensino, na medida em que essas aprendizagens contribuíram para a tomada de decisões de carácter metodológico, estratégico e pedagógico postas em prática aquando da leccionação das unidades curriculares. Contudo, reflectir sobre a prática de ensino supervisionada implicou, igualmente, reflectir sobre as dificuldades e obstáculos com que me deparei no decorrer da elaboração das planificações e na leccionação das aulas relativamente à implementação de estratégias e técnicas de ensino. Assim, e de forma a facilitar a leitura, optei por organizar estas reflexões em duas partes, uma referente a Aprendizagens, outra referente a Dificuldades.

No domínio das aprendizagens devo dizer que, ao longo do Mestrado em Ensino foram inúmeras as aprendizagens de carácter geral, através das disciplinas de *Processo Educativo: Desenvolvimento e Aprendizagem*, *Currículo e Avaliação* e *Escola como Organização Educativa*, cujos objectivos me propiciaram um conhecimento teórico a partir de quadros conceptuais diversos e me permitiram desenvolver atitudes e práticas que vieram a contribuir para a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem.

A disciplina *Processo Educativo*, situada na área de conhecimentos da Psicologia Educacional, contribuiu para a compreensão de sistemas psicológicos, a partir dos modelos humanista, cognitivista e behaviorista, e de perspectivas psicológicas sobre os processos educativos associados aos processos de aprendizagem, através de quadros teóricos, e permitiu a aquisição

de competências de modo a garantir a tomada de decisões ajustadas ao exercício da profissão de professor.

No que respeita às disciplinas de *Currículo e Avaliação* e *Escola como Organização Educativa*, situadas nas áreas de fundamentação e gestão curricular e de organização escolar, posso dizer que ambas permitiram uma melhor compreensão da instituição escolar ao nível da sua organização enquanto instituição, mas também quanto à organização e gestão do currículo nacional, contribuindo, assim, para uma melhor prática profissional da minha parte.

Para além das disciplinas de carácter geral, as disciplinas de carácter específico como, *Introdução à Prática Profissional*, *Didáctica de Inglês* e *Didáctica de Alemão*, foram, também, essenciais quanto à aquisição de conhecimentos no âmbito da formação inicial de professores. As disciplinas de Didáctica, de carácter mais teórico, permitiram a reflexão sobre e a aquisição de aprendizagens relativas a métodos de ensino, como o método clássico, o método directo, e os paradigmas comunicativo e de ensino por tarefas. As disciplinas de *Didáctica* permitiram, ainda, um contacto com a prática de ensino a partir da elaboração de planificações de unidades curriculares e de aula, dando conta da necessidade da organização lógica e sequencial das planificações, no sentido de tornar eficaz o processo de ensino e aprendizagem.

A disciplina de *Introdução à Prática Profissional*, de carácter mais prático, apoiada nos conhecimentos veiculados nas disciplinas de Didáctica, permitiu não só a verificação de realidades educativas, por meio da observação das aulas do professor cooperante, mas também, a elaboração de planificações de unidades curriculares, de aulas e de actividades e construção de materiais.

Assim, ambas as disciplinas, de forma complementar, contribuíram para a aprendizagem da prática de ensino em si, tendo em vista o domínio dos conhecimentos, metodologias e técnicas de trabalho; permitiram ainda uma análise do currículo nacional e a adaptação da prática de ensino às necessidades dos alunos.

Sendo um relatório da prática de ensino supervisionada realizada na turma E do 3º Ciclo do Ensino Básico da Escola Básica e Secundária Passos Manuel, o presente relatório é também, assim, o resultado prático da concretização das aprendizagens teórico-práticas que ocorreram ao longo do Mestrado em Ensino, sem as quais a prática de ensino supervisionada teria sido muito diferente e menos eficaz

Tendo consciência de que as características da turma devem influenciar o modo como elaboramos estratégias quanto ao modo de ensinar, uma vez que cada turma tem as suas características próprias – por essa razão as estratégias não são de aplicação global, mas sim específicas às necessidades de cada turma, adaptei a planificação das unidades curriculares, de forma a tornar eficaz o processo de ensino e aprendizagem e a concretização dos objectivos a que me havia proposto.

Assim, procurei ao longo das aulas leccionadas criar uma sequência lógica, de forma a desenvolver nos alunos competências de leitura, de escrita e de oralidade, como se pode verificar pela leitura dos capítulos V e VI, partindo, por exemplo, de actividades de especulação sobre os textos a partir de imagens, seguidas de actividades de leitura e pós leitura, nas quais desenvolvi actividades de vocabulário e de análise e interpretação de texto, tendo em vista a concretização da tarefa final. Em todas as aulas procurei seguir esta sequência, de forma a seguir uma lógica organizacional, que enquanto estagiária me foi útil.

Procurei, no entanto, criar desafios a mim mesma, nomeadamente na tarefa final da segunda aula, na qual os alunos tiveram que fazer um debate. Sabendo que a turma era bastante faladora e com elementos desestabilizadores, essa tarefa consistiu num grande desafio, pois tive que pôr em prática estratégias inibidoras de situações que possibilitassem o conflito. O êxito da execução da tarefa, com a participação activa dos alunos e a tentativa destes em respeitar as opiniões dos outros, foi um factor de grande motivação,

mas também uma aprendizagem, na medida em que percebi que o comportamento da turma não deve ser impeditivo da concretização de tarefas úteis à aprendizagem.

Para além da preocupação com a sequência lógica das actividades, fiz incidir, também, a minha preocupação nos materiais visuais e nas folhas de apoio, pois considero que os materiais apelativos em muito contribuem para a motivação dos alunos. Assim, procurando atender ao tema que me propus trabalhar – Leitura Extensiva: o papel das actividades e dos materiais na motivação dos alunos –, gostaria de salientar que a diversidade de actividades pode ser um factor de criação de motivação para os alunos, na medida em que estes não são meros receptores de informação, mas agentes activos no processo de ensino aprendizagem. A diversidade de actividades aliada a diferentes formas sociais de trabalho, bem como aos diferentes materiais usados contribuíram, ainda, para a quebra da monotonia em sala de aula, ajudando os alunos a adquirirem uma postura activa e participativa.

A preocupação em desenvolver nos alunos auto confiança e autonomia na aprendizagem foi algo de transversal ao longo da leccionação das aulas. Na verdade, a auto confiança que procurei desenvolver nos alunos, nomeadamente no que respeita à leitura, foi a mesma auto confiança que procurei demonstrar ao longo das aulas.

Apesar de sentir que cumpro os objectivos a que me propus, tenho consciência que ainda tenho muito a aprender relativamente à elaboração de planificações e estratégias de ensino. Se é verdade que a planificação auxilia na sequência das aulas e objectivos a atingir, também é verdade que somos muitas vezes confrontados na sala de aula com comportamentos sobre os quais não reflectimos anteriormente. De facto, os alunos são organismos vivos, não são seres amorfos que controlamos; as suas reacções e comportamentos são algo com que devemos saber lidar, adoptando estratégias e técnicas de ensino

adequadas. E assim passo a focar algumas das dificuldades com que lidei ao longo da prática de ensino supervisionada.

No domínio das dificuldades devo dizer que, a decisão de fazer do objecto do meu relatório a leitura extensiva esteve relacionada com os conteúdos do Programa de inglês do 3º Ciclo, no qual está previsto que os alunos desenvolvam práticas diversas de sensibilização à leitura extensiva através da interacção com os textos. Contudo, uma vez que não houve contacto com a turma antes da prática de ensino supervisionada, não pude fazer coincidir as aulas leccionadas com as verdadeiras necessidades dos alunos. Assim, aponto como primeiro obstáculo ou dificuldade o reduzido envolvimento dos estagiários com a turma na qual leccionam, limitado apenas ao tempo em que a prática de ensino se desenvolve.

Apesar de considerar que a relação de trabalho com os alunos foi positiva, considero ainda que não foi a ideal, por eu não ser de facto a professora da turma, o que me impossibilitou de avaliar e comunicar os resultados das aprendizagens aos alunos, de forma a ajudá-los a melhorar o seu desempenho. Por outro lado, a falta de envolvimento nas reuniões de turma e de interacção com encarregados de educação impossibilitaram uma visão ampla do ensino, cingindo-se apenas à execução das aulas planificadas.

Partindo da definição de ensinar, que “consiste em desenvolver uma acção especializada, fundada em conhecimento próprio, de fazer com que alguém aprenda alguma coisa que se pretende e se considera necessária” (Roldão, 2009: 14), considero que, de uma forma geral, o meu desempenho foi bom, pois procurei pôr em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do Mestrado em Ensino, procurando que os alunos desenvolvessem o seu trabalho de forma autónoma e participativa.

Todavia, tal como canta o poeta sevilhano António Machado, “o caminho faz-se caminhando”, pelo que, tendo plena consciência do trabalho e da dedicação que a profissão de professor exige, requerendo uma constante

necessidade de formação, com vista a uma melhor prática profissional, posso dizer que estou pronta para a caminhada.

## CONCLUSÃO

Ao longo do presente relatório procurou-se descrever o processo relativo à prática de ensino supervisionada sob duas perspectivas complementares. Uma perspectiva teórica, na qual se descreveram os conteúdos relativos ao Currículo Nacional do Ensino Básico e Programa de Inglês do 3º Ciclo e sua adaptação às unidades curriculares leccionadas, e se analisaram as definições de objectivo e estratégia e sua pertinência na prática de ensino. Numa perspectiva mais prática, descreveram-se as aulas leccionadas e a aplicação de estratégias de ensino e avaliação, tendo em vista o cumprimento dos objectivos, nomeadamente no que concerne à aquisição de hábitos de leitura pelos alunos, sem contudo deixar de ter em consideração as especificidades dos alunos e o contexto económico, culturais e social no qual decorreu a prática de ensino supervisionada.

Por meio da leitura, os alunos tiveram a oportunidade de entrar em contacto com realidades culturais diversas, bem como desenvolver competências linguísticas e comunicativas em LE. Transversalmente, procurei desenvolver nos alunos o gosto pela leitura por intermédio do uso de materiais e de planificação de actividades apelativos, que se verificaram importantes no decorrer das aulas, como se constatou pela participação activa e espontânea dos alunos nas actividades e tarefas propostas.

Ao contrário do que seria de esperar, considerando os resultados do questionário inicial, alguns dos alunos foram, ao longo das unidades curriculares, demonstrando mais e maior entusiasmo pelos materiais textuais, bem como pelas actividades e tarefas que tinham que executar, o que parece validar a pertinência dos materiais e actividades na motivação dos alunos.

Não poderei, ainda, deixar relacionar o entusiasmo pelas actividades e tarefas com a implementação de algumas das estratégias de ensino, nomeadamente no que diz respeito à sequência de actividades, tendo em vista



a tarefa final, que possibilitaram uma sequência de aula lógica e consequentemente mais motivante para os alunos.

Apesar do sucesso das estratégias de ensino aplicadas, alguns alunos não mostraram uma mudança positiva face à leitura extensiva, pesem embora os esforços de motivação a que foram sujeitos; tal facto prende-se com uma falta de envolvimento desses alunos no processo de aprendizagem de forma global.

Até mesmo por esta e outras contrariedades encontradas, e tendo em vista o melhoramento da minha prática de ensino, procurei adoptar sempre um posicionamento crítico, de reflexão quanto à aplicação de estratégias e técnicas de ensino. A auto-avaliação através da reflexividade permitiu-me perspectivar um futuro melhoramento dos processos didácticos e pedagógicos. Do processo como um todo sai reforçada a importância da preparação e organização das planificações, actividades e tarefas, sem contudo se descuidar a necessidade de flexibilização face à diversidade de alunos que constituem uma turma, exigindo que o professor seja capaz de responder às necessidades de cada um de forma diferenciada.

<b>ÍNDICE DE APÊNDICES</b>	<b>Página</b>
<b>Apêndice 3.1 – Questionário</b>	<b>89</b>
<b>Apêndice 3.2 – Resultados do Questionário</b>	<b>90</b>
<b>Apêndice 5.1 – Planificação das Unidades Curriculares</b>	<b>91</b>
<b>Apêndice 5.2 – Planificação da Aula 1</b>	<b>92</b>
<b>Apêndice 5.3 – Imagem 5.1 (projectada em suporte multimédia)</b>	<b>93</b>
<b>Apêndice 5.4. – Material visual – actividade (projectada em suporte multimédia)</b>	<b>94</b>
<b>Apêndice 5.5 – Folha de apoio 1</b>	<b>95</b>
<b>Apêndice 5.6 – Folha de apoio 2</b>	<b>96</b>
<b>Apêndice 5.7 – Folha de apoio 3</b>	<b>97</b>
<b>Apêndice 5.8 – Cartões – Organizações Não Governamentais (tarefa Final)</b>	<b>98</b>
<b>Apêndice 5.9 – Planificação da Aula 2</b>	<b>99</b>
<b>Apêndice 5.10 – Imagem 5.2 (projectada em suporte multimédia)</b>	<b>100</b>
<b>Apêndice 5.11 – Folha de apoio 1</b>	<b>101</b>
<b>Apêndice 5.12 – Folha de apoio 2</b>	<b>102</b>
<b>Apêndice 5.13 – Folha de apoio 3</b>	<b>103</b>
<b>Apêndice 5.14 – Imagem projectada em suporte multimédia – Debate (tarefa final)</b>	<b>104</b>
<b>Apêndice 5.15 – Planificação da Aula 3</b>	<b>105</b>
<b>Apêndice 5.16 – Imagem 5.3 (projectada em suporte multimédia)</b>	<b>106</b>
<b>Apêndice 5.17 – Folha de apoio 1</b>	<b>107</b>

<b>Apêndice 5.18 – Folha de apoio 2</b>	<b>108</b>
<b>Apêndice 5.19 – Folha de apoio 3</b>	<b>109</b>
<b>Apêndice 5.20 – Material para actividade de grupo</b>	<b>110</b>
<b>Apêndice 5.21 – Folha de apoio 4 (tarefa final de aula)</b>	<b>111</b>
<b>Apêndice 5.22 – Planificação da Aula 4</b>	<b>112</b>
<b>Apêndice 5.23 – Guião para a teatralização de <i>A Christmas Carol</i> (tarefa final da unidade curricular)</b>	<b>113</b>
<b>Apêndice 5.24 – “ A Christmas Carol” – o livro</b>	<b>114</b>
<b>Apêndice 5.25 – Imagens alusivas ao Natal e a <i>A Christmas Carol</i> projectadas em suporte multimédia</b>	<b>115</b>
<b>Apêndice 5.26 – Jogo das questões sobre os temas: Natal e <i>A Christmas Carol</i></b>	<b>116</b>
<b>Apêndice 5.27 – Letra da canção de Natal - <i>Jingle Bells</i></b>	<b>117</b>
<b>Apêndice 5.28 – Planificação da Aula 5</b>	<b>118</b>
<b>Apêndice 5.29 – Imagem 5.4 (projectada em suporte multimédia)</b>	<b>119</b>
<b>Apêndice 5.30 – Imagem 5.5 (projectada em suporte multimédia)</b>	<b>120</b>
<b>Apêndice 5.31 – Folha de apoio 1</b>	<b>121</b>
<b>Apêndice 5.32 – Folha de apoio 2</b>	<b>122</b>
<b>Apêndice 5.33 – Folha de apoio 3</b>	<b>123</b>
<b>Apêndice 5.34 – Folha de apoio 4 (tarefa final)</b>	<b>124</b>
<b>Apêndice 5.35 – Planificação da Aula 6</b>	<b>125</b>
<b>Apêndice 5.36 – Imagem de diferentes cartoons (projectada em suporte multimédia)</b>	<b>126</b>
<b>Apêndice 5.37 – Folha de apoio 1</b>	<b>127</b>

<b>Apêndice 5.38 – Folha de apoio 2</b>	<b>128</b>
<b>Apêndice 5.39 – Folha de apoio 3</b>	<b>129</b>
<b>Apêndice 5.40 – Folha de apoio 4 (tarefa final)</b>	<b>130</b>
<b>Apêndice 5.41 – Planificação da Aula 7</b>	<b>131</b>
<b>Apêndice 5.42 – Imagem 5.6 (projectada em suporte multimédia)</b>	<b>132</b>
<b>Apêndice 5.43 – Folha de apoio 1</b>	<b>133</b>
<b>Apêndice 5.44 – Folha de apoio 2</b>	<b>134</b>
<b>Apêndice 5.45 – Grelha de leitura – personagens (projectada em suporte multimédia)</b>	<b>135</b>
<b>Apêndice 5.46 – Folha de apoio 3 (tarefa final)</b>	<b>136</b>
<b>Apêndice 5.47 – Planificação da Aula 8</b>	<b>137</b>
<b>Apêndice 5.48 – Imagens alusivas à mini-ficção <i>The Hitchhiker</i> (projectadas em suporte multimédia)</b>	<b>138</b>
<b>Apêndice 5.49 – Folha de apoio 1</b>	<b>139</b>
<b>Apêndice 5.50 – Folha de apoio 2</b>	<b>140</b>
<b>Apêndice 5.51 – Questionário sobre <i>The Hitchhiker</i></b>	<b>141</b>
<b>Apêndice 5.52 – Correção do questionário (quadro interactivo)</b>	<b>142</b>
<b>Apêndice 5.53 – Folha de apoio 3</b>	<b>143</b>
<b>Apêndice 5.54 – Correção do exercício da folha de apoio 3 (quadro interactivo)</b>	<b>144</b>
<b>Apêndice 5.55 – Folha de apoio 4 – Recensão Crítica (tarefa final da unidade curricular)</b>	<b>145</b>
<b>Apêndice 6.1 – Teste Sumativo</b>	<b>146</b>



# **Apêndice 3.1**

## **Questionário**

# **Apêndice 3.2**

## **Resultados do Questionário**

# **Apêndice 5.1**

## **Planificação das Unidades Curriculares**



# **Apêndice 5.2**

## **Planificação da Aula 1**

# **Apêndice 5.3**

## **Imagem 5.1**

**(projectada em suporte multimédia)**

## **Apêndice 5.4**

**Material visual – actividade  
(projectada em suporte multimédia)**

# **Apêndice 5.5**

## **Folha de apoio 1**

# **Apêndice 5.6**

## **Folha de apoio 2**

# **Apêndice 5.7**

## **Folha de apoio 3**

# **Apêndice 5.8**

## **Cartões – Organizações Não Governamentais**

**(tarefa final de aula)**

# **Apêndice 5.9**

## **Planificação da Aula 2**



# **Apêndice 5.10**

## **Imagem 5.2**

**(projectada em suporte multimédia)**

# **Apêndice 5.11**

## **Folha de apoio 1**

# **Apêndice 5.12**

## **Folha de apoio 2**

# **Apêndice 5.13**

## **Folha de apoio 3**

## **Apêndice 5.14**

### **Imagem projectada em suporte multimédia – Debate (tarefa final de aula)**

# **Apêndice 5.15**

## **Planificação da Aula 3**

# **Apêndice 5.16**

## **Imagem 5.3**

**(projectada em suporte multimédia)**

# **Apêndice 5.17**

## **Folha de apoio 1**



# **Apêndice 5.18**

## **Folha de apoio 2**

# **Apêndice 5.19**

## **Folha de apoio 3**

## **Apêndice 5.20**

### **Material para actividade de grupo**

# **Apêndice 5.21**

## **Folha de apoio 4 (tarefa final de aula)**

# **Apêndice 5.22**

## **Planificação da Aula 4**

## **Apêndice 5.23**

**Guião para a teatralização de**

*A Christmas Carol*

**(tarefa final da unidade curricular)**

## **Apêndice 5.24**

***A Christmas Carol* – o livro**

**Apêndice 5.25**

**Imagens alusivas ao Natal e a**

***A Christmas Carol***

**(projectadas em suporte multimédia)**



## **Apêndice 5.26**

**Jogo das questões sobre os temas:  
Natal e *A Christmas Carol***

## **Apêndice 5.27**

### **Letra da canção de Natal**

*Jingle Bells*

# **Apêndice 5.28**

## **Planificação da Aula 5**

# **Apêndice 5.29**

## **Imagem 5.4**

**(projectada em suporte multimédia)**

# **Apêndice 5.30**

## **Imagem 5.5**

**(projectada em suporte multimédia)**

# **Apêndice 5.31**

## **Folha de apoio 1**

# **Apêndice 5.32**

## **Folha de apoio 2**

# **Apêndice 5.33**

## **Folha de apoio 3**



# **Apêndice 5.34**

## **Folha de apoio 4**

**(tarefa final de aula)**

# **Apêndice 5.35**

## **Planificação da Aula 6**

## **Apêndice 5.36**

**Imagem de diferentes *cartoons*  
(projectada em suporte multimédia)**

# **Apêndice 5.37**

## **Folha de apoio 1**

# **Apêndice 5.38**

## **Folha de apoio 2**

# **Apêndice 5.39**

## **Folha de apoio 3**

# **Apêndice 5.40**

## **Folha de apoio 4**

**(tarefa final de aula)**

# **Apêndice 5.41**

## **Planificação da Aula 7**



# **Apêndice 5.42**

## **Imagem 5.6**

**(projectada em suporte multimédia)**

# **Apêndice 5.43**

## **Folha de apoio 1**

# **Apêndice 5.44**

## **Folha de apoio 2**

## **Apêndice 5.45**

### **Grelha de leitura – personagens (projectada em suporte multimédia)**

# **Apêndice 5.46**

## **Folha de apoio 3**

**(tarefa final de aula)**

# **Apêndice 5.47**

## **Planificação da Aula 8**

## **Apêndice 5.48**

**Imagens alusivas à mini-ficção**

*The Hitchhiker*

**(projectadas em suporte multimédia)**

# **Apêndice 5.49**

## **Folha de apoio 1**



# **Apêndice 5.50**

## **Folha de apoio 2**

**Apêndice 5.51**  
**Questionário sobre**  
*The Hitchhiker*

# **Apêndice 5.52**

## **Correcção do questionário**

### **(quadro interactivo)**

# **Apêndice 5.53**

## **Folha de apoio 3**

# **Apêndice 5.54**

## **Correcção do exercício - folha de apoio 3**

**(quadro interactivo)**

# **Apêndice 5.55**

## **Folha de apoio 4**

### **Recensão Crítica**

**(tarefa final da unidade curricular)**

# **Apêndice 6.1**

## **Teste Sumativo e**

### **Critérios de Avaliação**

## **BIBLIOGRAFIA**

### **1. OBRAS DE LEITURA EXTENSIVA**

**Dahl**, R. (1986). *The Hitchhiker in Completely Unexpected Tales*. Great Britain: Penguin Books.

**Dickens**, D. (Ed). (1997). *A Christmas Carol*. Essex: Longman.

### **2. DOCUMENTOS ORIENTADORES**

**Conselho da Europa**. (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas – Aprendizagem, ensino e avaliação*. Porto: Edições Asa.

**Ministério da Educação**. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa.

**Ministério da Educação**. (s/d). *Programa de Inglês. Programa de Inglês e Organização Curricular – Língua Estrangeira I*. Lisboa.

### **3. BIBLIOGRAFIA GERAL**

**Brumfit**, C. J. e **Carter**, R. A. (2000). *Literature and Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.

**Cadório**, L. (2001). *O gosto pela Leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.

**Day**, R. e **Bamford**, J. (2002). *Extensive Reading in Second Language Classroom*. Cambridge: CUP.

**Day**, R. e **Bamford**, J. (2008). *Extensive Reading Activities for Teaching Language*. Cambridge: CUP.

**Feldman**, R.S. (2001). "Motivação e Emoção ". In *Compreender a Psicologia* (5ª Ed). Alfragide: Macgraw – Hill Portugal.

**Ferreira**, J. B. e **Barata**, C. (s/d). *Ensino Básico: 3º Ciclo* .



**Fontaine**, A. M. (2005). *Motivação em contexto escolar*. Lisboa: Universidade Aberta.

**Harmer**, J. (1986). *The Practice of English Language Teaching*. New York: Longman.

**Morgan**, J. e **Rinvolucrí**, M. (1984). *Once Upon a Time: Using stories in the language classroom*. Cambridge: Cambridge University Press.

**Nóvoa**, A. et al. (2004). *Currículo, Situações Educativas e Formação de Professores. Estudos em Homenagem a Albano Estrela*. Lisboa: Educa.

**Pacheco**, J. A. (2008). *Organização Curricular Portuguesa*. Porto Editora.

**Piaget**, J. W. e **Miller**, G. E. (2003). *Handbook of Psychology: Educational Psychology*. New York: Wiley.

**Roldão**, M. C. (1999). *Currículo e Cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

**Roldão**, M. C. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências – As questões dos professores*. Lisboa: Presença.

**Roldão**, M. C. (2009). *Estratégias de Ensino – o saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

**Sprinthall**, N. A. e **Collins**, W. A. (1999). *Psicologia do Adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

**Vieira**, E. e **Duarte**, M. J. (2005). *Roundabout - Learning and Language Skills*. Edições Sebenta.

**Zemeckis**, R. (Produtor e Realizador). (2009). *A Christmas Carol*. EUA: Walt Disney Pictures.

#### **4. REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS**

<http://www.dridc.pt/Teip/Paginas/default.aspx>

<http://www.roalddahlfans.com/books/comp.php>

<http://www.teachingenglish.org.Uk/blogs/georginahudson/minifiction-or-short-short-story-classroom>

<http://www.eslreading.org/ghost/ghost/christmascaorlhtml.html>

<http://christmascarol.esolebooks.com/>

<http://www.penguinreaders.com/pdf/downloads/pr/teachers-notes/9781405842822.pdf>

[http://www.litplans.com/authors/Roald Dahl.html](http://www.litplans.com/authors/Roald_Dahl.html)

<http://www.proprofs.com/quiz-school/story.php?title=hitchhiker-by-roald-dahl>

<http://www.squidoo.com/extensivereading>

<http://www.prof2000.pt/users/anamartins/leituraextensiva.html>

**Anexo 1**

**Planta do Edifício**

**Escola Básica e**

**Secundária Passos Manuel**

# **Anexo 2**

## **Organograma - Órgãos de Gestão**



English – 9ºE – 2010/2011

Name: \_\_\_\_\_

Class \_\_\_\_\_ Date: \_\_\_\_\_



## Reading and you

**Answer the following questions:**

1. How much time do you think you spend reading in an average week?

1 hour	2 hours	3 hours	4 hours	other

2. Where do you usually read?

	In school
	On the bus
	In the car
	In bed
	At the library
	At the computer

3. What kind of things do you usually read?

	Magazines
	Comic Books
	Newspapers
	Novels
	Short stories
	Tales
	others

4. What's your favorite? Why?

---

5. Do you enjoy reading? Why?

---

6. Do you enjoy reading in English? Why or why not?

---

7. Cross the ones you agree with:

<input type="checkbox"/>	Reading in my language is fun.
<input type="checkbox"/>	Reading in my language is easy.
<input type="checkbox"/>	Reading in English is difficult.
<input type="checkbox"/>	Reading in English is boring.
<input type="checkbox"/>	Reading in English is fun.

8. If you could read a book in English which one would you like to read? Why?

---

9. Do you think reading in English helps your English ability?

---

10. Can reading English be fun? What does your motivation depends on?

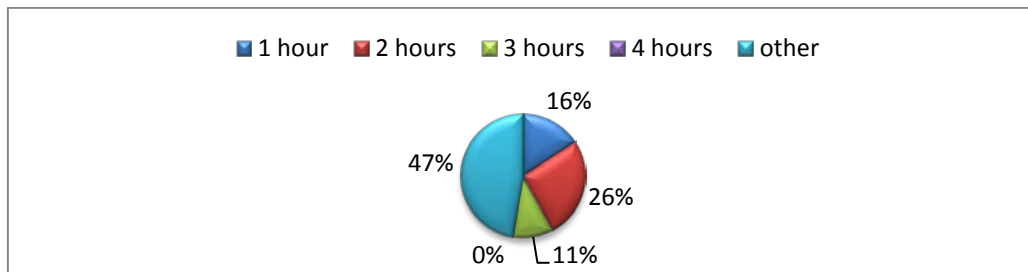
<input type="checkbox"/>	Materials
<input type="checkbox"/>	Activities
<input type="checkbox"/>	Story
<input type="checkbox"/>	Illustrations

**Thank you!**



Amostra: 19 de um total de 20 alunos

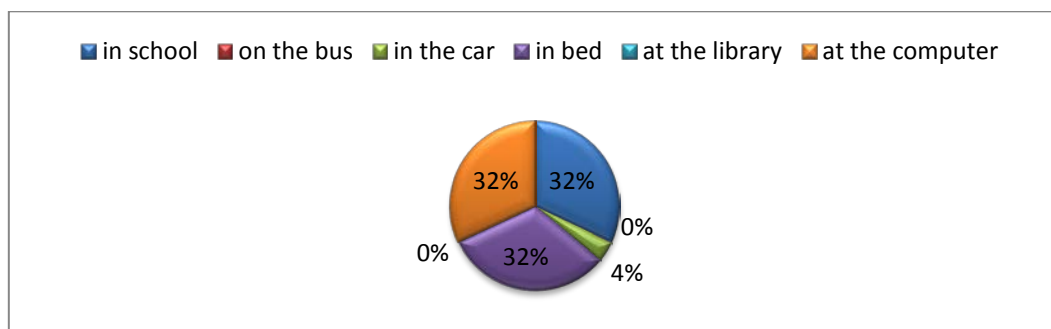
**Pergunta 1** – How much time do you think you spend reading in an average week?



**Gráfico 1**

Apenas dois alunos responderam que estudavam três horas e nenhum que estudava quatro horas, no que respeita à variável *other*, esta pode ser observada sob duas perspectivas: os alunos estudam menos de uma hora ou mais de quatro.

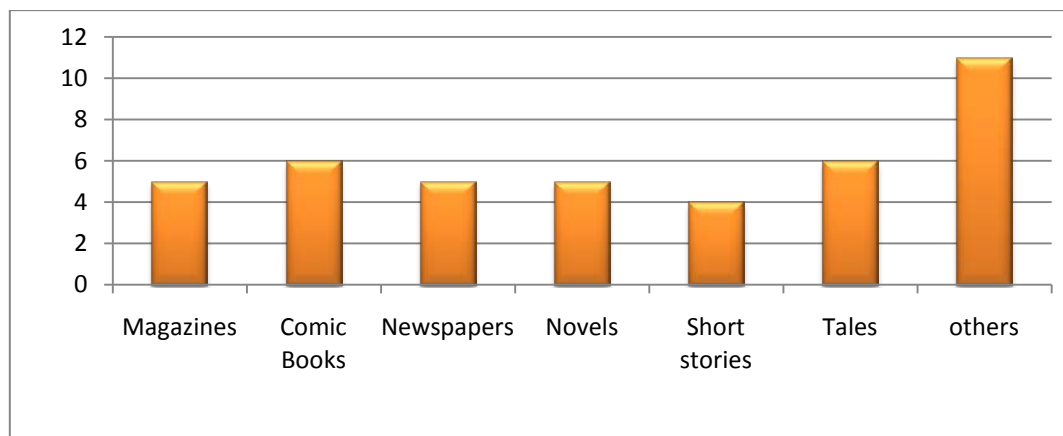
**Pergunta 2** – Where do you usually read?



**Gráfico 2**

Nenhum aluno considerou a resposta *at the library*, os restantes alunos estão divididos entre as respostas: *in bed*, *at the computer* e *at school*. Dois alunos adicionaram ainda a possibilidade de resposta *on the train*, uma vez que esta não constava na lista de opções.

**Pergunta 3** – What kind of things do you usually read?



**Gráfico 3**

A esta pergunta a maioria dos alunos considerou mais do que uma hipótese, ou seja, cada aluno escolheu duas ou mais respostas. Note-se, ainda que, 6 alunos afirmam ler banda desenhada e contos. É ainda de salientar a escolha de 11 alunos pela hipótese *others*. Uma vez que o questionário não pedia a identificação de *others*, foi difícil perceber que outros tipos de livros os alunos lêem.



#### Pergunta 4 – What's your favorite? Why?

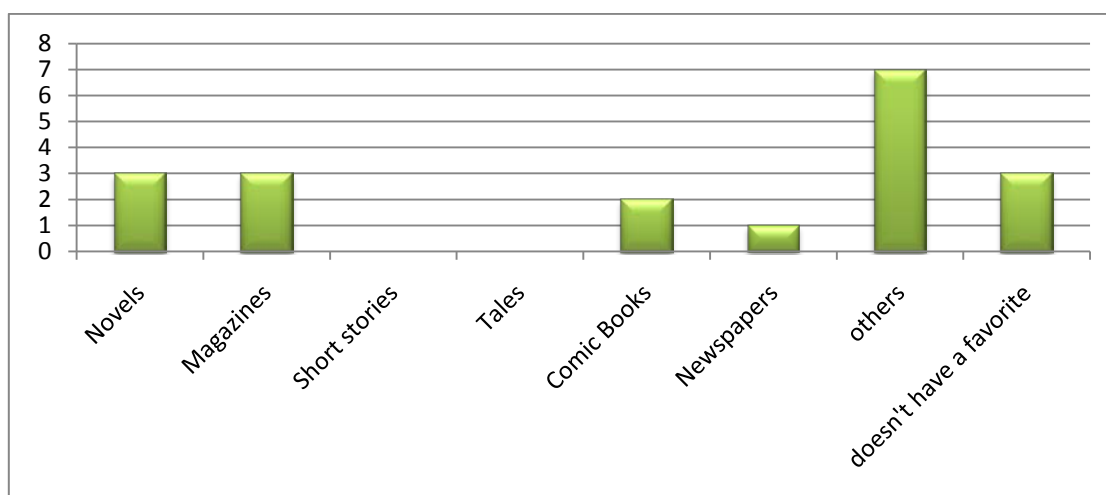


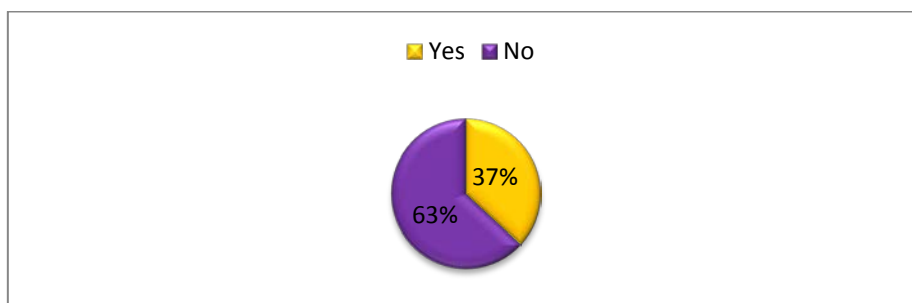
Gráfico 4

A resposta a esta pergunta permitiu não só verificar as preferências dos alunos, como também relacionar a que tipo de livros correspondia a variável *others*. Assim, os alunos que escolheram *others* na pergunta anterior, nesta pergunta referiram nas suas preferências livros de acção, livros de história, livros de ficção científica, a saga *Twilight*, *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, entre outros.

Os alunos que assinalaram *Newspapers* referiram os jornais desportivos como os seus favoritos. As razões apontadas pelos alunos nas suas escolhas não foram muito variadas: os alunos que escolheram *Novels* e livros como *Senhor dos anéis* ou a saga *Twilight* consideraram estes os seus favoritos por terem uma boa história, no que respeita às outras escolhas a justificação dada pelos alunos foi de: *cool*, *fun*, e *interesting*.

**Pergunta 5** - Do you enjoy reading? Why?

Vejamos o seguinte gráfico correspondente às respostas dos alunos:

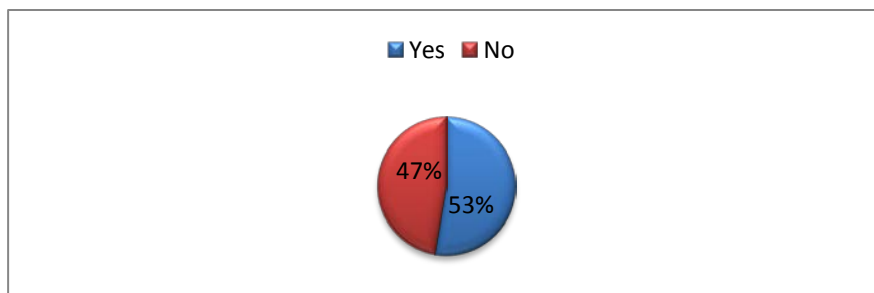


**Gráfico 5**

A maioria dos alunos (12) respondeu não gostar de ler, tendo considerado que a leitura é: *boring*, e *waste of time*, alguns dos alunos ainda apontaram preferir ver televisão do que ler. Os alunos que responderam afirmativamente (7) consideram a leitura: *fun and interesting*, atribuindo, ainda qualidades à mesma através das afirmações: *make us imagine*, *I learn a lot from books*, e ainda, *It's good to spend time*.

**Pergunta 6** – Do you enjoy reading in English? Why or why not?

As respostas a esta questão foram muito equilibradas, na medida em que 10 alunos afirmaram gostar de ler em Inglês e 9 alunos afirmaram não gostar de ler em Inglês 8 (vd Gráfico 6). Contudo, é importante considerar as suas justificações. Os alunos que gostam de ler em Inglês atribuíram importância à prática da língua no sentido de melhorar as suas competências – *I can practise my English*, por outro lado, os alunos que afirmaram não gostar de ler em Inglês apontaram como principal razão a falta de vocabulário em Inglês - *I don't have enough vocabulary*.

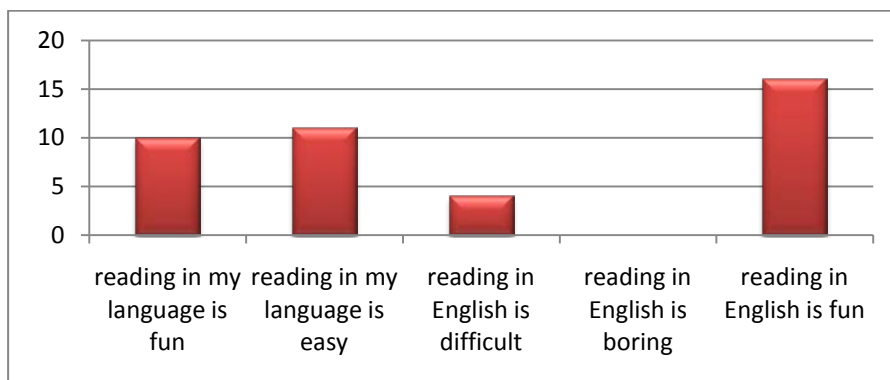


**Gráfico 6**

**Pergunta 7 – Cross the ones you agree with:**

Os alunos consideraram as seguintes variáveis: a) *reading in my language is fun*, b) *reading in my language is easy*, c) *reading in English is difficult*, d) *reading in English is boring*, e) *reading in English is fun*.

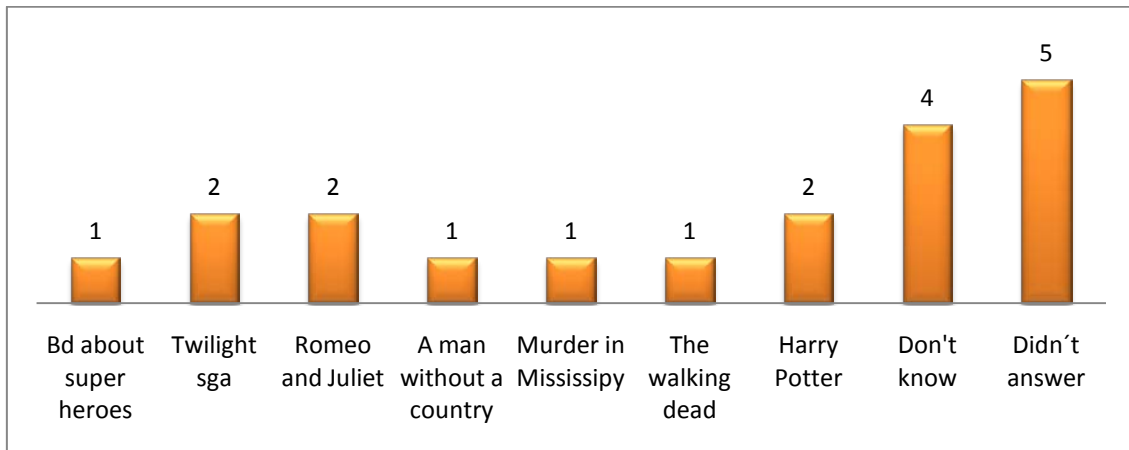
A maioria dos alunos considerou mais do que uma hipótese de resposta, Pela leitura do gráfico 7, podemos constatar escolha, pela maioria dos alunos (16), da variável *reading in english is fun*. Verificamos ainda que nenhum aluno escolheu a variável *reading in english is boring* o que vem corroborar justificações à pergunta anterior quando os alunos consideraram a falta de vocabulário como a principal razão em não gostar de ler em inglês.



**Gráfico 7**

**Pergunta 8** – If you could read a book in English which one would you like to read?

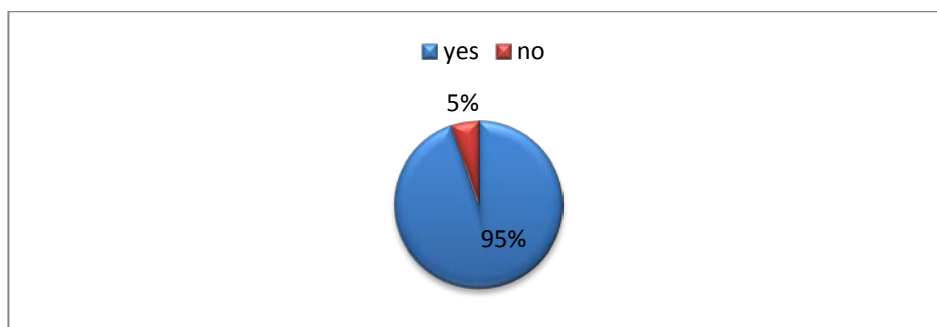
Foram várias as escolhas dos alunos relativamente aos livros que gostariam de ler em Inglês. (vd Gráfico 8). Gostaria, no entanto, de salientar que quatro alunos responderam não saber o que gostariam de ler e cinco alunos não responderam à questão.



**Gráfico 8**

**Pergunta 9** – Do you think reading in English helps your English ability?

De um total de 19 alunos 18 responderam afirmativamente; o restante aluno não respondeu à questão (vd Gráfico 9). Apesar de não constar na pergunta o pedido de justificação, alguns dos alunos (3) não se limitaram a responder sim ou não, considerando a leitura um veículo através do qual poderiam aprender mais vocabulário.

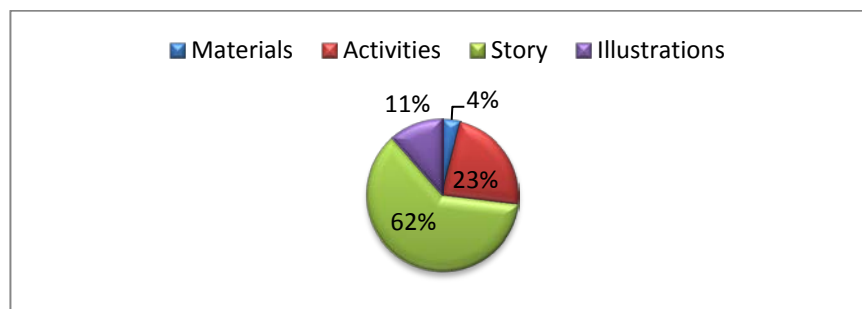


**Gráfico 9**

**Pergunta 10** – Can reading in English be fun? What does your motivation depends on?

Os alunos consideraram 4 variáveis: 1) Materials, 2) Activities, 3) Story, 4) Illustrations. Alguns alunos registaram mais do que uma opção, contudo, constata-se pela leitura do gráfico, que a maioria dos alunos considera s história como factor de motivação para ler em Inglês, seguida das actividades (6 alunos).

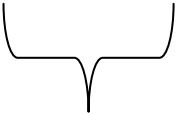
As variáveis menos registadas são as ilustrações ( 3 alunos) e Materiais (1 aluno).



**Gráfico 10**

**Unit 1**Theme/Topic: Extensive Reading: *A Christmas Carol*

Assumptions	Teaching Aims	Contents			Resources	Evaluation
		Structures	Functions/ Exponents	Vocabulary		
<p>Students are already able to:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Orally express their opinion as regards a specific theme;</li> <li>✓ Write small texts, guided by specific constraints;</li> <li>✓ View art as a means of helping them to acquire specific vocabulary;</li> <li>✓ Express viewpoint regarding speculation activities with audiovisual and/or textual materials;</li> <li>✓ Work with literary texts.</li> </ul>	<p>The teacher expects students to:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Learn and enlarge vocabulary related to the topic of the unit through images, excerpts of <i>A Christmas Carol</i> and activities;</li> <li>➤ Develop their speaking skills, both through predicting activities and discussion;</li> <li>➤ Develop the reading skill of skimming a text for the main idea through reading comprehension activities.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ No grammar structures were explicitly introduced</li> </ul>		<p><b>First Lesson:</b></p> <p><b>Nouns:</b> Christmas Eve; Christmas Day; gentleman; prison; workhouse; ghost; spirit; chain, humbug; nonsense.</p> <p><b>Verbs:</b> to take up; to burn; to pull; to come up.</p> <p><b>Adjectives:</b> old; unpleasant, nice; unhappy; happy; thin; cold hearted; poor; rich; merry, cold.</p> <p><b>Second lesson:</b></p> <p><b>Nouns:</b> Christmas ; Christmas Past; Christmas present; prison; workhouse; ghost; spirit; chain, ignorance, misery, light,</p>	<p><b>First Lesson:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power Point</b> with a picture related to "A Christmas Carol";</li> <li>• <b>Power point</b> with three photographs of three men;</li> <li>• <b>Handout 1</b> – Making predictions;</li> <li>• <b>Handout 2</b> – "A Christmas Carol" – chapter 1 (adapted);</li> <li>• <b>Handout 3</b> – Reading comprehension activities;</li> <li>• Four <b>cardboards</b> (group work).</li> </ul> <p><b>Second Lesson:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power Point</b> with a picture of Jacob Marley's ghost;</li> <li>• <b>Handout 1</b> – "A Christmas Carol"</li> </ul>	<p><b>Evaluation:</b></p> <p>Direct observation:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interest</li> <li>• Motivation</li> </ul> <p>Observed through spontaneous participation.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Written production: Students will have to write short text/sentences in order to raise funds to the NGOs they represent;</li> <li>✓ Debate: Students will have to work in groups (2) and debate whether Scrooge should or shouldn't be given a second chance;</li> <li>✓ Written Production: Give this story an ending;</li> <li>✓ Role-play.</li> </ul>

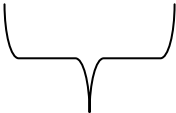
	<p>➤ Develop students' writing skills in order to develop vocabulary and fluency.</p> <p>➤ Make judgements from reading and evaluate critically the text;</p> <p>➤ Organize the main ideas of the text;</p> <p>➤ Look for specific information;</p> <p>➤ Pick up words/evidence;</p> <p>➤ Give opinion about a text;</p>  <p><b><u>In order to increase students fluency and reading habits.</u></b></p>	<p>✓ Idiomatic passive (revision)</p>		<p>giant.  <b>Verbs:</b> to cry; to fly; to visit, to regret.  <b>Adjectives:</b> cripple, happy, unhappy, old, young, merry.</p> <p><b><u>Third lesson:</u></b></p> <p><b>Nouns:</b> Christmas; Christmas yet to come; cloth; darkness; ghost; spirit; death, grave.  <b>Verbs:</b> to cry; to die; to stand up, to regret; to beg.  <b>Adjectives:</b> happy, unhappy, old, outstretched; uncared.</p> <p><b><u>Fourth lesson:</u></b></p> <p>Not applicable</p>	<p>– chapter 2 (adapted);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Handout 2</b> – Multiple choice exercise about the text;</li> <li>• <b>Handout 3</b>– Reading comprehension questions;</li> <li>• <b>Video</b> – “A Christmas Carol” - chapter 3 – by Walt Disney (2009)</li> <li>• <b>Handout 4</b> – Reading comprehension activity (True or false)</li> <li>• <b>Power point</b> – Debate – Scrooge should be given a second chance/Scrooge shouldn't be given a second chance.</li> </ul> <p><b><u>Third lesson:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power Point</b> with a picture of <i>The spirit of Christmas yet to come</i></li> <li>• <b>Handout 1</b> – Making descriptions;</li> <li>• <b>Handout 2</b> – “A Christmas Carol” – chapter 4 (adapted);</li> <li>• <b>Handout 3</b>– vocabulary and reading comprehension exercises</li> <li>• <b>Handout 4</b> - Written production.</li> </ul> <p><b><u>Fourth Lesson:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Cards</b> – Role play with a few excerpts taken from <i>A Christmas Carol</i>, by Charles Dickens.</li> </ul>	
--	---	---------------------------------------	--	--	--	--

					<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power Point –</b> Identify the objects  and the pictures activity with several pictures related both to Christmas vocabulary and to the Christmas tale <i>A Christmas Carol</i>, by Charles Dickens  (in <a href="http://www.google.com">www. google.com</a>).</li> <li>• <b>Cards –</b> Several questions both related both to Christmas in English speaking countries and to the Christmas tale <i>A Christmas Carol</i>, by Charles Dickens (devised by the teachers)</li> <li>• <b>Handout Number One –</b> Singing a Christmas carol entitled <i>Jingle Bells</i>, by James Pierpoint.</li> <li>• <b>Small gifts to be given at the end of the lesson.</b></li> <li>• <b>Computer and slide-show.</b></li> </ul>	
--	--	--	--	--	---	--



Unit 2Theme/Topic: Extensive Reading: *The Hitchhiker*

Assumptions	Teaching Aims	Contents			Resources	Evaluation
		Structures	Functions/ Exponents	Vocabulary		
<p><b>Students are already able to:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Orally express their opinion as regards a specific theme;</li> <li>✓ Write small texts, guided by specific constraints;</li> <li>✓ View art as a means of helping them to acquire specific vocabulary;</li> <li>✓ Express viewpoint regarding speculation activities with audiovisual and/or textual materials;</li> <li>✓ Work with literary texts.</li> </ul>	<p><b>The teacher expects students to:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Learn and enlarge vocabulary related to the topic of the unit;</li> <li>➤ Develop their speaking skills, both through predicting activities and discussion;</li> <li>➤ Develop the reading skill of skimming a text for the main idea;</li> <li>➤ Develop their reading skills through reading comprehension activities;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ No grammar structures were explicitly introduced</li> </ul>		<p><b>First Lesson:</b></p> <p><b>NOUNS:</b> Driver, car, speed; BMW.</p> <p><b>ADJECTIVES:</b> pale, blue.</p> <p><b>VERBS:</b> to drive, to speed;</p> <p><b>Second lesson:</b></p> <p><b>NOUNS:</b> driver; hitchhiker; policeman; accelerator; road; fine; clink; court; speed; belly; pocket; jacket.</p> <p><b>ADJECTIVES:</b> silly; skilled; long; crummy.</p> <p><b>VERBS:</b> to drive, to bet, to fine, to stop, to threaten; to apologize.</p>	<p><b>First Lesson:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power Point</b> with a picture related to the short-story "The Hitchhiker";</li> <li>• <b>Handout 1</b> – making predictions.</li> <li>• <b>Handout 2</b> – Reading activity;</li> <li>• <b>Handout 3</b> – Reading comprehension activities;</li> <li>• <b>Handout 4</b> – Written Production (Homework)</li> </ul> <p><b>Second Lesson:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power Point</b> with cartoons related to speed limit;</li> <li>• <b>Handout 1</b> – "The Hitchhiker" by Roald Dahl</li> <li>• <b>Handout 2</b> –</li> </ul>	<p><b>Evaluation:</b></p> <p>Direct observation:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interest</li> <li>• Motivation</li> </ul> <p>Observed through spontaneous participation.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Written production: Students will have to describe the trip of the driver and the hitchhiker.</li> <li>✓ Homework assignment;</li> <li>✓ Reading Grid;</li> <li>✓ Written production review about the story the read</li> </ul>

	<p>➤ Develop students' writing skills;</p> <p>➤ Make judgements from reading and evaluate critically the text;</p> <p>➤ Organize the main ideas of the text;</p> <p>➤ Look for specific information;</p> <p>➤ Pick up words/evidence;</p> <p>➤ Give opinion about a text;</p> <div style="text-align: center;">  <p><b><u>In order to increase students fluency and reading habits.</u></b></p> </div>		<p>Formal/ informal speech</p>	<p><b><u>Third lesson:</u></b></p> <p><b>NOUNS:</b> driver; hitchhiker; policeman; accelerator; road; fine; clink; court; speed; watchmaker, magician; piano player; job; fine, cigarette.</p> <p><b>ADJECTIVES:</b> skilled; long; crummy.</p> <p><b>VERBS:</b> to drive, to roll.</p> <p><b><u>Fourth lesson:</u></b></p> <p><b>NOUNS:</b> driver; hitchhiker; policeman; accelerator; road; fine; clink; goldsmith; fingersmith; pickpocket.</p> <p><b>ADJECTIVES:</b> skilled; long.</p> <p><b>VERBS:</b> to drive, to burn.</p>	<p>Reading Comprehension activities;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Worksheet</b> - Register</li> <li>• <b>Handout 3</b> - Character Comparison;</li> <li>• <b>Handout 4</b> – Homework</li> </ul> <p><b><u>Third lesson:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power Point</b> with an image related the excerpt;</li> <li>• <b>Handout 1</b> – “The Hitchhiker” by Roald Dahl</li> <li>• <b>Handout 2</b> – Reading Comprehension activities;</li> <li>• <b>Handout 3</b> - Character Comparison – reading grid.</li> </ul> <p><b><u>Fourth Lesson:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power Point</b> with images related the short-story;</li> <li>• <b>Handout 1</b> – “The Hitchhiker” by Roald Dahl</li> <li>• <b>Handout 2</b> – Reading Comprehension activities;</li> <li>• <b>Quiz</b> – The hitchhiker</li> <li>• <b>Handout 3</b> – How to write a book review.</li> </ul>	
--	---	--	--------------------------------	--	---	--



## ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL

DECEMBER, 2010

**Level:** 9th grade, level V

**Topic:** *A Christmas Carol* by Charles Dickens

**Theme:** Extensive Reading

**Number of lessons:** 1/4 (45m)

**Prof. Cooperante:** Dr.ª Célia Almeida

**Mestranda:** M.ª Adelaide Ferreira

### LESSON PLAN 1

ASSUMPTIONS	TEACHING AIMS	OBJECTIVES		CONTENTS		MATERIALS	ASSESSMENT/EVALUATION
<p><b>Teacher believes that students already know some vocabulary related to the topic.</b></p> <p><u>Students are already able to:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Express viewpoint regarding speculation activities with audiovisual and/or textual materials;</li> <li>✓ Orally express their opinion as regards a specific theme;</li> <li>✓ Know some of the language exponents that enable them to accept or reject a point of view.</li> <li>✓ Work with literary texts.</li> </ul>	<p><b>Teacher expects students to:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Enlarge and recycle vocabulary related to the theme of the unit both orally and in writing;</li> <li>➤ Develop their speaking skills, both through predicting activities and discussion;</li> <li>➤ Develop their reading skills through reading comprehension activities;</li> <li>➤ <b>In order to increase students fluency and reading habits.</b></li> </ul>	<p><b>At the end of the lesson students should be able to:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Relate words and ideas to images;</li> <li>➤ Develop oral and reading skills;</li> <li>➤ Enlarge and recycle vocabulary;</li> <li>➤ Think, discuss, share ideas about the text;</li> <li>➤ Look for specific information;</li> <li>➤ Identify unknown words;</li> <li>➤ Increase motivation in reading.</li> </ul>	<p><b>STRUCTURES</b></p> <p>No structures are introduced</p>	<p><b>FUNCTIONS EXONENTS</b></p> <p>No functions/exponents are introduced</p>	<p><b>VOCABULARY</b></p> <p><b>Nouns:</b> Christmas Eve; Christmas Day; gentleman; prison; workhouse; ghost; spirit; chain, humbug; nonsense.</p> <p><b>Verbs:</b> to take up; to burn; to pull; to come up.</p> <p><b>Adjectives:</b> old; unpleasant, nice; unhappy; happy; thin; cold hearted; poor; rich; merry, cold.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Power Point with a picture related to “A Christmas Carol”;</li> <li>• Power point with three photographs of three men;</li> <li>• Handout 1 – Making predictions;</li> <li>• Handout 2 – “A Christmas Carol” – chapter 1 (adapted);</li> <li>• Handout 3 – Reading comprehension activities;</li> <li>• Four cardboards (group work)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ The teacher observes the students in what concerns: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interest</li> <li>• Motivation</li> </ul> </li> <li>Through participation in the activities and tasks.</li> <li>✓ Written production: Students will have to write short text/sentences in order to raise funds to the NGOs they represent. (final task)</li> </ul>



Elaboração própria





friendly lonely  
unfriendly  
nice  
coldhearted  
happy mean  
kind  
old  
unhappy



English – 9ºE – 2010/2011



1. Which of the following words best describe these men?



⋮



⋮



⋮

friendly lonely  
unfriendly  
nice  
coldhearted  
happy  
mean  
kind  
old  
unhappy

Elaboração própria



# A Christmas Carol by Charles Dickens



## CHAPTER 1 - MARLEY'S GHOST

It was Christmas Eve, the twenty-fourth of December, the evening before Christmas Day. Old Scrooge was busy in his office. It was very cold. (...)

Scrooge did not like anything. He did not like the people in the streets. (...) He especially hated Christmas.

Scrooge was an old man. He was very thin, with thin, white hair on his head and face. His lips were blue and his eyes were red.

He had worked in the same dark office for many years. Once it had been the office of SCROOGE AND MARLEY, and those names were still on the door. But Jacob Marley had died seven years before and Scrooge worked on without him. Work was important. Work brought money, and Scrooge always wanted more money. (...)

The door of Scrooge's office was open so that he could watch his clerk. Bob Cratchit worked in a very small room on the other side of the passage. (...)

"Merry Christmas, uncle, and God bless you!" said a happy voice. It was the voice of Scrooge's nephew Fred.

"Bah!" said Scrooge. "Humbug!" (...)  
"Do you say that Christmas is a humbug uncle?" he said. "You don't mean that, do you?"  
"Yes I do!" said Scrooge. (...)

As Bob Cratchit opened the door to let Scrooge's nephew out, he let in two other people. (...)

"Scrooge and Marley's, I believe?" said one of the gentlemen, looking at the list. "I am speaking to Mr Scrooge or to Mr Marley?"

"Mr. Marley is dead," answered Scrooge. "He died seven years ago this very night."

"Oh! - At this happy season of the year, Mr Scrooge," said the gentleman, taking up his pen, "we usually try to do something for the poor. Many thousands are cold and have no food, and many have no home to go to"

"Are there no prisons?" asked Scrooge.

"There are plenty of prisons," said the gentleman.

"Are there no workhouses for the poor?"

"There are," said the gentleman.

"I am glad to hear that there are still prisons and workhouses," said Scrooge.

"Prisons and workhouses can't really make people merry at Christmas time," said the gentleman. (...) "How much will you give us?"

"Nothing!" said Scrooge. "I won't give money to make lazy people merry. Good afternoon, gentlemen!"

Scrooge went home. He had rooms in a house which once had been Marley's. They were dark and uncomfortable rooms in an old house in a dark courtyard. No one lived there except Scrooge. He unlocked the door, went in and lit a candle, then went upstairs to his room.

There was a small fire burning in the fireplace. He shut the door of his room and locked it, then went and sat down by the fire.

There was a noise down below as if some person was pulling a heavy chain. The noise came up the stairs straight towards his door.

It was Marley. The chain was wound around him - a chain loaded with money-boxes, keys, locks, business papers and money bags.  
(...)

**Adaptado de: A Christmas Carol de Charles Dickens**



English – 9ºE – 2010/2011



1. Are the following statements true or false?

	True	False
1. Mr Scrooge is pleasant and kind.		
2. Christmas is Mr Scrooge's favourite time of the year.		
3. Mr Scrooge doesn't have any family.		
4. Jacob Marley is dead.		
5. Mr Scrooge accepts his nephew's invitation.		
6. Two gentlemen visit Mr Scrooge and ask him for his money.		
7. Mr Scrooge believes the poor should be in prisons or in workhouses		
8. Marley visits Mr Scrooge at the office.		

2. Fill in the gaps with the following words:

cold Marley Christmas gentlemen kind prisons partner poor hard workhouses people money

Scrooge is a (1) \_\_\_\_\_, (2) \_\_\_\_\_ man who loves (3) \_\_\_\_\_ more than (4) \_\_\_\_\_. For him, the worst part of the year is (5) \_\_\_\_\_.

This Christmas Eve, Scrooge is visited by two kind (6) \_\_\_\_\_ who are collecting money for the (7) \_\_\_\_\_. Not only does he refuse to give them money, he also suggests that poor people should be kept in (8) \_\_\_\_\_ and (9) \_\_\_\_\_.

At home he receives another visit, that of his long dead (10) \_\_\_\_\_, (11) \_\_\_\_\_.

3. Why do you think Marley came to visit Mr Scrooge?

---

---



# Group I - Ajuda de Berço



---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# Group II – UNICEF



---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# Group III – Fundação do Gil



---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# Group IV – Abraço

ABRAC •

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



## ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL

DECEMBER, 2010

**Level:** 9th grade, level V

**Topic:** *A Christmas Carol* by Charles Dickens

**Theme:** Extensive Reading

**Number of lessons:** 2/4 (90m)

**Prof. Cooperante:** Dr.ª Célia Almeida

**Mestranda:** Mª Adelaide Ferreira

### LESSON PLAN 2

ASSUMPTIONS	TEACHING AIMS	OBJECTIVES		CONTENTS		MATERIALS	ASSESSMENT/EVALUATION
<p><b>Teacher believes that students already know some vocabulary related to the topic.</b></p> <p><u>Students are already able to:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Express viewpoint regarding speculation activities with audiovisual and/or textual materials;</li> <li>✓ Orally express their opinion as regards a specific theme;</li> <li>✓ Know some of the language exponents that enable them to accept or reject a point of view.</li> <li>✓ Work with literary texts.</li> <li>✓ Write small texts, guided by specific constraints;</li> </ul>	<p><b>Teacher expects students to:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Enlarge and recycle vocabulary related to the theme of the unit both orally and in writing;</li> <li>➤ Develop their speaking skills, both through predicting activities and discussion;</li> <li>➤ Develop their reading skills through reading comprehension activities;</li> <li>➤ Develop their listening and speaking skills through listening activities and debates.</li> <li>➡ <b>In order to increase students fluency and reading habits.</b></li> </ul>	<p><b>At the end of the lesson students should be able to:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Relate words and ideas to images in order to increase motivation in the subject of the class;</li> <li>➤ Develop oral and reading skills through reading comprehension activities;</li> <li>➤ Enlarge and recycle vocabulary through post reading activities;</li> <li>➤ Increase motivation in reading through appealing materials and activities.</li> <li>➤ Discuss the main ideas of a text;</li> <li>➤ Discuss in a debate different point of views;</li> </ul>	<p><b>STRUCTURES</b></p> <p>Idiomatic passive (implicit)</p>	<p><b>FUNCTIONS EXPONENTS</b></p>	<p><b>VOCABULARY</b></p> <p><b>Nouns:</b> Christmas ; Christmas Past; Christmas present; prison; workhouse; ghost; spirit; chain, ignorance, misery, light, giant,</p> <p><b>Verbs:</b> to cry; to fly; to visit, to regret</p> <p><b>Adjectives:</b> cripple, happy, unhappy, old, young, merry</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power Point</b> with a picture of Jacob Marley's ghost;</li> <li>• <b>Handout 1</b> – “A Christmas Carol” – chapter 2 (adapted);</li> <li>• <b>Handout 2</b> – Multiple choice exercise about the text; Reading comprehension questions;</li> <li>• <b>Video</b> – “A Christmas Carol” - chapter 3 – by Walt Disney (2009)</li> <li>• <b>Handout 3</b> – Reading comprehension activity (True or false)</li> <li>• <b>Power point</b> – Debate – Scrooge should be given a second chance/Scrooge shouldn't be given a second chance</li> </ul>	<p>✓ The teacher observes the students in what concerns:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interest</li> <li>• Motivation</li> </ul> <p>Through participation in the activities and tasks.</p> <p>✓ Debate: Students will have to work in groups (2) and debate whether Scrooge should or shouldn't be given a second chance. (final task)</p>

## Jacob Marley's ghost



Elaboração própria



# A Christmas Carol by Charles Dickens



(...)

"You will be visited," said Marley, "by three spirits. You won't see me anymore, but remember what I have said." (...)

## Chapter 2 - The first of the three spirits

The first ghost appeared at one o'clock in the morning, and opened the curtains round Scrooge's bed. The ghost was a strange figure like a child – and yet not quite a child, in some ways like an old man, an old man who had become no bigger than a child. The hair, hanging down on his neck was white as if with age, and yet the face was young. It was dressed in pure white, holding a branch of holly in its hand. The strangest thing of all was that from the top of its head there came a bright clear light. The spirit held under its arm a large cap as if that were used to put down over the light and hide it.

"Marley said that a spirit would visit me. Are you the spirit?" asked Scrooge.

"I am." The voice was soft and gentle.

"Who and what are you?" asked Scrooge.

"I am the ghost of Christmas Past."

"Long past?" asked Scrooge.

"No. Your past."

The spirit put a strong hand and took Scrooge by the hand. It led him towards the window.(...)

They passed through the wall and stood on an open country road with fields.(...)

Then they saw Scrooge as a boy, reading on his own in an empty classroom. Seeing himself as he had once been, Scrooge sat down at a desk and started to cry.

"I wish I'd given some money to that poor boy who sang Christmas songs to be yesterday," said Scrooge.

The spirit smiled and waved his hand. "Let's see another Christmas."

This time Scrooge saw the office where he had first worked. He saw Mr Fezziwig, the man he had worked for, and his wife. Young Scrooge was helping them prepare the office for a Christmas party. Soon there were many people there. They were enjoying the dancing, the music and the food. Even Scrooge was dancing and enjoying himself!

"I wish I'd said something to Bob Cratchit yesterday", said Scrooge.

"Spirit," cried Scrooge in a broken voice, "take me home!"

"I told you," said the spirit, "that these are the shadows of things that have been. They are what you have made them."

"Leave me! Take me home!"(...)

**Adaptado de *A Christmas Carol* de Charles Dickens**



English – 9ºE – 2010/2011

## Chapter II



1. Choose the correct answer according to the text:

1. Scrooge will be visited by:

- a) One spirit
- b) Three spirits
- c) Five spirits

2. The first spirit is:

- a) The spirit of Christmas past
- b) The spirit of Christmas Present
- c) The spirit of the Christmas yet to come

3. The first spirit looks like:

- a) A child as well as an old man
- b) A baby as well as an old man
- c) As an old man

4. Scrooge and the spirit visit:

- a) Scrooge's office
- b) Scrooge's old town
- c) Scrooge's neighborhood

5. Scrooge sees himself when he was a child. He was:

- a) Playing with other children
- b) Alone reading a book
- c) Singing happily.

6. Scrooge's second visit is to:

- a) His parents
- b) His old boss
- c) His nephew

7. When Scrooge was a young man he was:

- a) Unhappy
- b) Happy
- c) Unpleasant

Adaptado de <http://christascarol.esolebooks.com/>





English – 9ºE – 2010/2011

## Chapter II



1. Why does the spirit have a light? What does it symbolize?

---

---

---

---

2. Who do you think might be the next spirit? Justify your answer.

---

---

---



English – 9ºE – 2010/2011

## Chapter II



1. Why does the spirit have a light? What does it symbolize?

---

---

---

---

2. Who do you think might be the next spirit? Justify your answer.

---

---

---



English – 9ºE – 2010/2011

## Chapter II



	True	False
1. The second ghost is the Spirit of Christmas Past.		
2. The second spirit is a giant.		
3. Bob Cratchit is very happy to spend Christmas with his family.		
4. Tiny Tim isn't ill.		
5. Mr. Scrooge is worried about Tiny Tim.		
6. The second visit is to Scrooge's office.		
7. Fred and his friends are making fun of Mr. Scrooge.		
8. The two children hidden under the spirit's vest represent Ignorance and Want.		

Adaptado de <http://christmascarol.esolebooks.com/>

***Scrooge should be given a second chance!***

- ***Scrooge is sorry for everything he has done.***



***Scrooge shouldn't be given a second chance!***

- ***Scrooge is very greedy, he will never change.***



Elaboração própria



## ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL

DECEMBER, 2010

**Level:** 9th grade, level V

**Topic:** *A Christmas Carol* by Charles Dickens

**Theme:** Extensive Reading

**Number of lessons:** 3/4 (45m)

**Prof. Cooperante:** Dr.ª Célia Almeida

**Mestranda:** M.ª Adelaide Ferreira

### LESSON PLAN 3

ASSUMPTIONS	TEACHING AIMS	OBJECTIVES		CONTENTS		MATERIALS	ASSESSMENT/EVALUATION
<p>Teacher believes that students already know some vocabulary related to the topic.</p> <p><u>Students are already able to:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Express viewpoint regarding speculation activities with visual and/or textual materials;</li> <li>Orally express their opinion as regards a specific theme;</li> <li>Know some of the language exponents that enable them to accept or reject a point of view.</li> <li>Work with literary texts.</li> <li>Write small texts, guided by specific constraints;</li> </ul>	<p>Teacher expects students to:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Enlarge and recycle vocabulary related to the theme of the unit both orally and in writing;</li> <li>Develop their speaking skills, both through predicting activities and discussion;</li> <li>Develop their reading skills through reading comprehension activities;</li> <li>Develop their writing skills guided by specific constraints;</li> </ul> <p>➡ <b>In order to increase students fluency and reading habits.</b></p>	<p>At the end of the lesson students should be able to:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Relate words and ideas to images in order to set up the context of the class;</li> <li>Develop oral, reading and writing skills through reading and post reading activities;</li> <li>Enlarge and recycle vocabulary through post reading activities, in order to prepare students to the final task;</li> <li>Increase motivation in reading through appealing materials and activities.</li> <li>Discuss the main ideas of a text;</li> <li>Speculate about the end of a story</li> </ul>	<p>STRUCTURES</p> <p>No structures are introduced</p> <p>No functions/exponents are introduced</p>	<p>FUNCTIONS EXPONENTS</p>	<p>VOCABULARY</p> <p><b>Nouns:</b> Christmas ; Christmas yet to come; cloth; darkness; ghost; spirit; death, grave</p> <p><b>Verbs:</b> to cry; to die; to stand up, to regret; to beg</p> <p><b>Adjectives:</b> happy, unhappy, old, outstretched; uncared</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Power Point</b> with a picture of <i>The spirit of Christmas yet to come</i></li> <li><b>Handout 1</b> – Making descriptions;</li> <li><b>Handout 2</b> – “A Christmas Carol” – chapter 4 (adapted);</li> <li><b>Handout 3</b>– vocabulary and reading comprehension exercises</li> <li><b>Handout 4</b> - Written production</li> </ul>	<p>✓ The teacher observes the students in what concerns:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Interest</li> <li>Motivation</li> <li>behavior</li> </ul> <p>Through participation in the activities and tasks.</p> <p>✓ Written Production: Give this story an ending. (final task)</p> <p>↓</p> <p>Corrected at home and then handed out to the students.</p>

# Ghost of Christmas yet to come



Elaboração própria



# A Christmas Carol by Charles Dickens



## Chapter 4 – The last of the three spirits

The spirit came forward silently. When it was near him, Scrooge went down on his knees.

It was clothed in black. Its face and its shape could not be seen – only one outstretched hand. Only his hand separated it from the darkness all round it.

Scrooge felt that the spirit was tall as it became beside him. It filled him with a solemn sense of fear. It neither spoke nor moved.

“Are you the Ghost of Christmas Yet to Come?” asked Scrooge. The spirit did not answer, but pointed forwards with its hand. (...)

“I fear you more than any of the other spirits I have seen. But I know that you have come to do me good. I hope to live to be another man, different from what I have been. So I am ready to go with you, and with a thankful heart. Won't you speak?”

The spirit gave no reply, but its hand still pointed straight in front of them. The ghost stopped and pointed to some men standing together talking.

“I don't know what happened. I only know he is dead,” said the first man.

“What he's done with his money?” said the second man, laughing.

“His funeral will be very cheap,” said another man.

“Why?” asked the second man.

“He had no friends. Nobody will go”, answered the first man.

Scrooge did not understand why the ghost wanted him to listen to this conversation, but he knew the ghost did not answer so he did not ask. (...)

He was in another place, standing by a bed with no curtains. On it lay something covered by an old piece of cloth, unwatched, unwept and uncared for, the body of a man.

The spirit pointed towards the head. The cover was so carelessly thrown over it that Scrooge could have lifted it with his finger and seen the face. But he dared not do it. As he looked at the bed he thought, “The love of money has brought this man to a fearful end, truly!”

“Spirit,” he said, “this is a fearful place, and I have learnt its lesson. Let's go.”

Still the spirit pointed with unmoved finger to the head. (...)

“Isn't there any person in this town who has any feeling caused by this man's death?” asked Scrooge. “Show me one such person, Spirit, please.”

The spirit raised its arm – and they were in a room where a mother and child were sitting. The woman stood up nervously when her husband came in.

“Is there any news?” she asked. “When I went to ask him if we could pay the money one week later,” he said, “an old woman told me he was dead.”

“That's good news,” she said. “I'm sorry. I mean that now we have time to get the money we have to pay.”

“No, ghost!” said Scrooge. “I want to see someone who's sorry about a death, not someone who's happy because of one!”

The spirit took him to Bob Cratchit's house. Scrooge saw the Cratchit family sitting quietly around the fire. They were talking about Tiny Tim.

“I met Mr Scrooge's nephew, Fred,” said Bob, “and he said he was very sorry to hear about Tiny Tim.” Bob turned to his family: “Let's never forget what a good, gentle boy he was, even if he was just a little child.”

“Spirit,” said Scrooge, “I believe that the time for you to leave me is near. Tell me what man was it that we saw lying dead?”

The spirit led him on. They reached an iron gate, the gate of a churchyard. The spirit stood among the graves and pointed to one of them. The spirit did not move. Scrooge read on the stone of the grave his own name: EBENEZER SCROOGE.

“Spirit,” he cried, “hear me! I am not the man I was. I will not be the man I would have been if I hadn't met you. Why do you show me this?”

“I will honour Christmas in my heart. I will try to keep the meaning of it all year. I will live in the past, the present and the future. The spirits of all three Christmases will be with me, and I will not forget the lessons that they teach.”



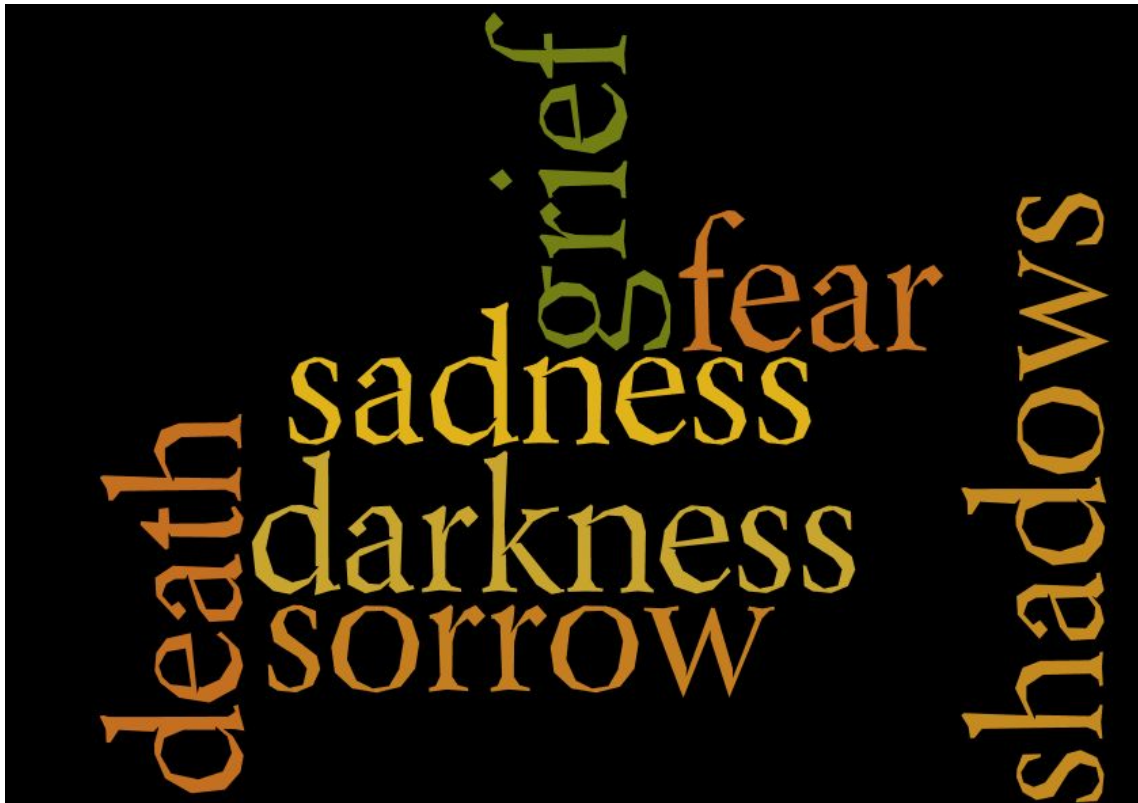


English – 9ºE – 2010/2011

## Chapter IV



1. Which of the following words best describe the image? Justify your answer.



---

---

---

---

---

---

---



English – 9ºE – 2010/2011

## Chapter IV



1. What's the meaning? Match the words with its corresponding definition on the right.

1. outstretched	a. to give no answer
2. solemn	b. done without care
3. to give no reply	c. not rough; violent; or severe
4. cloth	d. stretched out to full length
5. carelessly	e. a piece of ground around and belonging to a church, in which dead people are buried
6. gentle	f. serious; without humor or lightness
7. churchyard	g. material made from wool, nylon, cotton used to make garments, coverings etc.
8. grave	h. a place in the ground where people are buried

1	2	3	4	5	6	7	8

2. What do the following words refer to?

him	it	his	its	he	he

Elaboração própria



The spirit of Christmas yet to come appears silently.

Scrooge is afraid of the spirit.

Scrooge asks the spirit what his name is.

The spirit doesn't answer. He just points forward.

Two gentlemen are discussing the death of a rich man.

Scrooge sees a man covered with a cloth lying dead on the bed.

Scrooge asks the spirit to show him someone who is sorry for the dead man.

Everybody is happy because the old man died.

The spirit takes Scrooge to Bob Cratchit's house.

Everyone is sad because Tiny Tim is dead.

Scrooge sees his name: EBENEZER SCROOGE on the grave.

Scrooge regrets everything he has done and promises he will be a better man

English – 9<sup>o</sup>E – 2010/2011

## Chapter IV



Imagine you are Charles Dickens and have to write the very last chapter of *A Christmas Carol*. How would it be? Should Scrooge have a second chance? Should Tiny Tim live? What was Scrooge's most important lesson?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

**Elaboração própria**



## ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL

**Prof. Cooperante:** Dr.ª Célia Almeida

**Mestranda:** M<sup>ª</sup> Adelaide Ferreira

DECEMBER, 2010

**Level:** 9th grade, level V

**Topic:** *A Christmas Carol* by Charles Dickens

**Theme:** Extensive Reading

**Number of lessons:** 4/4 (90m)

### LESSON PLAN 4

ASSUMPTIONS	TEACHING AIMS	OBJECTIVES		CONTENTS		MATERIALS	ASSESSMENT/EVALUATION
<p><b>Teacher believes that students already know some vocabulary related to the topic.</b></p> <p><u>Students are already able to:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Express viewpoint regarding speculation activities with visual and/or textual materials;</li> <li>✓ Orally express their opinion as regards a specific theme;</li> <li>✓ Know some of the language exponents that enable them to accept or reject a point of view.</li> <li>✓ Work with literary texts.</li> <li>✓ Write small texts, guided by specific constraints;</li> </ul>	<p><b>Teacher expects students to:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Enlarge and recycle vocabulary related to the theme of the unit through vocabulary games;</li> <li>➤ Develop their speaking skills through a Role Play activity,</li> <li>➤ Motivate students to reading in English;</li> </ul> <p>➡ <b>In order to increase students fluency and reading habits.</b></p>	<p><b>At the end of the lesson students should be able to:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Relate words and ideas to images in a vocabulary game;</li> <li>➤ Develop oral, reading and performing skills through a Role Play;</li> <li>➤ Enlarge and recycle vocabulary through vocabulary games;</li> <li>➤ Increase motivation in reading through appealing materials and activities.</li> </ul>	<p><b>STRUCTURES</b></p> <p>No structures are introduced</p>	<p><b>FUNCTIONS EXPONENTS</b></p> <p>No functions/ exponents are introduced</p>	<p><b>VOCABULARY</b></p> <p><b>Nouns:</b> Christmas ; Christmas yet to come; cloth; darkness; ghost; spirit; death, grave; turkey, happiness</p> <p><b>Verbs:</b> to cry; to die; to stand up, to regret; to beg,</p> <p><b>Adjectives:</b> happy, unhappy, old, outstretched; uncared,</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Excerpt of A Christmas Carol</b> – Role Play;</li> <li>• <b>A Christmas Carol</b> – The book;</li> <li>• <b>Power Point</b> – Vocabulary Game;</li> <li>• <b>Quizz</b> - about Christmas and A Christmas Carol;</li> <li>• <b>Handout 1</b> – Jingle Bells lyrics.</li> </ul>	<p>✓ The teacher observes the students in what concerns:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interest</li> <li>• Motivation</li> <li>• behavior</li> </ul> <p>Through participation in the activities and tasks.</p> <p>✓ Role Play (final task)</p>

# A Christmas Carol

Role-play  
chapters 4 & 5



## Characters:

NARRATOR

SCROOGE

GHOST OF CHRISTMAS YET TO COME

BOY

FRED

BOB CRATCHIT

(NARRATOR) - The spirit led him on. They reached an iron gate, the gate of a churchyard. The spirit stood among the graves and pointed to one of them.

(SCROOGE) - Answer me one question, are these the shadows of the things that *will* be, or are they only the shadows of the things that *may* be?

(NARRATOR) - Still the ghost pointed downwards to the grave beside which it was standing.

(SCROOGE) - Men's actions seem to lead to certain ends, but if the actions are changed, the ends will change. Is that not true?

(NARRATOR) - The spirit did not move. Scrooge read on the stone of the grave his own name: EBENEZER SCROOGE.

(SCROOGE) - Spirit, hear me! I am not the man I was. I will not be the man I would have been if I hadn't met you. Why do you show me this? I will honour Christmas in my heart. I will try to keep the meaning of it all year. I will live in the past, the present and the future. The

spirits of all three Christmases will be with me, and I will not forget the lessons that they teach.

(NARRATOR) - He tried to catch the hand of the spirit, but the spirit had disappeared, and where it had stood he saw his bedpost. Yes, the bedpost was his own. The room was his own.

(SCROOGE) - (laughing) I will live in the past, the present and the future, I don't know what day it is. What's today?

(NARRATOR) - cried Scrooge, calling down to a boy who was dressed in his best clothes in the street.

(Boy) - Today? It's Christmas day!

(SCROOGE) - Do you know that shop in the next street where there was a big turkey hanging up? Not a small turkey - the very big turkey.

(Boy) - What, the one as big as me?



(SCROOGE) - Yes my boy! Well, go and buy it. Tell the man to bring it here and I will tell him where to take it. Come back with the man, and I'll give you ten pence. I'll send it to Bob Cratchit's,

(NARRATOR) - In the afternoon, Scrooge went to his nephew's house. He passed the door several times before he felt brave enough to go in.

(SCROOGE) - Fred!

(FRED) - Who's that?

(SCROOGE) - It's your uncle Scrooge. I've come to dinner. Will you let me in, Fred? (Give a hug)

(NARRATOR)- It was a wonderful party, wonderful games, and wonderful happiness.

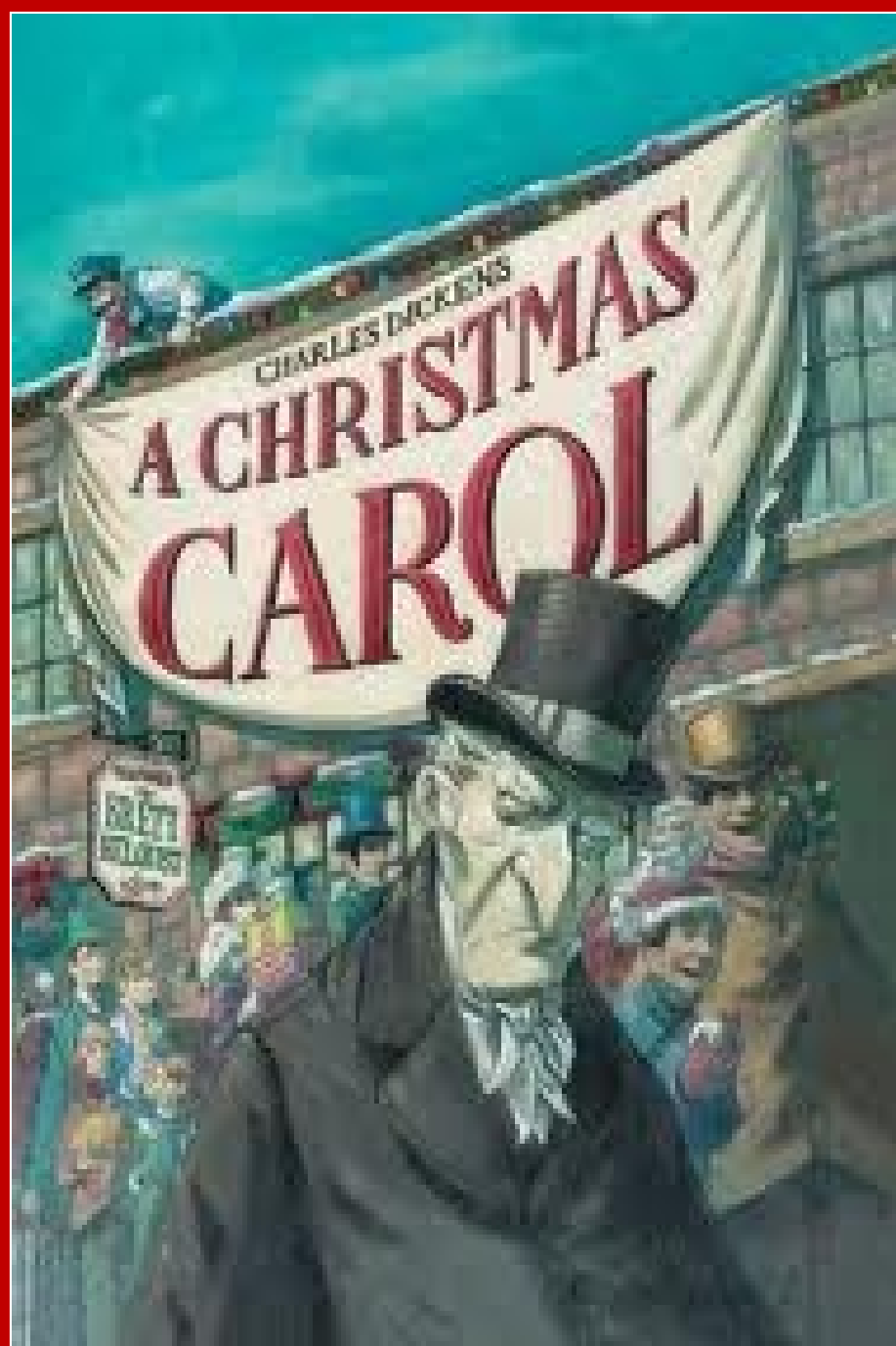
He was early at the office next morning. The clock struck nine. Bob Cratchit was not there. A quarter past nine. Still he had not come. He was eighteen minutes late. Scrooge sat there with the door wide open so that he could see him come in.

(SCROOGE) - Hello, Why are you late?

(BOB CRATCHIT) - I'm sorry, sir.

(SCROOGE) - "Now, I'll tell you what I'll do: I'll raise your pay. And I'll try to help you with your family. We must talk about that this afternoon. Put more coal on the fire. Buy another coal box for your room!"

(NARRATOR) - Tiny Tim did not die. Scrooge was like a second father to the family. He became a good friend, a good master and a good man.



### About the author

Charles Dickens, the most popular writer of the Victorian age, was born near Portsmouth, England, in 1812 and died in Kent in 1870. When his father was thrown into the prison, young Charles was taken out of school and forced to work in a shoe - polish factory, which may help explain the presence of so many abandoned and victimized children in his novels. As a young man he worked as a reporter before starting his career as a fiction writer in 1833.

### Did you know?

A Christmas Carol, first published in 1843, is the most popular of all his Christmas stories.

## Chapter 1 – Marley's ghost

It was Christmas Eve, the twenty-fourth of December, the evening before Christmas Day. Old Scrooge was busy in his office. It was very cold: Scrooge could hear the people outside in the street beating their hands together to warm them. There was a thick fog: it was only three o'clock but it was quite dark already. Candles were burning in the windows of the offices near his.

Scrooge did not like anything. He did not like the people in the streets. He did not like eating good food or drinking nice drinks. He especially hated Christmas.

Scrooge was an old man. He was very thin, with thin, white hair on his head and face. His lips were blue and his eyes were red.

He had worked in the same dark office for many years. Once it had been the office of SCROOGE AND MARLEY, and those names were still on the door. But Jacob Marley had died seven years before and Scrooge worked on without him. Work was important. Work brought money, and Scrooge always wanted more money.

The door of Scrooge's office was open so that he could watch his clerk. Bob Cratchit worked in a very small room on the other side of the passage. Scrooge had a very small fire, but the clerk's fire was even smaller. He could not add coal to it because Scrooge kept the coal box in his room.

„Merry Christmas, uncle, and God bless you!“ said a happy voice. It was the voice of Scrooge's nephew Fred.

„Bah!“ said Scrooge. „Humbug!“

Scrooge's nephew had been walking quickly in the cold air. His face was bright and his eyes shone.

„Do you say that Christmas is a humbug uncle?“ he said. You don't mean that, do you?“

„Yes I do!“ said Scrooge. „Merry Christmas! Bah! What reason have you to be merry? You're too poor to be merry.“

„Oh!“ said the nephew, laughing „ And why aren't you merry?“ asked Fred. „You're a very rich man.“

Scrooge had no better answer ready so he said „Bah!“ again and followed it with „Humbug!“

„Don't be angry,“ said the nephew.

„What else can I be,“ said the uncle, „when I live in a world of fools such as this? Merry Christmas! What is Christmas time to you except a time for spending more money than you have, a time for finding yourself a year older but not an hour richer, a time for finding that you have less money than you had at Christmas a year ago?

„Uncle!“ said the nephew. „Christmas is a good time, a kind, forgiving, pleasant time. It's the only time in the year when men and women seem to open their shut-up hearts freely. And therefore, uncle, although it has never put any gold or silver in my pocket, I believe that Christmas has done me good and will do me good, and I say God bless it!“

„Humbug!“ said Scrooge.

„Don't be angry, uncle. Come and have dinner with us tomorrow.“

„Certainly not!“ said Scrooge. „Good afternoon!“

„I am sorry you won't join us. A merry Christmas uncle!“

„Good afternoon!“ said Scrooge.

As Bob Cratchit opened the door to let Scrooge's nephew out, he let in two other people. They were well-dress gentlemen and stood with their hats off in Scrooge's office. They had books and papers in their hands.

„Scrooge and Marley's, I believe?“ said one of the gentleman, looking at the list. „I am speaking to Mr Scrooge or to Mr Marley?“

„Mr. Marley is dead,“ answered Scrooge. „He died seven years ago this very night.“

„Oh! - At this happy season of the year, Mr Scrooge,“ said the gentleman, taking up his pen, „we usually try to do something for the poor. Many thousands are cold and have no food, and many have no home to go to“

„Are there no prisons?“ asked Scrooge.

„There are plenty of prisons,“ said the gentleman.

„Are there no workhouses for the poor?“

"There are," said the gentleman.

"I am glad to hear that there are still prisons and workhouses," said Scrooge.

"Prisons and workhouses can't really make people merry at Christmas time," said the gentleman. "A few of us are asking people to give money to buy some food and drink for the poor. How much will you give us?"

"Nothing!" said Scrooge. "I won't give money to make lazy people merry. Good afternoon, gentlemen!"

Seeing that they were wasting their time, the gentlemen went out of the room.

The fog became thicker. The darkness became darker. The cold became colder. At last, the hour of shutting up the office arrived. Scrooge got down from his chair. Bob Cratchit put out his candle and put on his hat.

"You'll want to be home all day tomorrow, I suppose?" said Scrooge.

"Yes, sir, if you don't mind."

"I do mind," said Scrooge "And you still want me to give you money for the whole week?"

"Well, Christmas is only one day a year, sir," replied Bob.

"You're still taking my money for nothing!" said Scrooge. "Well, if you must, you must. But come to work earlier the morning after!"

Scrooge went out, and Bob ran home to Camden Town as fast as he could, to play with his children.

Scrooge went home. He had rooms in a house which once had been Marley's. They were dark and uncomfortable rooms in an old house in a dark courtyard. No one lived there except Scrooge. He unlocked the door, went in and lit a candle, then went upstairs to his room. Before he shut his heavy door he walked through the rooms to see that everything was alright. He went into the sitting-room, the bedroom, the store-room.

There was a small fire burning in the fireplace. He shut the door of his room and locked it, then went and sat down by the fire.

There was a noise down below as if some person was pulling a heavy chain. The noise came up the stairs straight towards his door.

"It's humbug!" said Scrooge. "I don't believe it!".

Something came through the heavy door and came into the room. The dying fire sprang up in the fire place.

It was Marley. The chain was wound around him – a chain loaded with money-boxes, keys, locks, business papers and money bags.

“Well?” said Scrooge in his cold voice, “what do you want from me?”

“I’m a ghost,” said Marley. “I’ve been travelling since I died.”

“Why are you wearing that chain?” asked Scrooge.

“I am wearing the chain that I made during my life. I was very bad to people when I was alive. Do you want to know the weight and length of the chain that you yourself have? It was as heavy and as long as this one seven Christmas Eves ago, and you have made it heavier and longer since.” said Marley.

“Don’t tell me any more. Say something to make me less afraid.” replied Scrooge.

“There is nothing to say,” The ghost said “But I want to help you not to be unhappy like me when you die. You still have a chance!”

“How?” asked Scrooge?

“You will be visited,” said Marley, “by three spirits. You won’t seem me any more, but remember what I have said.”

The ghost took the cloth from the table and tied its head. Then he walked backwards from Scrooge. At every step it took, the window opened a little. When the ghost reached it, it was wide open. Scrooge heard in the outside air cries of sorrow and weeping. Marley’s ghost disappeared into the night.

Scrooge followed to the window and looked out. The air was full of ghosts, wandering. Every one of them wore a chain like Marley’s chain. Then, the ghosts disappeared, Scrooge closed the window and without taking off his clothes he threw himself into the bed and felt asleep.



## Chapter 2 – The first of the three spirits

The first ghost appeared at one o'clock in the morning, and opened the curtains round Scrooge's bed. The ghost was a strange figure like a child – and yet not quite a child, in some ways like an old man, an old man who had become no bigger than a child. The hair, hanging down on his neck was white as if with age, and yet the face was young. It was dressed in pure white, holding a branch of holly in its hand. The strangest thing of all was that from the top of its head there came a bright clear light. The spirit held under its arm a large cap as if that were used to put down over the light and hide it.

"Marley said that a spirit would visit me. Are you the spirit?" asked Scrooge.

"I am." The voice was soft and gentle.

"Who and what are you?" asked Scrooge.

"I am the ghost of Christmas Past."

"Long past?" asked Scrooge.

"No. Your past."

The spirit put a strong hand and took Scrooge by the hand. It led him towards the window.

"If you go out there," said Scrooge, "I'll fall!"

The spirit laid its hand on Scrooge's heart. "This," it said, "will hold you up."

They passed through the wall and stood on an open country road with fields. The city had disappeared. Scrooge saw they were looking at the place in the country where he had lived as a boy. They saw many boys going home across the fields, happily shouting "Merry Christmas" to each other.

Then they saw Scrooge as a boy, reading on his own in an empty classroom. Seeing himself as he had once been, Scrooge sat down at a desk and started to cry.

"I wish I'd given some money to that poor boy who sang Christmas songs to be yesterday," said Scrooge.

The spirit smiled and waved his hand. "Let's see another Christmas."

This time Scrooge saw the office where he had first worked. He saw Mr Fezziwig, the man he had worked for, and his wife. Young Scrooge was helping them prepare the office for a Christmas party. Soon there were many people there. They were enjoying the dancing, the music and the food. Even Scrooge was dancing and enjoying himself!

"I wish I'd said something to Bob Cratchit yesterday", said Scrooge. The spirit smiled again. "Another Christmas," he said.

Now they were in another place, a room not very large, but beautiful. Near the fire there was a lovely young girl, and opposite her was her mother. The mother was the woman Scrooge had loved and lost, now older. She had left him because he had been more interested in money than in her. Looking at the happy family, Scrooge understood what he had lost.

"Spirit," cried Scrooge in a broke voice, "take me home!"

"I told you," said the spirit, "that these are the shadows of things that have been. They are what you have made them."

"Leave me! Take me home!" Scrooge seized the spirit's cap and pulled it down over his head. Scrooge was back in his bedroom. He threw himself on his bed and fell into a deep sleep.

### Chapter 3 – The second of the three spirits

The second of the three spirits

Scrooge awoke and sat up in bed. He heard the church clock sound One. He looked around – there was nobody there. He went to the door of his living room.

"Come in, Ebenezer Scrooge," said a strange voice.

He opened the door, and looked around him. The walls were all covered with green holly. There was a big fire burning there, and on the floor was every kind of Christmas food.

"Come in," said the spirit, "come in! You must get to know me better."

Scrooge went into the room and stood in front of the spirit.

"I am the Ghost of Christmas Present," said the spirit. "Look at me!"

Scrooge looked. He saw a fat and merry-looking person, dressed in a long green coat. It had no shoes on his feet. There was a crown made of holly on his head with ice set in it to make it shine. It had long brown hair hanging free on its neck. On his hand was a torch which lit up the entire room.

"Spirit," said Scrooge, "lead me where you wish. Last night I was forced to go, but I learnt a lesson which is helping me now. Tonight if you have something to teach me, let me learn it."

"Touch my dress." The spirit said.

Scrooge did, and soon the trees, the food and the room had disappeared. They were standing in a London street. It was Christmas morning. The sky was grey, but there was cheerful everywhere. The church bells began to ring and the people came crowding through the streets in their best clothes and with happy faces.

Scrooge and the spirit travelled unseen by everyone, to the outer part of the city and come to the house of Bob Cratchit. Inside the house, Mrs Cratchit, dressed in her best clothes, which she kept carefully for year to year, was laying the cloth on the table, helped by Belinda, her daughter. Peter Cratchit, her son, was watching some potatoes boiling in a pot, and two smaller Cratchits, a boy and girl, were dancing round and round the table.

Scrooge looked at Tiny Tim, the youngest child, who was ill and could barely walk.

When the dinner was ready, Bob Cratchit put Tiny Tim in his little chair at the corner of the table near him. Then Mrs Cratchit brought in the goose, perfectly cooked. Then Mrs Cratchit brought the Christmas pudding – round, brown, full of fruit.

After dinner, the cloth was taken off the table. The family sat round the fire and enjoyed the hot drink that Bob had prepared. Then Bob stood up and said, "Raise your glasses. A merry Christmas to us all, my dears! God bless us!"

"God bless us all, every one!" said Tiny Tim, last of all.

"Spirit," said Scrooge, "tell me if Tiny Tim will live."

"I see an empty seat," said the ghost. "If the shadows are not changed by the Future, the child will die."

"No, no!" said Scrooge "Oh, no, kind spirit! Say that he will live!"

"If the shadows are not changed by the Future, the Spirit of Next Christmas will not find him here. But does it matter? You said that there are too many people in the world."

They left the Cratchit's poor house, and walked through the snowy streets of London. Then Scrooge was surprised to hear a happy laugh. He knew it as his nephew's laugh, and found himself in a bright room.

"Ha, ha!" laughed Fred. "He said that Christmas was Humbug!"

"That's very bad," said the wife.

"He's a very funny fellow," said Scrooge's nephew, "and that's the truth. He is not as pleasant as he might be, but his unpleasantness punishes him, and I've nothing to say against him."

"I'm sure he is very rich, Fred," said the wife.

"Well, that doesn't help him, my dear. His money is of no use to him. He doesn't do any good with it."

"He makes me angry," said his wife, and his wife's sisters and all the other ladies said the same thing.

"Oh, I'm sorry for him," said Fred "Who suffers from his strange ways? He does. He decides to dislike us and he won't come and have dinner with us, and what's the result? He loses a dinner - a very good dinner."

They sat round the fire and sang, and after that they played games. Scrooge and the ghost watched Fred and his friends all evening.

It was a long night, and as it passed, the spirit seemed to become older and older. Then, looking at the spirit as they stood in an open space, Scrooge noticed that his hair was grey.

"Are spirits' lives so short?" he asked.

"My life on this earth is very short," replied the spirit. "It ends tonight."

"Tonight?" cried Scrooge.

"Yes, tonight at midnight. Listen! The time is drawing near."

The church bells were ringing a quarter to twelve.

"Forgive me if I ask," said Scrooge, "but I see something strange hiding at your side."

The spirit brought forward two children, a boy and a girl, sick, animal-alike. Their faces ought to have been young and fresh, but they were thin, and their eyes had the look of hungry beasts.

"Spirit," said Scrooge, "are they yours?"

"They are Man's" said the spirit, looking down at them. "This boy is Ignorance - he has not been taught. And this girl is Want - she has not been fed."

"Have they no one to help them, nowhere that they can go?" cried Scrooge.

"Are there no prisons?" said the spirit. "Are there no workhouses?" They were the words that Scrooge himself had spoken.

The bell struck twelve. Scrooge looked for the ghost but did not see it. Then lifting his eyes, he saw a dark figure coming towards him through the fog.

## Chapter 4 – The last of the three spirits

The spirit came forward silently. When it was near him, Scrooge went down on his knees.

It was clothed in black. Its face and its shape could not be seen – only one outstretched hand. Only his hand separated it from the darkness all round it.

Scrooge felt that the spirit was tall as it became beside him. It filled him with a solemn sense of fear. It neither spoke nor moved.

“Are you the Ghost of Christmas Yet to Come?” asked Scrooge.

The spirit did not answer, but pointed forwards with its hand.

“You are going to show me the shadows of things that have not yet happened but will happen in the future,” said Scrooge. “I fear you more than any of the other spirits I have seen. But I know that you have come to do me good. I hope to live to be another man, different from what I have been. So I am ready to go with you, and with a thankful heart. Won’t you speak?”

The spirit gave no reply, but its hand still pointed straight in front of them. The ghost stopped and pointed to some men standing together talking.

“I don’t know what happened. I only know he is dead,” said the first man.

“What he’s done with his money?” said the second man, laughing.

“His funeral will be very cheap,” said another man.

“Why?” asked the second man.

“He had no friends. Nobody will go”, answered the first man.

Scrooge did not understand why the ghost wanted him to listen to this conversation, but he knew the ghost did not answer so he did not ask.

They left the busy centre of the city, and the spirit brought Scrooge to a part that he had never seen before, though he knew where it was and knew it as one of the worst and poorest parts of the city. The streets were narrow and dirty, the shops and houses were small and ugly. The narrow lanes were full of dirt and bad smells. The whole place smelt of dirt and unhappiness.

Scrooge watched as three people brought things to sell to the shopkeeper. They were from the same dead man’s house.

The first had some small things: buttons and a pencil case.

"He doesn't need this now," said the first woman pointing to the towels, silver spoons and boots she had.

"Look, Joe," said the other woman, showing the bed curtains and blankets from the dead man's bed.

"Is this shirt from the dead body?" asked Joe.

"Yes," she answered. "He doesn't need a new shirt now he's dead."

"Spirit," said Scrooge. "I see. The things that have happened to that unhappy man might happen to me. His life seems to have been rather like mine is now... Heavens! What's this?"

He was in another place, standing by a bed with no curtains. On it lay something covered by an old piece of cloth, unwatched, unwept and uncared for, the body of a man.

The spirit pointed towards the head. The cover was so carelessly thrown over it that Scrooge could have lifted it with his finger and seen the face. But he dared not do it. As he looked at the bed he thought, "The love of money has brought this man to a fearful end, truly!"

"Spirit," he said, "this is a fearful place, and I have learnt its lesson. Let's go."

Still the spirit pointed with unmoved finger to the head.

"I understand you," said Scrooge, "but I wouldn't do it even if I could. I haven't the power, Spirit. I haven't the power."

Again the spirit seemed to look at him.

"Isn't there any person in this town who has any feeling caused by this man's death?" asked Scrooge. "Show me one such person, Spirit, please."

The spirit raised its arm – and they were in a room where a mother and child were sitting. The woman stood up nervously when her husband came in.

"Is there any news?" she asked.

"When I went to ask him if we could pay the money one week later," he said, "an old woman told me he was dead."

"That's good news," she said. "I'm sorry. I mean that now we have time to get the money we have to pay."

"No, ghost!" said Scrooge. "I want to see someone who's sorry about a death, not someone who's happy because of one!"

The spirit took him to Bob Cratchit's house. Scrooge saw the Cratchit family sitting quietly around the fire. They were talking about Tiny Tim.

"I met Mr Scrooge's nephew, Fred," said Bob, "and he said he was very sorry to hear about Tiny Tim."

Bob turned to his family: "Let's never forget what a good, gentle boy he was, even if he was just a little child."

"No, never father!" shouted all the children.

"Spirit," said Scrooge, "I believe that the time for you to leave me is near. Tell me what man was it that we saw lying dead?"

The spirit led him on. They reached an iron gate, the gate of a churchyard. The spirit stood among the graves and pointed to one of them.

"Answer me one question," said Scrooge. "Are these the shadows of the things that *will* be, or are they only the shadows of the things that *may* be?"

Still the ghost pointed downwards to the grave beside which it was standing.

"Men's actions seem to lead to certain ends," said Scrooge, "but if the actions are changed, the ends will change. Is that not true?"

The spirit did not move. Scrooge read on the stone of the grave his own name: EBENEZER SCROOGE.

"Spirit," he cried, "hear me! I am not the man I was. I will not be the man I would have been if I hadn't met you. Why do you show me this?"

The spirit made no reply, but its hand seemed to move.

"I will honour Christmas in my heart. I will try to keep the meaning of it all year. I will live in the past, the present and the future. The spirits of all three Christmases will be with me, and I will not forget the lessons that they teach."



He tried to catch the hand of the spirit, but the spirit had disappeared, and where it had stood he saw his bedpost.

## Chapter 5 – The end of it

Yes, the bedpost was his own. The bed was his own. The room was his own.

"I will live in the past, the present and the future," Scrooge said again as he got out of bed. "The spirits of all three will help me."

He laughed. The first time he had laughed for years!

"I don't know what day it is," thought Scrooge. He heard the church bells ringing out, and he ran to the window and opened it. There was no fog – clear, bright, golden sunlight.

"What's today?" cried Scrooge, calling down to a boy who was dressed in his best clothes in the street.

"Eh?" said the boy.

"What's today?" said Scrooge.

"Today?" answered the boy. "It's Christmas Day of course!"

"It's Christmas day!" said Scrooge to himself. "I haven't missed it. The spirits have done it all in one night."

"Do you know that shop in the next street where there was a big turkey hanging up? Not a small turkey – the very big turkey."

"What, the one as big as me?" answered the boy.

"Yes my boy," said Scrooge.

"Well, go and buy it. Tell the man to bring it here and I will tell him where to take it. Come back with the man, and I'll give you ten pence. Come back in less than five minutes, and I'll give you twenty pence."

The boy ran off.

"I'll send it to Bob Cratchit's," Scrooge told himself.

Then Scrooge went upstairs and put on his best clothes, and at last he went into the streets. The people were by this time pouring out of their houses as he had seen them with the Spirit of Christmas Present. Walking with his hands behind him, Scrooge looked at them with a delighted smile. He looked so pleasant that three or four men said, "Good morning, sir. A merry Christmas to you!" and Scrooge often said afterwards that of all the sounds he had ever heard those were the happiest in his ears.

He had not gone far when he saw one of the gentlemen who had come into his office the day before and asked him some money for the poor.

"My dear sir," said Scrooge, taking the old gentleman by both hands, "how do you do? I hope you got a lot of money yesterday. It was very kind of you to come to me. Merry Christmas to you, sir!"

"Mr Scrooge?"

"Yes," said Scrooge, "will you forgive me, and will you please ...." Here Scrooge spoke very quietly.

"Bless me!" said the gentleman. "My dear Mr Scrooge, are you serious?"

"If you please," said Scrooge, "allow me to give you that, not a penny less. And there are a great many back payments that I owe you. Come and see me and you shall have the money."

"I will!" said the gentleman.

In the afternoon, Scrooge went to his nephew's house. He passed the door several times before he felt brave enough to go in.

"Is your master at home?" he said to the girl.

"Yes, sir."

"Where is he, my dear?" said Scrooge.

"He's in the dining room, sir."

"Thank you. He knows me. I'll go in there," said Scrooge.

They were looking at the table, which was spread out all ready for the meal.

"Fred!" said Scrooge.

"Why, bless my soul!" cried Fred. "Who's that?"

"It's your uncle Scrooge. I've come to dinner. Will you let me in, Fred?"

It was a wonderful party, wonderful games, and wonderful happiness.

He was early at the office next morning. The clock struck nine. Bob Cratchit was not there. A quarter past nine. Still he had not come. He was eighteen minutes late. Scrooge sat there with the door wide open so that he could see him come in.

"Hello," said Scrooge in his unusual voice, "Why are you late?"

"I'm sorry, sir," said Bob. "I am late, but it's only once a year, sir"

"Now, I'll tell you what I'll do," said Scrooge. "I'll raise your pay. And I'll try to help you with your family. We must talk about that this afternoon. Put more coal on the fire. Buy another coal box for your room!"

Tiny Tim did not die. Scrooge was like a second father to the family. He became a good friend, a good master and a good man. And they always said of him that he knew how to keep Christmas well. So, as Tiny Tim said, "God bless us all, every one!"

THE END

Dickens, D. (Ed). (1997). *A Christmas Carol*. Essex: Longman.

**WHAT IS THIS?**



Christmas Stocking

**WHAT IS THIS?**



Sleigh

**WHAT IS THIS?**



*Gingerbread*

**WHAT ARE THESE CHILDREN DOING?**



*Carol Singers*

**WHAT IS THIS?**



Mistletoe

**WHAT IS THIS?**



Christmas Baubles

**WHAT IS THIS?**



Snowman

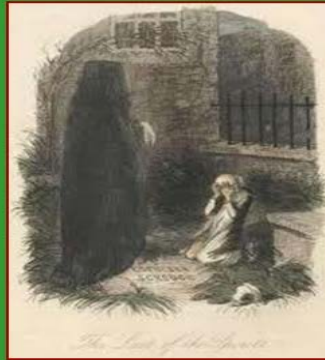
**WHO IS THIS SPIRIT?**



Jacob Marley



## WHO IS THIS SPIRIT?



Spirit of Christmas yet to come

## WHO IS THIS SPIRIT?



Spirit of Christmas Present

Elaborado em parceria com Mariana Macedo

## Christmas Quiz

1. What do children hang at the ends of their beds or along the mantelpiece above the fireplace?

2. When does Father Christmas enter the houses down the chimney?

3. What do people use to decorate the Christmas tree with?

4. What is the name of the world's most famous reindeer?

5. What do British people usually eat on Christmas Day?

6. He is an old man with white hair, a beard and a moustache.  
He and his elves make all the toys for Christmas. Who is this man?

7. Where do some people traditionally kiss on Christmas time as a gesture of friendship or love?

8. On what day do British children get their presents?

9. Where does Santa's sleigh land on Christmas Eve?

10. What do you call the 26<sup>th</sup> of December?

11. How do you translate *Christmas wreath* into Portuguese?

12. Mention a Christmas Carol.

13. Who is the first spirit to speak to Scrooge?

14. What is Bob Cratchit's job?

15. Who asks Scrooge for a charitable contribution?

16. What is Scrooge's typical response to "Merry Christmas"?

17. Which spirit does not speak to Scrooge?

18. What was Marley's first name?

19. What is the name of Bob Cratchit's ill son?

20. What did Scrooge send to Tiny Tim's house?

21. Which of the three spirits was wearing a crown of holly on its head?

22. What is the name of the last spirit?

23. What does Marley have around his body?

24. What is Scrooge's first name?

# JINGLE BELLS



Dashing through the snow  
In a one horse open sleigh  
O'er the fields we go  
Laughing all the way  
Bells on bob tails ring  
Making spirits bright  
What fun it is to laugh and sing  
A sleighing song tonight

Oh, jingle bells, jingle bells  
Jingle all the way  
Oh, what fun it is to ride  
In a one horse open sleigh  
Jingle bells, jingle bells  
Jingle all the way  
Oh, what fun it is to ride  
In a one horse open sleigh



A day or two ago  
I thought I'd take a ride  
And soon Miss Fanny Bright  
Was seated by my side  
The horse was lean and lank  
Misfortune seemed his lot  
We got into a drifted bank  
And then we got upsot

Oh, jingle bells, jingle bells  
Jingle all the way  
Oh, what fun it is to ride  
In a one horse open sleigh  
Jingle bells, jingle bells  
Jingle all the way  
Oh, what fun it is to ride  
In a one horse open sleigh yeah

Jingle bells, jingle bells  
Jingle all the way  
Oh, what fun it is to ride  
In a one horse open sleigh  
Jingle bells, jingle bells  
Jingle all the way  
Oh, what fun it is to ride  
In a one horse open sleigh



## ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL

JANUARY, 2011

**Level:** 9th grade, level V

**Topic:** *The Hitchhiker* by Roald Dahl

**Theme:** Extensive Reading

**Number of lessons:** 1/4 (45m)

**Prof. Cooperante:** Dr.ª Célia Almeida

**Mestranda:** M.ª Adelaide Ferreira

### LESSON PLAN 5

ASSUMPTIONS	TEACHING AIMS	OBJECTIVES		CONTENTS		MATERIALS	ASSESSMENT/EVALUATION
<p>Teacher believes that students already know some vocabulary related to the topic.</p> <p><u>Students are already able to:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Express viewpoint regarding speculation activities with visual and/or textual materials;</li><li>✓ Orally express their opinion as regards a specific theme;</li><li>✓ Know some of the language exponents that enable them to accept or reject a point of view.</li><li>✓ Work with literary texts.</li><li>✓ Write small texts, guided by specific constraints.</li></ul>	<p>Teacher expects students to:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>➤ Enlarge and recycle vocabulary related to the theme of the unit both orally and in writing through predicting and reading comprehension activities;</li><li>➤ Develop their reading skills through reading comprehension activities;</li><li>➤ Develop their writing skills guided by specific constraints – final task;</li></ul> <p>➡ <b>In order to increase students fluency and reading habits.</b></p>	<p>At the end of the lesson students should be able to:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>➤ Relate words and ideas to images in predicting activities;</li><li>➤ Develop oral, reading and writing skills through reading and post reading activities;</li><li>➤ Enlarge and recycle vocabulary through vocabulary exercises;</li><li>➤ Increase motivation in reading through appealing materials and activities.</li></ul>	<p><b>STRUCTURES</b></p> <p><b>FUNCTIONS/EXPONENTS</b></p> <p>No structures were explicitly introduced</p>	<p><b>VOCABULARY</b></p> <p><b>Nouns:</b> car, hitchhiker, accelerator, trick, fingers, bmw, London, police-siren, cop, man, jacket, limit, goldsmith, lift</p> <p><b>Adjectives:</b> ratty-faced, enormous; expensive</p> <p><b>Verbs:</b> to give a lift; to hitchhike, to drive, to bet</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Power Point with a picture related to the short-story “The Hitchhiker”;</li><li>• <b>Handout 1</b> – making predictions.</li><li>• <b>Handout 2</b> – Reading activity;</li><li>• <b>Handout 3</b> – Reading comprehension activities;</li><li>• <b>Handout 4</b> – Written Production (Homework)</li></ul>	<p>✓ The teacher observes the students in what concerns:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Interest</li><li>• Motivation</li><li>• behavior</li></ul> <p>Through participation in the activities and tasks.</p> <p>✓ Written production: Students describe a trip based on a map.</p> <p>↓</p> <p>Corrected at home and then handed out to the students</p>	



**Elaboração própria**



**Elaboração própria**







**1. Read the text carefully.**

I had a new car. It was an exciting toy, a big BMW 3.3 Li, which means 3.3 litre, long wheelbase, fuel injection. It had a top speed of 129 mph and terrific acceleration. The body was pale blue. The seats inside were darker blue and they were made of leather, genuine soft leather of the finest quality. The windows were electrically operated and so was the sunroof. The radio aerial popped up when I switched on the radio, and disappeared when I switched it off. The powerful engine growled and grunted impatiently at slow speeds, but at sixty miles an hour the growling stopped and the motor began to purr with pleasure. I was driving up to London by myself. It was a lovely June day. (...)

I was whispering along at 70 mph, leaning back comfortably in my seat, with no more than a couple of fingers resting lightly on the wheel to

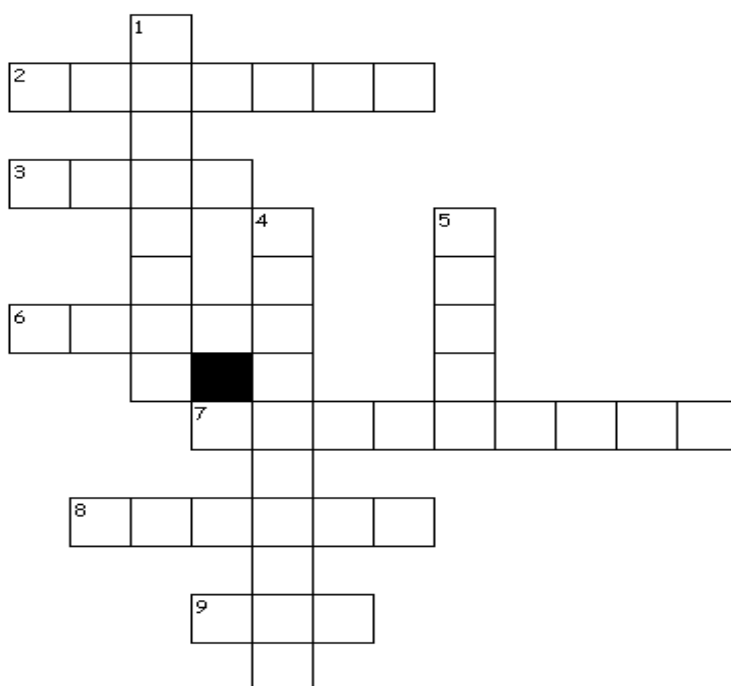
keep her steady. Ahead of me I saw a man thumbing a lift. I touched the brake and brought the car to a stop beside him. I always stopped for hitchhikers. I knew just how it used to feel to be standing on the side of a country road watching the cars go by, I hated the drivers for pretending they didn't see me, especially the ones in big cars with three empty seats. The large expensive cars seldom stopped. It was always the smaller ones that offered you a lift, or the old rusty ones or the ones that were already crammed full of children and the driver would say, "I think we can squeeze in one more." The hitchhiker poked his head through the open window and said, "Going to London, guv'nor?" "Yes," I said. "Jump in." He got in and I drove on. He was a small ratty-faced man with grey teeth. His eyes were dark and quick and clever, like rat's eyes,

and his ears were slightly pointed at the top. He had a cloth cap on his head and he was wearing a greyish-coloured jacket with enormous pockets. The grey jacket, together with the quick eyes and the pointed ears, made him look more than anything like some sort of a huge human rat. "What part of London are you headed for?" I asked him. "I'm goin' right through London and out the other side" he said. "I'm goin' to Epsom, for the races. It's Derby Day today." "So it is," I said. "I wish I were going with you. I love betting on horses." "I never bet on horses," he said. "I don't even watch 'em run. That's a stupid silly business." "Then why do you go?" I asked. (...)

**Adaptado de *Completely Unexpected Tales* de  
Roald Dahl**



*1. Complete the vocabulary crossword according to the text.*



ACROSS

DOWN

2. A car roof with a part which can be moved back to let in air and light.

3. To make the low continuous sound (cat).

6. A short deep sound like that of a pig.

7. The distance between the front and the back on a vehicle.

8. Same as antenna.

9. To risk money on the result of an event.

1. Same as very big.

4. Person who travels by getting rides in other people's cars, usually standing at the side of the road and signaling to drivers.

5. To make a deep rough sound.

**2. Answer the following questions:**

**2.1.** *The narrator uses the following words to describe his car. What does this tell us about his personality?*

<i>exciting toy</i>	<i>terrific acceleration</i>	<i>genuine soft leather</i>	<i>finest quality</i>
---------------------	------------------------------	-----------------------------	-----------------------

---

---

---

**2.2.** *What do you think motivated the driver to stop for the hitchhiker?*

---

---

---

**Elaboração própria**

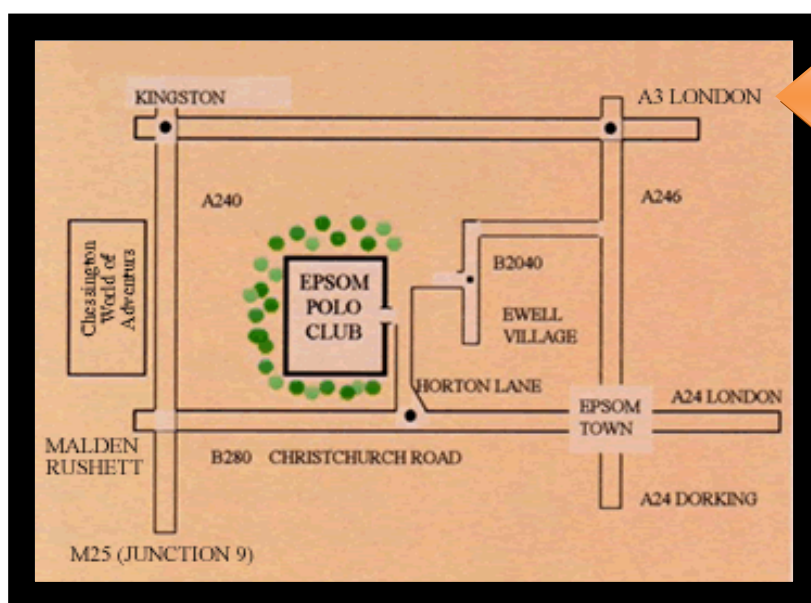


English – 9ºE – 2010/2011

Handout 4



1. Imagine you are the narrator and need to take the hitchhiker to Epsom Polo Club. Which way would you take? Will it be a pleasant journey? Follow the map and describe your trip. (50-70 words).



You are here

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Elaboração própria



## ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL

**JANUARY, 2010**

**Level:** 9th grade, level V

**Topic:** *The Hitchhiker* by Roald Dahl

**Theme:** Extensive Reading

**Number of lessons:** 2/4 (90m)

**Prof. Cooperante:** Dr.ª Célia Almeida

**Mestranda:** M.ª Adelaide Ferreira

### LESSON PLAN 6

ASSUMPTIONS	TEACHING AIMS	OBJECTIVES		CONTENTS		MATERIALS	ASSESSMENT/EVALUATION
<p>Teacher believes that students already know some vocabulary related to the topic.</p> <p><u>Students are already able to:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Express viewpoint regarding speculation activities with visual and/or textual materials;</li> <li>✓ Orally express their opinion as regards a specific theme;</li> <li>✓ Know some of the language exponents that enable them to accept or reject a point of view.</li> <li>✓ Work with literary texts.</li> <li>✓ Write small texts, guided by specific constraints.</li> </ul>	<p>Teacher expects students to:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Enlarge and recycle vocabulary related to the theme of the unit both orally and in writing;</li> <li>➤ Develop their speaking skills – describing pictures;</li> <li>➤ Develop their reading skills through reading comprehension activities;</li> <li>➤ Develop their writing skills guided by specific constraints;</li> </ul> <p>➡ <b>In order to increase students fluency and reading habits.</b></p>	<p>At the end of the lesson students should be able to:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Relate words and ideas to images through speculating activities;</li> <li>➤ Develop oral and reading skills through reading and post reading activities;</li> <li>➤ Enlarge and recycle vocabulary through vocabulary exercises;</li> <li>➤ Increase motivation in reading through appealing materials and activities.</li> </ul>		<p><b>STRUCTURES</b></p> <p><b>FUNCTIONS/EXPONENTS</b></p> <p>No structures are explicitly introduced</p>	<p><b>VOCABULARY</b></p> <p><b>NOUNS:</b> driver; hitchhiker; policeman; accelerator; road; fine; clink; court; speed; belly; pocket; jacket.</p> <p><b>ADJECTIVES:</b> silly; skilled; long; crummy</p> <p><b>VERBS:</b> to drive, to bet, to fine, to stop, to threaten; to apologize.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Power Point with cartoons related to speed limit;</li> <li>• <b>Handout 1</b> – “The Hitchhiker” by Roald Dahl</li> <li>• <b>Handout 2</b> – Reading Comprehension activities;</li> <li>• <b>Worksheet</b> - Register</li> <li>• <b>Handout 3</b> - Character Comparison;</li> <li>• <b>Handout 4</b> – Homework</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ The teacher observes the students in what concerns: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interest</li> <li>• Motivation</li> <li>• behavior</li> </ul> </li> <li>Through participation in the activities and tasks.</li> <li>✓ Homework assignment (corrected in the following class).</li> </ul>

©Morty Bucella E-Mail: MJBSTOONS@aol.com



"Couldn't you have just called me on my cell phone and tell me to slow down?"

off the mark.com by Mark Parisi

MARKETING FAILURE #562



CARS WITH  
SPEEDOMETER DISPLAY BOARDS

© Mark Parisi. Permission required for use.

© Original Artist  
Reproduction rights obtainable from  
www.CartoonStock.com



"No emergency, Officer. The top number on my speedometer is 150 mph and I wanted to try it."

© Original Artist  
Reproduction rights obtainable from  
www.CartoonStock.com



"Those sleeping policemen certainly help  
reduce traffic in our street."

© Original Artist  
Reproduction rights obtainable from  
www.CartoonStock.com



© Original Artist  
Reproduction rights obtainable from  
www.CartoonStock.com



"What gives you the impression  
I was going fast, officer?"

Elaboração própria



English – 9ºE – 2010/2011

*Handout 1*



He didn't seem to like that question. His little ratty face went absolutely blank and he sat there staring straight ahead at the road, saying nothing. "I expect you help to work the betting machines or something like that," I said. "That's even sillier," he answered. "There's no fun working them lousy machines and selling tickets to mugs. Any fool could do that." There was a long silence. I decided not to question him anymore.(...) "I'm sorry," I said "It's none of my business what you do. The trouble is I'm a writer, and most writers are terribly nosy." "You write books?" he asked "Yes." "Writing books is okay," he said. "It's what I call a skilled trade. I'm in a skilled trade too. The folks I despise is them that spend all their lives doin' crummy old routine jobs with no skill in 'em at all. You see what I mean?" "Yes." "The secret of life," he said "is to become very good at somethin' that's very very 'ard to do." "Like you," I said "Exactly. You and me both". "What makes you think that I'm any good at my job?" I asked. "There's an awful lot of bad writers around" "You wouldn't be drivin' about in a car like this if you weren't no good at it," he answered "It must've cost a tidy packet, this little job." "It wasn't cheap." "What can she do flat out?" he asked "One hundred and twenty-nine miles an hour," I told him.

"I'll bet she won't do it." "I'll bet she will." "All car-makers is liars," he said. "You can buy any car you like and it'll never do what the makers say it will in the ads." "This one will." "Open 'er up then and prove it," he said. "Go on, guv'nor, open 'er right up and let's see what she'll do." There is a traffic circle at Chalfont St. Peter and immediately beyond it there's a long straight section of divided highway. We came out of the circle onto the highway and I pressed my foot hard down on the accelerator. (...) In ten seconds or so, we were doing ninety. "Lovely!" he cried. "Beautiful! Keep goin'!" I had the accelerator jammed right down against the floor and I held it there. "One hundred!" he shouted. "A hundred and five! A hundred and ten! A hundred and fifteen! Go on! Don't slack off!" "A hundred and twenty!" my passenger shouted, jumping up and down. "Go on! Go on! Get 'er up to one-two-nine!" At that moment, I heard the scream of a police siren. It was so loud it seemed to be right inside the car, and then a cop on a motorcycle loomed up alongside us on the inside lane and went past us and raised a hand for us to stop. "Oh, my sainted aunt!" I said. "That's torn it!" The cop must have been doing about a hundred and thirty when he passed us, and he took plenty of time slowing

down. Finally, he pulled to the side of the road and I pulled in behind him. "I didn't know police motorcycles could go as fast as that, "I said rather lamely. "That one can," my passenger said. "It's the same make as yours. It's a BMW R90S. Fastest bike on the road. That's what they're usin' nowadays." The cop got off his motorcycle and leaned the machine sideways onto its prop stand. Then he took off his gloves and placed them carefully on the seat. He was in no hurry now. He had us where he wanted us and he knew it. "This is real trouble," I said. "I don't like it one little bit." "Don't talk to 'im more than is necessary, you understand," my companion said. "Just sit tight and keep mum." Like an executioner approaching his victim, the cop came strolling slowly toward us. He was a big meaty man with a belly, and his blue breeches were skin-tight around his enormous thighs. His goggles were pulled up onto the helmet showing a smouldering red face with wide cheeks.



. "What's the hurry?" he said.  
"No hurry, officer," I answered.  
"Perhaps there's a woman in the back having a baby and you're rushing her to hospital? Is that it?" "No, officer."  
"Or perhaps your house is on fire and you're dashing home to rescue the family from upstairs?" His voice was dangerously soft and mocking.  
"My house isn't on fire, officer." "In that case," he said, "you've got yourself into a nasty mess, haven't you? Do you know what the speed limit is in this country?" "Seventy," I said.  
"And do you mind telling me exactly what speed you were doing just now?" I shrugged and didn't say anything. When he spoke next, he raised his voice so loud that I jumped. "One hundred and twenty miles per hour!" he barked. "That's fifty miles an hour over the limit!" He turned his head and spat out a big gob of spit. It landed on the wing of my car and started sliding down over my beautiful blue paint. Then he turned back again and stared hard at my passenger. "And who are you?" he asked sharply. "He's a hitchhiker," I said. "I'm giving him a lift." "I didn't ask you," he said. "I asked him." "'Ave I done somethin' wrong?" my passenger asked. His voice was soft and oily as haircream. "That's more than likely," the cop answered. "Anyway, you're a witness. I'll deal with you in a minute. Driver's license," he snapped, holding out his hand. I gave him my driver's license.

He unbuttoned the left-hand breast pocket of his tunic and brought out the dreaded book of tickets. Carefully, he copied the name and address from my license. Then he gave it back to me. He strolled around to the front of the car and read the number from the license plate and wrote that down as well. He filled in the date, the time and the details of my offence. Then he tore out the top copy of the ticket. But before handing it to me, he checked that all the information had come through clearly on his own carbon copy. Finally, he replaced the book in his breast pocket and fastened the button. "Now you," he said to my passenger, and he walked around to the other side of the car. From the other breast pocket he produced a small black notebook. "Name?" he snapped. "Michael Fish," my passenger said. "Address?" "Fourteen, Windsor Lane, Luton." "Show me something to prove this is your real name and address," the policeman said. My passenger fished in his pockets and came out with a driver's license of his own. The policeman checked the name and address and handed it back to him. "What's your job?" he asked sharply. "I'm an 'od carrier." "A *what*?" "An 'odcarrier." "Spell it." "H-o-d c-a-" "That'll do. And what's a hod carrier, may I ask?" "An 'od carrier, officer, is a person who carries the cement up the ladder to the bricklayer. And the 'od is what 'ee carries it in. It's got a long handle, and on the top you've got bits of wood set at an

angle . . ." "All right, all right. Who's your employer?" "Don't 'ave one. I'm unemployed." The cop wrote all this down in the black notebook. Then he returned the book to its pocket and did up the button.(...)  
"I suppose you know you're in serious trouble," he said to me. "Yes, officer."  
"You won't be driving this fancy car of yours again for a very long time, not after we've finished with you. You won't be driving any car again, come to that, for several years. And a good thing, too. I hope they lock you up for a spell into the bargain." "You mean prison?" I asked alarmed. "Absolutely," he said, smacking his lips. "In the clink. Behind the bars. Along with all the other criminals who break the law. Nobody will be more pleased about that than me. I'll see you in court, both of you. You'll be getting a summons to appear." He turned away and walked over to his motorcycle. He flipped the prop stand back into position with his boot and swung his leg over the saddle. Then he kicked the starter and roared off up the road out of sight. "Phew!". I gasped. "That's done it..."  
"We was caught," my passenger said. "We was caught good and proper..."  
"I was caught you mean..."

To be continued...

**Adaptado de *Completely Unexpected Tales* de  
Roald Dahl**





English – 9ºE – 2010/2011

Handout 2



1. What's the meaning? Match the words with its corresponding definition on the right.

1. skilled trade	a) approached
2. crummy	b) pressed hard
3. jammed	c) Moving like an entertainer.
4. slack off	d) Short trousers fastened at or below the knee.
5. loomed up	e) Trained or experienced in work that requires skill.
6. strolling	f) Something wet and sticky (saliva).
7. breeches	g) Reduce speed.
8. smouldering	h) Of poor quality, worthless.
9. gob	i) an order to appear in court.
10. summons	j) To have or show violent feelings, kept from being expressed.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
							J		

2. Are the following statements true or false? Quote from the text to support your answers.

TRUE OR FALSE?	TRUE	FALSE
1. The driver is a successful writer.		
2. The driver and the hitchhiker make a bet.		
3. The hitchhiker bet the driver's car can reach 130 mph.		
4. The driver doesn't stop when he hears the police siren.		
5. The hitchhiker is very nervous when the policeman approaches.		
6. The driver is fined and can be arrested.		

Elaboração própria

3. Answer the following questions:

a) Why does the hitchhiker refer to the car as a woman?

---

---

---

b) Find in the text two grammar mistakes and correct them.

---

---

---

c) Find some slang words as well as colloquial language in the text.

- *guv'nor*
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 

Adaptado de [http://www.litplans.com/authors/Roald Dahl.html](http://www.litplans.com/authors/Roald_Dahl.html)

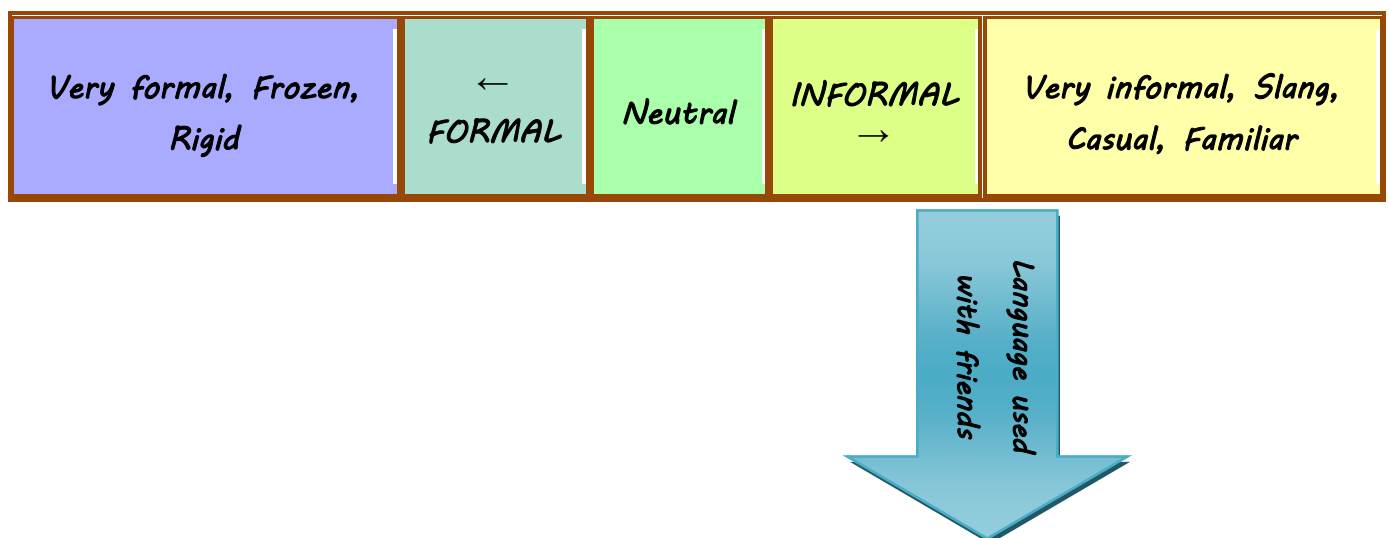


English – 9ºE – 2010/2011



## REGISTER

Register refers to the degree of formality of language, but in a more general sense it means the language used by a group of people who share similar work or interests, such as doctors or lawyers.



Do you know any slang words in Portuguese? Do you know any in English?

Elaboração própria



English – 9ºE – 2010/2011

*Handout 3*



*Character Comparison – Complete the table according to the text.*

	<i>THE DRIVER</i>	<i>THE HITCHHIKER</i>	<i>THE POLICEMAN</i>
<i>APPEARANCE</i>			
<i>PERSONALITY AND ATTITUDE</i>			
<i>ACTIONS</i>			
<i>SPEECH/REGISTER</i>			

Adaptado de <http://www.roalddahlfans.com/books/comp.php>



## ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL

JANUARY, 2010

**Level:** 9th grade, level V

**Topic:** *The Hitchhiker* by Roald Dahl

**Theme:** Extensive Reading

**Number of lessons:** 3/4 (45m)

**Prof. Cooperante:** Dr.ª Célia Almeida

**Mestranda:** M.ª Adelaide Ferreira

### LESSON PLAN 7

ASSUMPTIONS	TEACHING AIMS	OBJECTIVES		CONTENTS		MATERIALS	ASSESSMENT/EVALUATION
<p>Teacher believes that students already know some vocabulary related to the topic.</p> <p><u>Students are already able to:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Express viewpoint regarding speculation activities with visual and/or textual materials;</li> <li>Orally express their opinion as regards a specific theme;</li> <li>Know some of the language exponents that enable them to accept or reject a point of view.</li> <li>Work with literary texts.</li> <li>Write small texts, guided by specific constraints.</li> </ul>	<p>Teacher expects students to:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Enlarge and recycle vocabulary related to the theme of the unit both orally and in writing through predicting activities and reading and post reading activities;</li> <li>Develop their speaking skills – describing pictures in order to set up the subject of the class;</li> <li>Develop their reading skills through reading comprehension activities;</li> <li>Develop their writing skills guided by specific constraints;</li> </ul> <p>➡ <b>In order to increase students fluency and reading habits.</b></p>	<p>At the end of the lesson students should be able to:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Relate words and ideas to images in order to develop student's imagination ;</li> <li>Develop oral and reading skills in order through reading activities;</li> <li>Enlarge and recycle vocabulary through vocabulary, in order to prepare the students to the final task;</li> <li>Summarize a text in a reading grid.</li> </ul>		<p><b>STRUCTURES</b></p> <p><b>FUNCTIONS/EXPONENTS</b></p> <p><b>No structures are explicitly introduced</b></p>	<p><b>VOCABULARY</b></p> <p><b>NOUNS:</b> driver; hitchhiker; policeman; accelerator; road; fine; clink; court; speed; watchmaker, magician; piano player; job; fine, cigarette.</p> <p><b>ADJECTIVES:</b> skilled; long; crummy,</p> <p><b>VERBS:</b> to drive, to roll</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Power Point with an image related the excerpt;</li> <li><b>Handout 1</b> – “The Hitchhiker” by Roald Dahl</li> <li><b>Handout 2</b> – Reading Comprehension activities;</li> <li><b>Handout 3</b> - Character Comparison – reading grid.</li> </ul>	<p>✓ The teacher observes the students in what concerns:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Interest</li> <li>Motivation</li> <li>behavior</li> </ul> <p>Through participation in the activities and tasks.</p> <p>✓ Reading Grid (corrected in the classroom)</p>



CHATEAU DE LA FAYE. SALON DE LA FAYE. SALON DE LA FAYE.

Elaboração própria



*Handout 1*



"I was caught you mean..."  
"That's right," he said. "What you goin' to do now, guv'nor?" "I'm going straight up to London to talk to my solicitor," I said. I started the car and drove on.  
"You mustn't believe what 'ee said to you about goin' to prison," my passenger said. "They don't put nobody in the clink just for speedin'." "Are you sure of that?" I asked.  
"I'm positive," he answered.  
"They can take your license away and they can give you a whoppin' big fine, but that'll be the end of it." I felt tremendously relieved.  
"By the way," I said, "why did you lie to him?" "Who, me?" he said. "What makes you think I lied?" "You told him you were an unemployed hod carrier. But you told me you were in a highly skilled trade." "So I am," he said. "But it don't pay to tell everythin' to a copper." "So what do you do?" I asked him.  
"Is it something you're ashamed of?" "Ashamed?" he cried. "Me, ashamed of my job? I'm about as proud of it as anybody could be in the entire world!" "Then why won't you tell me?" "You writers really is nosy parkers, aren't you?" he said. "And you ain't goin' to be 'appy, I don't think, until you've found out exactly what the answer is?" "I don't really care one way or the other," I told him, lying.  
He gave me a crafty little ratty look out of the sides

of his eyes. "I think you do care," he said. "I can see it on your face that you think I'm

in some kind of a very peculiar trade and you're just achin' to know what it is. I didn't like the way he read my thoughts. I kept quiet and stared at the road ahead.  
"You'd be right, too," he went on. "I am in a very peculiar trade. I'm in the queerest peculiar trade of 'em all. I waited for him to go on. He took from his pocket a tin of tobacco and a packet of cigarette papers and started to roll a cigarette. I was watching him out of the corner of one eye, and the speed with which he performed this rather difficult operation was incredible. The cigarette was rolled and ready in about five seconds. He ran his tongue along the edge of the paper, stuck it down and popped the cigarette between his lips. Then, as if from nowhere, a lighter appeared in his hand. The lighter flamed. The cigarette was lit. The lighter disappeared. It was altogether a remarkable performance.  
"I've never seen anyone roll a cigarette as fast as that," I said.  
"Ah," he said, taking a deep suck of smoke. "So you noticed." "Of course I noticed. It was quite fantastic." He sat back and smiled. It pleased him very much that I had noticed how quickly he could roll a cigarette.  
"You want to know what makes me able to do it?" he asked, "Go on then."

"It's because I've got fantastic fingers. These fingers of mine," he said,

holding up both hands high in front of him, "are quicker and cleverer than the fingers of the best piano player in the world!" "Are you a piano player?" "Don't be daft." he said. "Do I look like a piano player?" I glanced at his fingers. They were so beautifully shaped, so slim and long and elegant, they didn't seem to belong to the rest of him at all. They looked more like the fingers of a brain surgeon or a watchmaker.  
"My job," he went on, "is a hundred times more difficult than playin' the piano. "I think I know what you do," I said. "You do conjuring tricks. You're a conjuror." "Me?" he snorted. "A conjuror? Can you picture me goin' round crummy kids' parties makin' rabbits come out of top 'ats?" "Then you're a card player. You get people into card games and you deal yourself marvellous hands." "Me! A rotten cardsharp!" he cried. "That's a miserable racket if ever there was one." "All right. I give up." I was taking the car along slowly now, at no more than forty miles an hour, to make quite sure I wasn't stopped again. We had come onto the main London-Oxford road and were running down the hill toward Denham. Suddenly, my passenger was holding up a black leather belt in his hand.

To be continued...

**Adaptado de Completely Unexpected Tales de Roald Dahl**



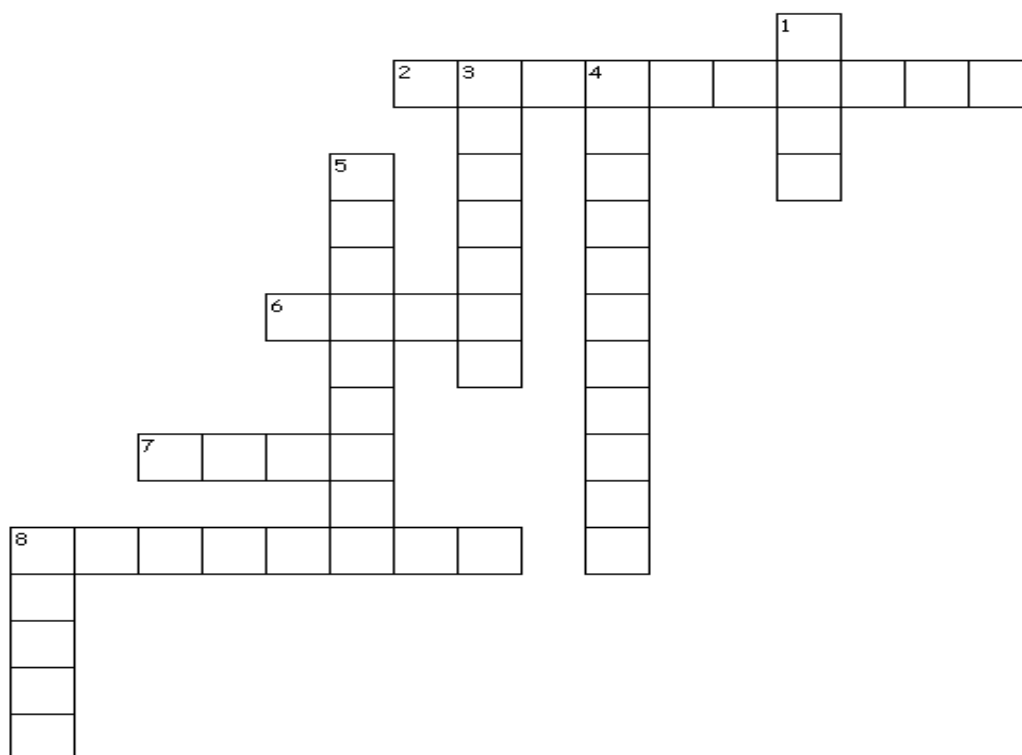
English – 9ºE – 2010/2011

*Handout 2*



1• *Complete the crosswords according to the text.*

## *Vocabulary*



### **Across**

- 2• *Person who makes/repairs watches;*
- 6• *Amount of money paid as punishment;*
- 7• *Band worn around the waist to support clothing;*
- 8• *Same as magician;*

### **Down**

- 1• *Same as silly;*
- 3• *Feeling shame/guilt;*
- 4• *Person who plays cards dishonestly to make money;*
- 5• *Same as lawyer;*
- 8• *Prison (slang).*

**Elaboração própria**



*2. Answer the following questions according to the text.*

*2.1. Why do you think the hitchhiker lied to the policeman?*

---

---

---

*2.2. In your opinion what is the hitchhiker's job?*

---

---

---

*2.3. Do you think the hitchhiker has a secret? Which one? Justify.*

---

---

---

**Adaptado de [http://www.litplans.com/authors/Roald Dahl.html](http://www.litplans.com/authors/Roald_Dahl.html)**

	<i><b>THE DRIVER</b></i>	<i><b>THE HITCHHIKER</b></i>	<i><b>THE POLICEMAN</b></i>
<i><b>APPEARANCE</b></i>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ratty - faced</li> <li>• Grey teeth</li> <li>• Dark eyes</li> <li>• Pointed ears</li> <li>• Grey jacket</li> <li>• Long fingers</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Big meaty man</li> <li>• Red face</li> <li>• Wide cheeks</li> <li>• (big) belly</li> </ul>
<i><b>PERSONALITY AND ATTITUDE</b></i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Friendly</li> <li>• talkative</li> <li>• Easy-going</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• mysterious</li> <li>• Quiet</li> <li>• Suspicious</li> <li>• rebel</li> <li>• Competitor</li> <li>• Arrogant</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rude</li> <li>• Aggressive</li> <li>• Threatening</li> <li>• Arrogant</li> </ul>
<i><b>ACTIONS</b></i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Stops for the hitchhiker</li> <li>• Bets with the hitchhiker</li> <li>• Drives the car at 120 mph</li> <li>• Asks the hitchhiker about his job</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Challenges the driver to drive the car at 130 mph</li> <li>• Isn't afraid of the policeman</li> <li>• Is ironic with the policeman</li> <li>• Lies about his job</li> <li>• Rolls a cigarette (very quickly)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Is very rude to the driver,</li> <li>• Uses his authority to threaten</li> </ul>
<i><b>SPEECH</b></i>	Informal language	Slang persuasive	Informal language

Elaboração própria



English – 9ºE – 2010/2011

Handout 3



*"I was caught you mean..." How is the story going to end? Be creative and write an ending to this story!*

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

*The End*

**Elaboração própria**



## ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA PASSOS MANUEL

JANUARY, 2010

**Level:** 9th grade, level V

**Topic:** *The Hitchhiker* by Roald Dahl

**Theme:** Extensive Reading

**Number of lessons:** 4/4 (90m)

**Prof. Cooperante:** Dr.ª Célia Almeida

**Mestranda:** M.ª Adelaide Ferreira

### LESSON PLAN 8

ASSUMPTIONS	TEACHING AIMS	OBJECTIVES		CONTENTS		MATERIALS	ASSESSMENT/EVALUATION
<p>Teacher believes that students already know some vocabulary related to the topic.</p> <p><u>Students are already able to:</u></p> <p>✓ Express viewpoint regarding speculation activities with visual and/or textual materials;</p> <p>✓ Orally express their opinion as regards a specific theme;</p> <p>✓ Know some of the language exponents that enable them to accept or reject a point of view.</p> <p>✓ Work with literary texts.</p> <p>✓ Write small texts, guided by specific constraints.</p>	<p>Teacher expects students to:</p> <p>➤ Enlarge and recycle vocabulary related to the theme of the unit both orally and in writing through speculating and reading comprehension activities;</p> <p>➤ Develop their speaking skills – summarizing the story through images.</p> <p>➤ Develop their reading skills through reading comprehension activities;</p> <p>➤ Develop their writing skills guided by specific constraints – book review.</p> <p>➡ In order to increase students fluency and reading habits.</p>	<p>At the end of the lesson students should be able to:</p> <p>➤ Relate words and ideas to images through predicting activities;</p> <p>➤ Develop oral and reading skills through reading activities;</p> <p>➤ Enlarge and recycle vocabulary through vocabulary exercises;</p> <p>➤ Increase motivation in reading through appealing materials and activities;</p> <p>➤ Write a book review.</p>		<p>STRUCTURES</p> <p>FUNCTIONS/EXPONENTS</p> <p>How to write a book review? – guide</p>	<p>VOCABULARY</p> <p>NOUNS: driver; hitchhiker; policeman; accelerator; road; fine; clink; goldsmith; fingersmith; pickpocket</p> <p>ADJECTIVES: skilled; long.</p> <p>VERBS: to drive, to burn.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Power Point with images related the short-story;</li><li>• Handout 1 – “The Hitchhiker” by Roald Dahl</li><li>• Handout 2 – Reading Comprehension activities;</li><li>• Quiz – The hitchhiker</li><li>• Handout 3 – How to write a book review</li></ul>	<p>✓ Direct observation:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Interest</li><li>• Motivation</li></ul> <p>Observed through spontaneous participation in class.</p> <p>✓ Students will write a book review about <i>The Hitchhiker</i></p> <p>↓</p> <p>Corrected at home and then handed out to the students.</p>



Elaboração própria



English – 9ºE – 2010/2011

*Handout 1*



Suddenly, my passenger was holding up a black leather belt in his hand. "Ever seen this before?" he asked. The belt had a brass buckle of unusual design.

"Hey!" I said. "That's mine, isn't it? It is mine! Where did you get it?" He grinned and waved the belt gently from side to side.

"Where d'you think I got it?" he said. "Off the top of your trousers, of course." I reached down and felt for my belt. It was gone.

"You mean you took it off me while we've been driving along?" I asked flabbergasted. He nodded, watching me all the time with those little black ratty eyes.

"That's impossible," I said. "You'd have had to undo the buckle and slide the whole thing out through the loops all the way round. I'd have seen you doing it. And even if I hadn't seen you, I'd have felt it." "Ah, but you didn't, did you?" he said, triumphant. He dropped the belt on his lap, and now all at once there was a brown shoelace dangling from his fingers.

"And what about this, then?" he exclaimed, waving the shoelace.

"What about it?" I said.

"Anyone around 'ere missin' a shoelace?" he asked, grinning.

I glanced down at my shoes. The lace of one of them was missing.

"Good grief!" I said.

"How did you do that?"

I never saw you bending down." "You never saw nothin'," he said proudly. "You never even saw me move an inch. And you know why?" "Yes," I said.

"Because you've got fantastic fingers." "Exactly right!" he cried. "You catch on pretty quick, don't you?"

He sat back and sucked away at his home-made cigarette, blowing the smoke out in a thin stream against the windshield. He knew he had impressed me greatly with those two tricks, and this made him very happy. "I don't want to be late," he said.

"What time is it?"

"There's a clock in front of you," I told him.

"I don't trust car clocks," he said. "What does your watch say?"

I hitched up my sleeve to look at the watch on my wrist. It wasn't there. I looked at the man. He looked back at me, grinning.

"You've taken that, too," I said.

He held out his hand and there was my watch lying in his palm. "Nice bit of stuff, this," he said.

"Superior quality. Eighteen- carat gold. Easy to sell, too. It's never any trouble gettin' rid of quality goods." "I'd like it back, if you don't mind," I said rather huffily.

He placed the watch carefully on the leather tray in front of him. "I wouldn't nick anything from you, guv'nor," he said. "You're my pal. You're givin' me a lift." "I'm glad to hear it," I said.

"All I'm doin' is answerin' your question," he went on. "You asked me what I did for a livin' and I'm showin' you." "What else have you got of mine?" He smiled again, and now he started to take from the pocket of his jacket one thing after another that belonged to me, my driver's license, a key ring with four keys on it, some pound notes, a few coins, a letter from my publishers, my diary, a stubby old pencil, a cigarette lighter, and last of all, a beautiful old sapphire ring with pearls around it belonging to my wife. I was taking the ring up to a jeweller in London

because one of the pearls was missing. "Now there's another lovely piece of goods," he said, turning the ring over in his fingers. "That's eighteenth century, if I'm not mistaken, from the reign of King George the Third." "You're right," I said, impressed. "You're absolutely right." He put the ring on the leather tray with the other items. "So you're a pickpocket," I said. "I don't like that word," he answered. "It's a coarse, and vulgar word. Pickpockets is coarse and vulgar people who only do easy little amateur jobs. They lift money from blind old ladies." "What do you call yourself, then?" "Me? I'm a fingersmith. I'm a professional fingersmith." He spoke the words solemnly and proudly, as though he were telling me he was the President of the Royal College of Surgeons or the Archbishop of Canterbury. "I've never heard that word before," I said. "Did you invent it?" "Of course I didn't invent it," he replied. "It's the name given to them who's risen to the very top of the profession. You've 'eard of a goldsmith and a silversmith, for instance. They're experts with gold and silver. I'm an expert with my fingers, so I'm a fingersmith." "It must be an interesting job." "It's a marvellous job," he answered.

"It's lovely." "And that's why you go to the races?" "Race meetings is easy meat," he said. "You just stand around after the race, watchin' for the lucky ones to queue up and draw their money. And when you see someone collectin' a big bundle of notes, you simply follows after 'im and 'elps yourself. But don't get me wrong, guv'nor. I never takes nothin' from a loser. Nor from poor people neither. I only go after them as can afford it, the winners and the rich." "That's very thoughtful of you," I said. "How often do you get caught?" "Caught?" he cried, disgusted. "Me get caught! It's only pickpockets get caught. Fingersmiths never. Listen, I could take the false teeth out of your mouth if I wanted to and you wouldn't even catch me!" "I don't have false teeth," I said. "I know you don't," he answered. "Otherwise I'd 'ave 'ad 'em out long ago!" I believed him. Those long slim fingers of his seemed able to do anything. We drove on for a while without talking. "That policeman's going to check up on you pretty thoroughly," I said. "Doesn't that worry you a bit?" "Nobody's checkin' up on me," he said. "Of course they are. He's got your name and address written down most carefully in his black book." The man gave me another

of his sly ratty little smiles. "Ah," he said. "So 'ee 'as. But I'll bet 'ee ain't got it all written down in 'is memory as well. I've never known a copper yet with a decent memory. Some of 'em can't even remember their own names." "What's memory got to do with it?" I asked. "It's written down in his book, isn't it?" "Yes, guv'nor, it is. But the trouble is, 'ee's lost the book. 'He's lost both books, the one with my name in it and the one with yours." In the long delicate fingers of his right hand, the man was holding up in triumph the two books he had taken from the policeman's pockets. "Easiest job I ever done," he announced proudly. I nearly swerved the car into a milk truck, I was so excited. "That copper's got nothin' on either of us now," he said. "You're a genius!" I cried. "'Ee's got no names, no addresses, no car number, no nothin'," he said. "You're brilliant!" "I think you'd better pull off this main road as soon as possible," he said. "Then we'd better build a little bonfire and burn these books." "You're a fantastic fellow!" I exclaimed. "Thank you, guv'nor," he said. "It's always nice to be appreciated."

**Adaptado de *Completely Unexpected Tales* de Roald Dahl**



1. Match the words in the right with its definition on the left.

1. Flabbergasted (line 13)	a) A piece of metal at one end of a belt or strap, used to fasten the two ends together.
2. Buckle (line 17)	b) To smile a wide smile.
3. Shoelace (line 24)	c) (Informal) to steal something.
4. Grin (line 51)	d) Shocked
5. Nick (line 61)	e) someone who makes objects from gold
6. Pickpocket	f) A thin string or strip of leather used to fasten shoes.
7. Goldsmith	g) a thief who steals things out of pockets or bags

1	2	3	4	5	6	7

Elaboração própria

2. In your own words define a fingersmith.

---

---

---

3. Do you think the hitchhiker should be arrested?

---

---

---



## *The Hitchhiker by Roald Dahl - Quiz*



**1. What kind of car does the narrator drive?**

- a) BMM
- b) BMW
- c) Corvette
- d) Mercedes

**2. Why does the narrator give a lift to the hitchhiker?**

- a) He hates travelling alone.
- b) He loves dangerous situations.
- c) He likes hitchhikers.
- d) He remembers when he was a hitchhiker and no one in a nice car would stop to give him a lift.

**3. Where did the hitchhiker wanted to go?**

- a) The casino.
- b) The horse races.
- c) The horse stables.
- d) Downtown.

**4. Why does the hitchhiker want the narrator to speed the car to as fast as it will go?**

- a) He wants to get him in trouble.
- b) He has pizza waiting for him at home.
- c) He wants to see if the car dealer was telling the truth on how fast the car will actually go.
- d) He likes speeding on the highway.

**5. What does the policeman that is so rude?**

- a) He screams very loud to their ears.
- b) He burps out bad pizza breath.
- c) He spits on the car.
- d) He spits on the wheel.

**6. How fast was the car going?**

- a) 120 mph
- b) 130 mph
- c) 125 mph
- d) 200 mph

**7. What did the policeman say would happen to the narrator?**

- a) He would get a spanking.
- b) He would get a huge fine and 3 days in jail.
- c) He could get his license taken away forever.
- d) He would get a huge fine, his license taken away, and sent to prison.

**8. What did the hitchhiker say his job was?**

- a) He was a goldsmith.
- b) He was a pickpocket.
- c) He was a fingersmith.
- d) He was a silversmith.

**9. What happened to the speeding ticket the police officer gave to the narrator?**

- a) The hitchhiker snuck it out of the policeman's pocket and later he and the driver burned the ticket.
- b) The hitchhiker stole it and ate it.
- c) The hitchhiker stole it and threw it out of the window.
- d) The hitchhiker snuck it out of the policeman's pocket and put it in his underwear.

**10. Why won't the hitchhiker steal anything from the narrator?**

- a) Because he only steals from the poor.
- b) Because the narrator is not a policeman.
- c) Because the narrator isn't weird.
- d) Because the narrator is nice and gave him a ride.

1. What kind of car does the narrator drive?

**A**

*BMM*

**B**

*BMW*

**C**

*Mercedes*

**D**

*Corvette*

2. Why does the narrator give a lift to the hitchhiker?

**A**

*He hates travelling alone*

**B**

*He loves dangerous situations*

**C**

*He likes hitchhikers*

**D**

*He remembers when he was a hitchhiker and no one in a nice car would give him a lift*

3. Where did the hitchhiker want to go?

**A** The casino

**B** The horse races

**C** The horse stables

**D** Downtown

4. Why does the hitchhiker want the narrator to speed the car to as fast as it will go?

**A** He wants to get him in trouble

**B** He has pizza waiting for him at home

**C** He wants to see if the car dealer was telling the truth on how fast the car will actually go

**D** He likes speeding on the highway

5- What does the policeman that is so rude?

**A** He screams very loud to their ears

**B** He burps out bad pizza breath

**C** He spits on the car

**D** He spits on the wheel

6- How fast was the car going?

**A** 120 mph

**B** 130 mph

**C** 125 mph

**D** 200 mph

7. What did the policeman say would happen to the narrator?

**A** He would get a spanking

**B** He would get a huge fine and 3 days in jail

**C** He could get his license taken away forever

**D** He would get a huge fine, his license taken away, and sent to prison

8. What did the hitchhiker say his job was?

**A** He was a goldsmith

**B** He was a pickpocket

**C** He was a fingersmith

**D** He was a silversmith

9. What happened to the speeding ticket the police officer gave to the narrator?

**A**

The hitchhiker snuck it out of the policeman's pocket and later he and the driver burned the ticket

**B**

The hitchhiker stole it and ate it

**C**

The hitchhiker stole it and threw it out the window

**D**

The hitchhiker snuck it out of the policeman's pocket and put it in his underwear

10. Why won't the hitchhiker steal anything from the narrator?

**A**

Because he only steals from the poor

**B**

Because the narrator is not a policeman

**C**

Because the narrator isn't weird

**D**

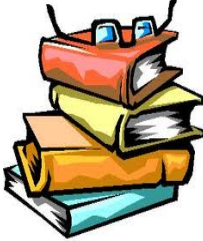
Because the narrator is nice and gave him a ride

## How to write a book review

Complete the text with the words below:

formal      short      audience      informal      concise      Reflection

A review is a \_\_\_\_\_ description of a book you have read. It can be written in a \_\_\_\_\_ or \_\_\_\_\_ style, depending on the \_\_\_\_\_ it is addressed to. It also encourages you building up a record as well as a \_\_\_\_\_ on what you have been reading. All reviews should be \_\_\_\_\_ and \_\_\_\_\_.

BIBLIOGRAPHIC INFORMATION	
Title: _____	
Author: _____	
Type of book/genre _____	
(love-story/historical/horror/crime/Thriller/sci-fi/other)	
CONTENT	
Setting: _____	
Characters: _____	
Summary of the story: _____	
Message: _____	
OPINION/ YOUR EVALUATION	
What I liked: _____	
What I disliked: _____	
I recommend this book because: _____	



## How to write a book review?

Complete the text with the words below:

Formal   short  
**concise**  
audience  
**informal**  
**reflection**



A review is a \_\_\_\_\_  
description of a book you have  
read. It can be written in a  
\_\_\_\_\_ or \_\_\_\_\_ style,  
depending on the \_\_\_\_\_  
it is addressed to. It also  
encourages you building up a  
record as well as a \_\_\_\_\_  
on what you have been reading.  
All reviews should be \_\_\_\_\_  
and \_\_\_\_\_.

[illegible]

## SUMMATIVE TEST

Topic: Extensive Reading

Theme: "A Christmas Carol" by Charles Dickens

9<sup>th</sup> Form - Level V

Name: \_\_\_\_\_

Teacher \_\_\_\_\_

Date: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### GROUP 1

#### A. Pre-Question

*"I will honour Christmas in my heart, and try to keep it  
all the year. I will live in the Past, the Present, and the  
Future. The Spirits of all Three shall strive within me. I  
will not shut out the lessons that they teach. Oh, tell me I may sponge  
away the writing on this stone!"*

*The Last of the three Spirits - stave 4 in "A Christmas Carol" by Charles Dickens*

*In no more than 70 words, comment on the excerpt from "A Christmas Carol". Can human beings change their behavior for the better as Scrooge does?*

---

---

---

---

---

---

---

## Read the text carefully.

The spirit came forward silently. When it was near him, Scrooge went down on his knees.

It was clothed in black. Its face and its shape could not be seen – only one outstretched hand. Only his hand separated it from the darkness all round it.

Scrooge felt that the spirit was tall as it became beside him. It filled him with a solemn sense of fear. It neither spoke nor moved.

"Are you the Ghost of Christmas Yet to Come?" asked Scrooge. The spirit did not answer, but pointed forwards with its hand. (...)

"I fear you more than any of the other spirits I have seen. But I know that you have come to do me good. I hope to live to be another man, different from what I have been. So I am ready to go with you, and with a thankful heart. Won't you speak?"

The spirit gave no reply, but its hand still pointed straight in front of them. The ghost stopped and pointed to some men standing together talking.

"I don't know what happened. I only know he is dead," said the first man.

"What he's done with his money?" said the second man, laughing.

"His funeral will be very cheap," said another man.

"Why?" asked the second man.

"He had no friends. Nobody will go", answered the first man.

Scrooge did not understand why the ghost wanted him to listen to this conversation, but he knew the ghost did not answer so he did not ask. (...)

He was in another place, standing by a bed with no curtains. On it lay something covered by an old piece of cloth, unwatched, unwept and uncared for, the body of a man.

The spirit pointed towards the head. The cover was so carelessly thrown over it that Scrooge could have lifted it with his finger and seen the face. But he dared not do it. As he looked at the bed he

thought, "The love of money has brought this man to a fearful end, truly!"

"Spirit," he said, "this is a fearful place, and I have learnt its lesson. Let's go."

Still the spirit pointed with unmoved finger to the head. (...)

"Isn't there any person in this town who has any feeling caused by this man's death?" asked Scrooge. "Show me one such person, Spirit, please." (...)

The spirit took him to Bob Cratchit's house. Scrooge saw the Cratchit family sitting quietly around the fire. They were talking about Tiny Tim.

"I met Mr Scrooge's nephew, Fred," said Bob, "and he said he was very sorry to hear about Tiny Tim." Bob turned to his family: "Let's never forget what a good, gentle boy he was, even if he was just a little child."

"Spirit," said Scrooge, "I believe that the time for you to leave me is near. Tell me what man was it that we saw lying dead?" (...)

*B. What do the following pronouns refer to?*

<i>him</i> (line 15)	<i>it</i> (line 16)	<i>his</i> (line 45)	<i>he</i> (line 105)	<i>he</i> (line 110)

*C. Find the words in the text that mean the same as:*

<i>silently</i>	<i>serious</i>	<i>fright</i>	<i>obscurity</i>

*D. Answer the following questions according to "A Christmas Carol".*

*1. How does the last of the three spirits look like? Justify your answer by quoting from the text.*

---

---

---

*2. Explain why the visions of the future would convince Scrooge to alter his life.*

---

---

---

*3. When does Scrooge understand that the dead man is he himself?*

---

---

---

4. Which spirit had the greatest effect on Scrooge? Why?

---

---

---

GROUP II

A. Select a word or phrase that would correctly complete the sentences.

1. Everyone was home for the holidays. What could make for \_\_\_\_\_ Christmas than that?

- a merryer
- the merriest
- a merrier

2. London is \_\_\_\_\_ than Lisbon.

- foggy
- more foggier
- foggier

3. Mr. Scrooge is \_\_\_\_\_ in town.

- Wealthiest
- Most wealth
- Wealthier

4. Mr. Scrooge is a changed man. He is much \_\_\_\_\_ now.

- Happiest
- Happyer
- Happier

5. Mr. Scrooge bought the \_\_\_\_\_ turkey and gave it to Bob Cratchit.

- More expensive
- Most expensive
- expensive

6. The visit of the three Spirits was the \_\_\_\_\_ thing that happened to Mr. Scrooge.

- Good
- Better
- Best

GROUP III



*"Ossian Conjures up the Spirits with His Harp on the Banks of the River of Lorca",  
by François Gerard circa 1811*

*In no more than 150 words describe each Spirit's appearance. Using complete sentences, explain the lesson that Scrooge learns from each Spirit. Use the painting by François Gerard as a starting point. Make use of the learnt structure as much as possible.*

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

9<sup>th</sup> Form - Level V

Topic: Extensive Reading

Teacher: \_\_\_\_\_

Theme: "A Christmas Carol" by Charles Dickens

Date: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

CONTENTS	COMPREHENSION	USE	PRODUCTION
<p><u>Topic:</u> Extensive Reading</p> <p><u>Theme:</u> A Christmas Carol</p> <p>➤ Reading comprehension;</p> <p>➤ Grammatical content: Degree of adjectives</p> <p>➤ Written Production</p>	<p><u>GROUP I</u></p> <p>B. References 5x5=25 points</p> <p>C. Synonyms 4x5=20 points</p> <p>D. Comprehension questions 4x10= 40 points</p>	<p><u>GROUP II</u></p> <p>A. Fill in the gaps with the degree of adjectives.</p> <p>6x8= 48 points</p>	<p><u>GROUP I</u></p> <p>A. Pre-Question 25 points</p> <p><u>GROUP III</u></p> <p>Written Production 42 points</p>
SCORE: 200 points	85 points	48 points	67 points
CRITERIA	<p><u>GROUP I</u></p> <p>B. Correct/Incorrect</p> <p>C. Correct/Incorrect</p> <p>D. Meaning: 30 points</p> <p>Form: 10 points</p>	<p><u>GROUP II</u></p> <p>A. Correct/Incorrect</p>	<p><u>GROUP I</u></p> <p>A. Meaning: 15 points</p> <p>From: 10 points</p> <p><u>GROUP III</u></p> <p>Meaning: 30 points</p> <p>Form: 12 points</p>



9º Ano - Nível V

Professor: \_\_\_\_\_

Data do teste:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Critérios de Correção (1)**

**I - 85 pontos**

**B• 25 Pontos - Certo/Errado**

**C• 20 Pontos - Certo/Errado**

**D• 40 Pontos - Conteúdo: 30 pontos; Forma: 10 pontos**

**Critérios de Correção (2)**

**II - 48 Pontos**

**A• 20 Pontos - Certo/Errado (6x8 pontos)**

**Critérios de Correção (3)**

**I - 85 Pontos**

**A• 25 Pontos**

**15-25 Pontos**

- *Sem erros de estrutura;*
- *Número mínimo de palavras exigido;*
- *Fidelidade ao tema;*
- *Boa organização de ideias;*
- *Clareza de expressão;*
- *Boa/Razoável amplitude de vocabulário.*

### 10-14 Pontos

- *Alguns erros de estrutura;*
- *Número mínimo de palavras exigido;*
- *Fidelidade ao tema*
- *Razoável organização de ideias;*
- *Expressão, por vezes, pouco clara;*
- *Pouca amplitude de vocabulário.*

### 1-9 Pontos

- *Muitos erros de estrutura;*
- *Número de palavras inferior ao mínimo exigido;*
- *Fuga ao tema;*
- *Deficiente organização de ideias;*
- *Dificuldades de expressão;*
- *Utilização repetitiva do vocabulário.*

## **III - 42 Pontos**

### 35 - 41 Pontos

- *Sem erros de estrutura;*
- *Número mínimo de palavras exigido;*
- *Fidelidade ao tema;*
- *Boa organização de ideias;*
- *Clareza de expressão;*
- *Boa/Razoável amplitude de vocabulário.*

### 20 - 34 Pontos

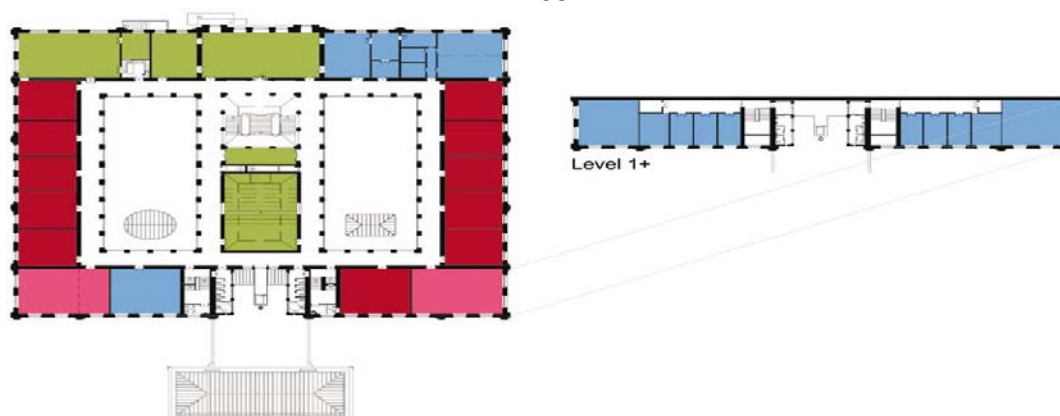
- *Alguns erros de estrutura;*
- *Número mínimo de palavras exigido;*
- *Fidelidade ao tema*
- *Razoável organização de ideias;*

- *Expressão, por vezes, pouco clara;*
- *Pouca amplitude de vocabulário.*

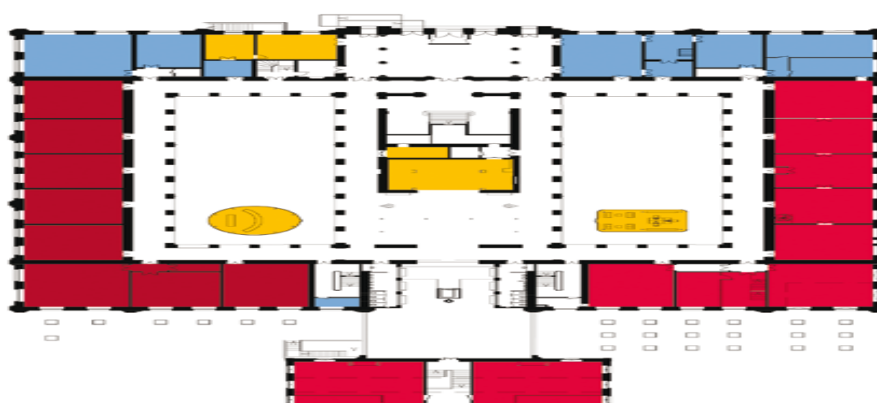
### **1 – 19 Pontos**

- *Muitos erros de estrutura;*
- *Número de palavras inferior ao mínimo exigido;*
- *Fuga ao tema;*
- *Deficiente organização de ideias;*
- *Dificuldades de expressão;*
- *Utilização repetitiva do vocabulário.*

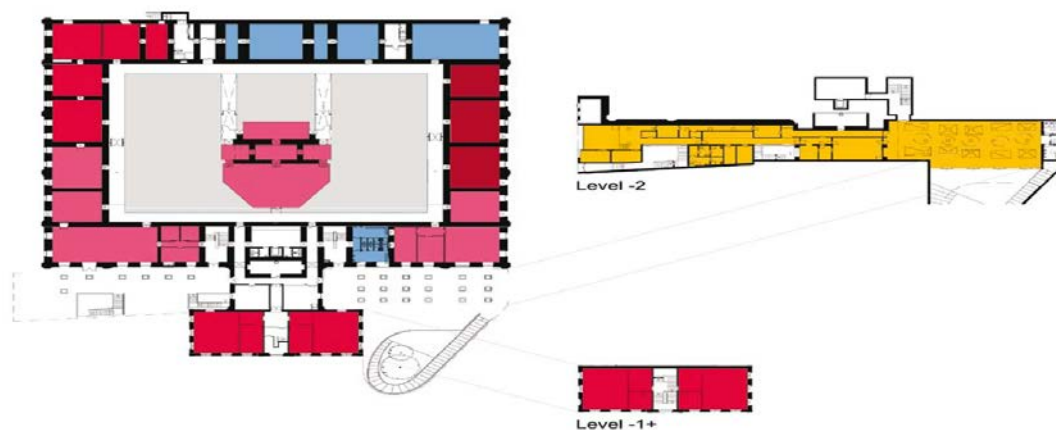
Piso 1



Piso 0



Piso -1



LEGENDA: PISO -1 | PISO 0 | PISO 1

SALA DE AULAS

ÁREA DESPORTIVA

ÁREA DE DOCENTES  
ÁREA ADMINISTRATIVA

CIÊNCIA & TECNOLOGIAS

ÁREA SOCIAL | RESTAURAÇÃO

CENTRO NOVAS  
OPORTUNIDADES

ARTES

BIBLIOTECA | POLIVALENTE

OFICINAS

